EDIÇÃO ESPECIAL DE COLECIONADOR

Rolling Stone

rollingstone.com.br

DOSSIÊ 40 ANOS DE

ROCK NACIONAL

SPRING

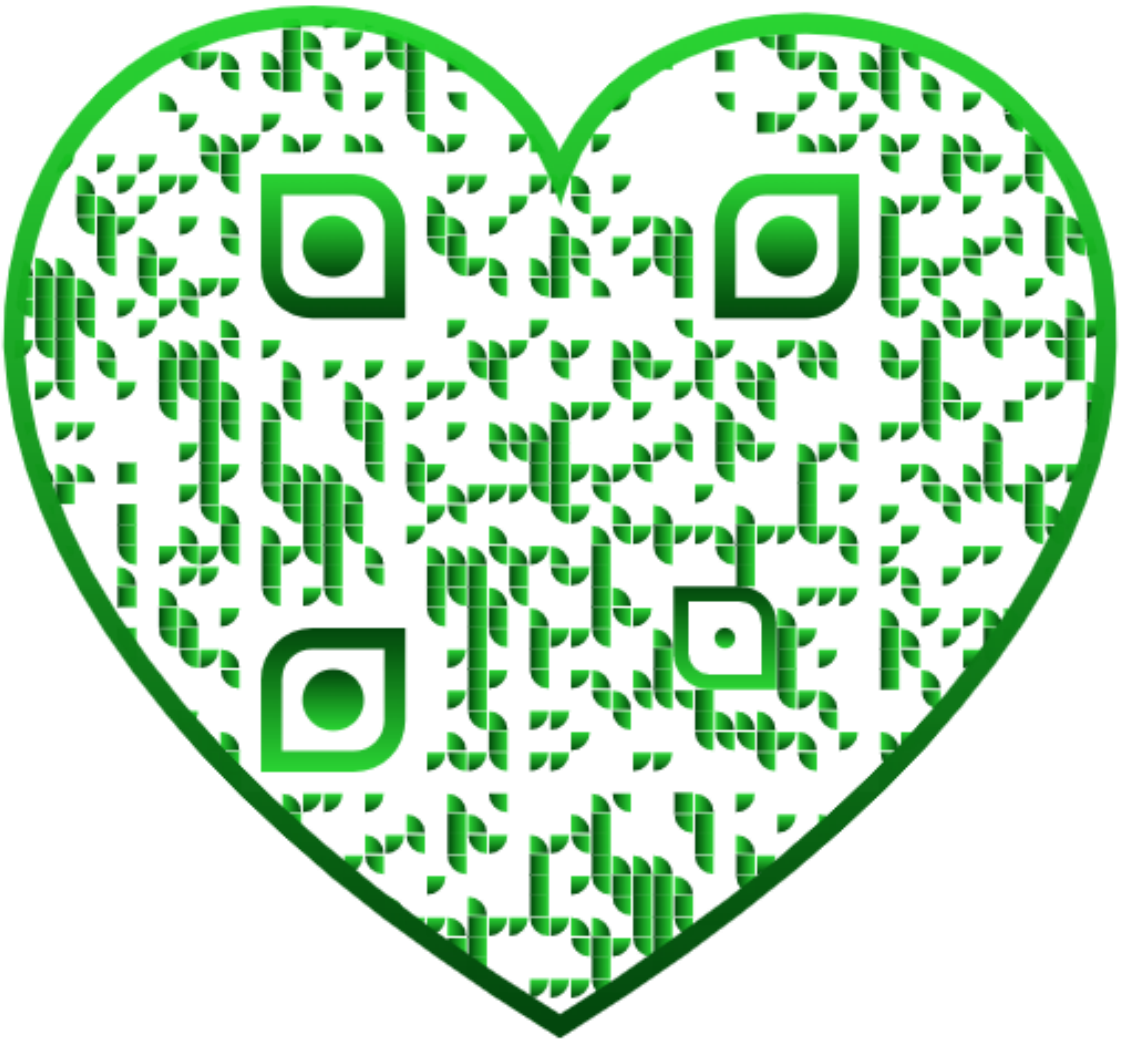
VERÃO DE 1982 QUANDO TUDO COMEÇOU

OS 80 DISCOS ESSENCIAIS DO ROCK BR

PLAYLIST AS 250 MÚSICAS INESQUECÍVEIS

COBERTURA COMPLETA DO FESTIVAL ROCK BRASIL

ARQUIVO RS RAUL SEIXAS • CAZUZA • RENATO RUSSO



Conheça a programação

NO CCBB TAMBÉM TEM ROCK'N'ROLL

O Centro Cultural Banco do Brasil comemorou os 40 anos do Rock Brasil repleto de atividades. Teve show, gente balançando a cabeça, exposição, cinema, palestra, teatro e musical. Tudo para deixar cada vez mais vivo um período de ouro do rock nacional.

Por falar em ouro, quem tem Ourocard tem benefícios exclusivos para curtir ainda mais a experiência de estar no CCBB.

CCBB. A arte de portas abertas.

Peça seu Ourocard e tenha benefícios exclusivos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

40 anos do rock nacional. -- 3. ed. -- São Paulo :
Editora Spring, 2022. -- (Rolling Stone)

ISBN 978-85-62921-06-3

1. Bandas (Música) - História 2. Música brasileira
3. Rock - Brasil - Discografia 4. Rock - Brasil -
História 5. Rock - Brasília - História 6. Rock
(Grupos) - Brasil I. Série.

22-112079 CDD-781.660981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Rock : Música : História 781.660981

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/1712
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/41484

Editorial DEPOIS DAQUELE VERÃO

O VERÃO DE 1982 É CONSIDERADO O MARCO ZERO do rock nacional. Este período de efervescência cultural trouxe uma revolução nos (bons) costumes brasileiros, transformou o cenário musical da época e se estabeleceu como um manifesto puro daqueles e destes tempos.

O *Festival Rock Brasil 40 Anos* é uma mostra desta relevância, trazendo aos palcos o calor de um Rio de Janeiro marcado pelo surgimento da casa de shows Circo Voador, pelo filme "Menino do Rio" e pela programação da Rádio Fluminense FM, que levou a nova música a novos ouvidos. "Tinha uma ambição artística, mas por outro lado, um desprendimento muito grande. Duvido que qualquer outra época tenha sido mais legal do que o Rio de Janeiro do começo dos anos 1980. Era sensacional", relembra o cantor Leo Jaime. E não demorou para essa "onda boa" rapidamente se espalhar pelo restante do país.

Somado ao olhar apurado do fotógrafo Marcos Hermes, que imortalizou vários dos artistas surgidos nestas últimas décadas – em um portfólio que você acompanha mas páginas a seguir –, a *Rolling Stone Brasil* preparou este dossiê do "verão do rock" que, além de servir como um tributo, torna-se um documento imprescindível para a compreensão dos anseios e méritos daquela geração tão diversa e criativa. Completando a edição especial, criamos uma lista definitiva com os 80 discos mais importantes produzidos pelo rock nacional na década de 1980, além de uma playlist com algumas das 250 músicas que marcaram época. É começar a ouvi-las para retornar imediatamente a aqueles bons tempos que se foram... e que continuam a fazer falta até hoje.

Ademir Correa e Pablo Miyazawa – EDITORES

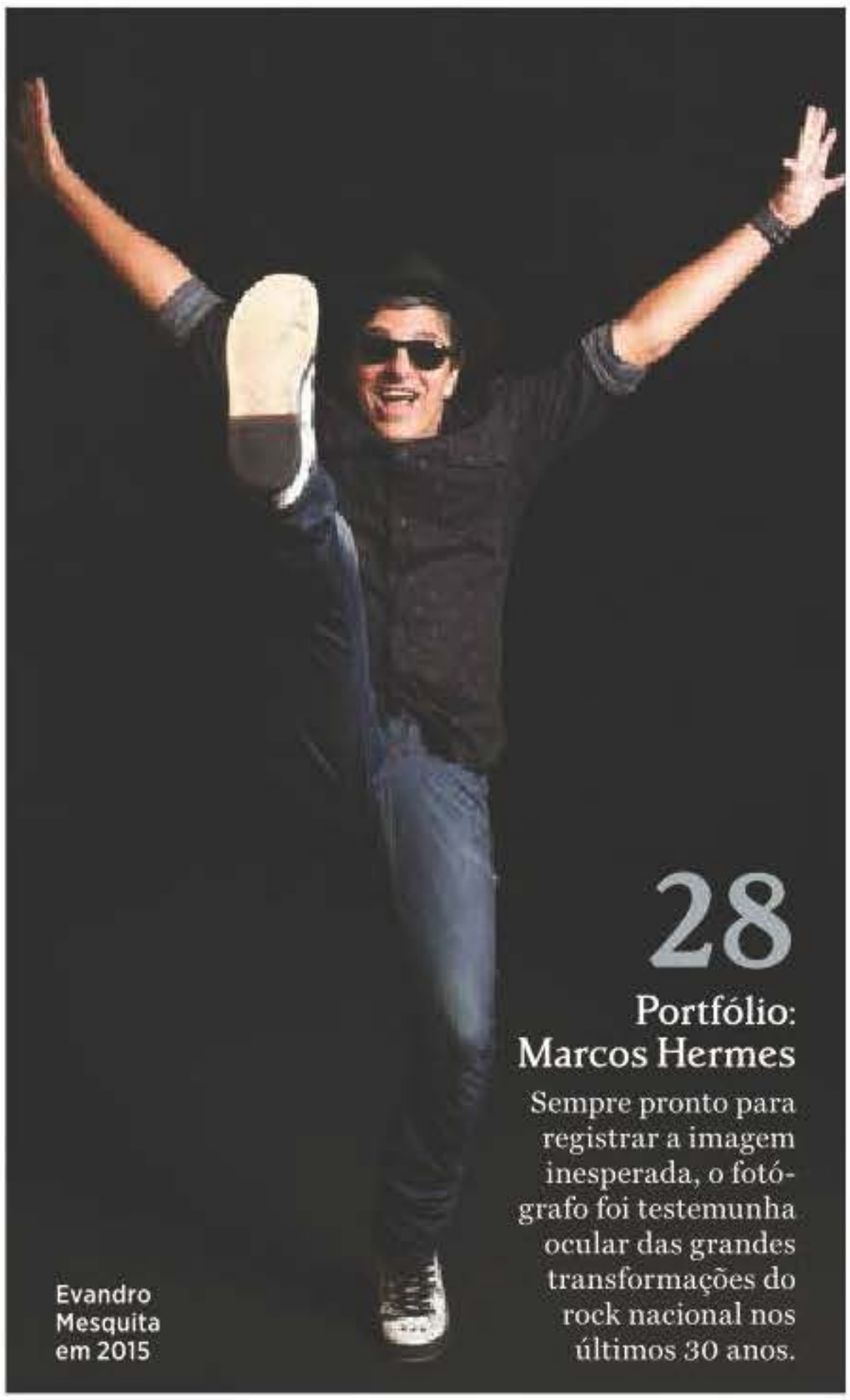
Índice

6 **O Voo de Uma Geração**
Como o "verão de 1982" mudou a cara do Brasil ao espalhar a onda boa da juventude carioca pelo país.
Por Alexandre Matias

14 **A Grande Festa do Rock**
Com dezenas de atrações e shows históricos, o *Festival Rock Brasil 40 Anos* celebrou o movimento musical que tomou o país de assalto na década de 1980.

39 **Especial: Os 80 Maiores Discos do Rock Nacional**
Quais são os álbuns que revolucionaram a música brasileira na década de 1980 e que continuam a fazer a diferença até hoje?
MAIS: Playlist com as 200 canções essenciais.

72 **Arquivo RS: Ontem, Hoje e Sempre**
Mais de duas décadas após a morte de **Renato Russo**, a obra do artista alimenta a ideia de que seu trabalho jamais será equiparado.



Evandro Mesquita em 2015

MARCOS HERMES

Portfólio: Marcos Hermes
Sempre pronto para registrar a imagem inesperada, o fotógrafo foi testemunha ocular das grandes transformações do rock nacional nos últimos 30 anos.

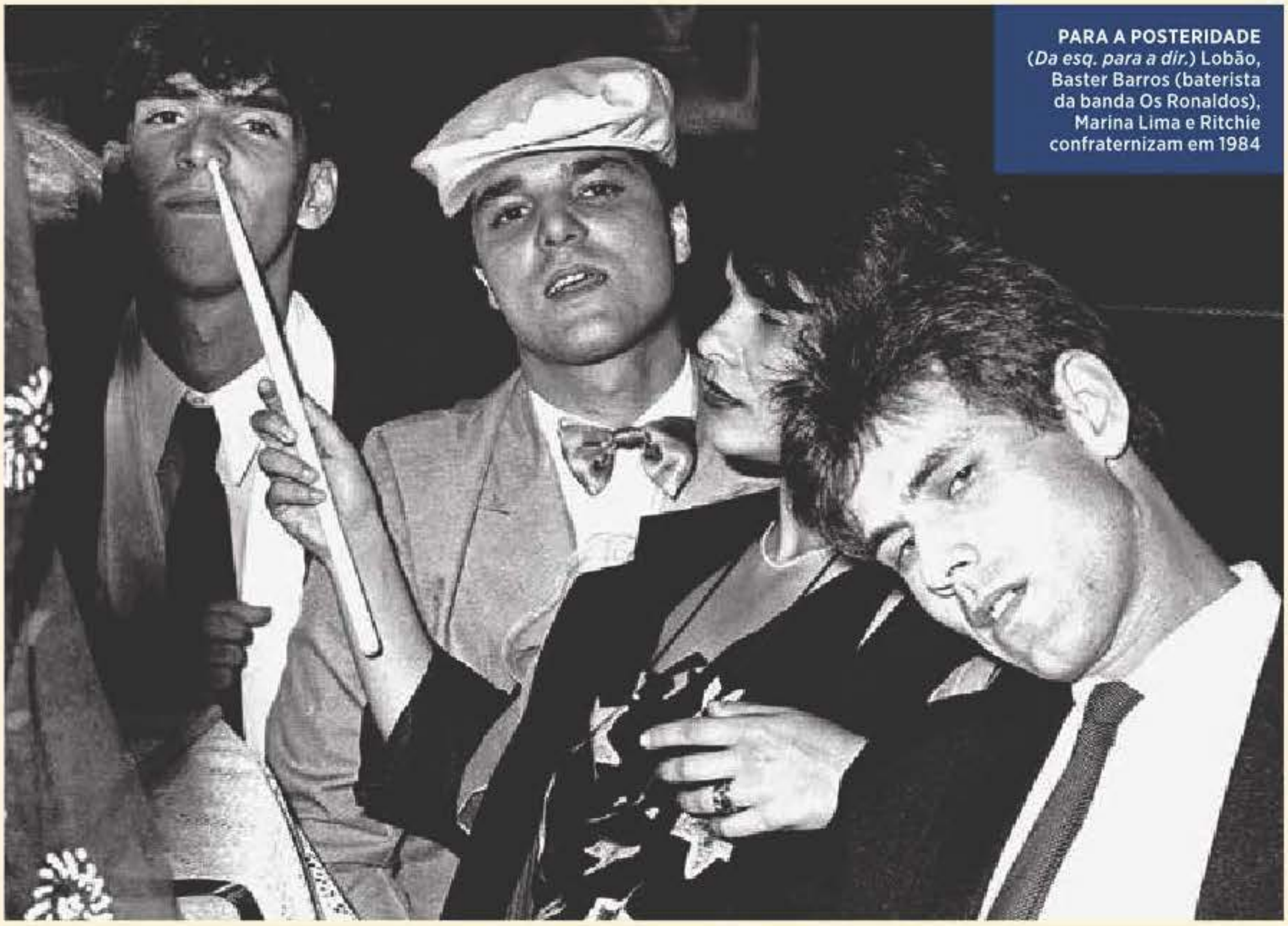
78 **Arquivo RS: Eternamente Exagerado**
Cazuza cantou as dores com uma verve poética que, décadas após sua morte, transcende a passagem do tempo.

84 **Arquivo RS: Moleque Maravilhoso**
O lendário **Raul Seixas** é lembrado em depoimentos por seus primeiros colaboradores e amigos de infância como uma alma consagrada ao rock'n'roll.

92 **Discografia Raul Seixas**
Apesar de os hits serem bastante presentes, a obra do "maluco beleza" continua a merecer um olhar mais aprofundado.

94 **Tributo: Era Um Garoto Que Como Eu Amava os Beatles e a Rolling Stone**
Um leitor relembra a saga da célebre edição original da *RS* brasileira, que revolucionou a imprensa cultural nos anos 1970.

CAPA Ilustração de Daniel Mangione sobre imagem de Clemente Nascimento (fotografado por Diego Padilha)



PARA A POSTERIDADE (*Da esq. para a dir.*) Lobão, Baster Barros (baterista da banda Os Ronaldos), Marina Lima e Ritchie confraternizam em 1984

O VOO DE UMA GERAÇÃO

No mítico "verão de 1982", a fundação do Circo Voador, o filme *Menino do Rio* e a Rádio Fluminense mudaram a cara do Brasil ao espalhar a onda boa da juventude carioca pelo país

"NÃO TINHA A MENOR CHANce de dar certo, então foda-se, vamos fazer!" Assim o cantor e compositor Leo Jaime sintetiza o espírito de uma das temporadas artísticas mais intensas da vida cultural brasileira recente. O verão de 1982 no Rio de Janeiro liberou vontades que vinham sendo represadas desde os anos 1960, que explodiram como marca da juventude que iria transformar a nova década. O rock nacional foi o principal fruto deste período, mas não o único – e sua influência mudou a vida cultural brasileira para muito além da música.

A virada de 1981 para 1982 assistiu ao primeiro voo do Circo Voador, no dia 15 de março de 1982, ainda localizado no Arpoador. Esta pode ser considerada a primeira semente do que hoje é referido como a geração do rock brasileiro dos anos 1980, que completa quatro décadas como uma das maiores utopias da história da juventude no país. A princípio um projeto temporário, surgido dos resquícios de um grupo de teatro transgressor – o Asdrúbal Trouxe o Trombone –, o Circo logo capturou a veia pop daquele

POR **ALEXANDRE MATIAS**
FOTOS: **CRISTINA GRANATO**

JOVENS E PREMIADOS
Evandro Mesquita e Fernanda Abreu recebem o disco de ouro pela Blitz em 1985

momento ao lado de outros acontecimentos, como a estreia nos cinemas de *Menino do Rio*, dirigido por Antônio Calmon. O filme estrelado por André de Biase no papel-título conectou-se com a aurora daquela nova juventude carioca, que mais tarde serviria de modelo a outros projetos de maior escopo, como o seriado *Armação Ilimitada* e as novelas *Top Model e Vamp*.

Aquele mesmo verão também assistiu a uma mudança drástica na programação de uma rádio de pequeno porte localizada em Niterói, cidade vizinha à capital do estado. A Fluminense FM foi a primeira rádio do Brasil dedicada apenas a tocar rock, em uma missão quixotesca dos programadores Luiz Antonio Mello, Sergio Vasconcellos e Amaury Santos. Percebendo uma transformação comportamental em andamento, eles propuseram mudanças radicais na emissora, trabalhando apenas com locutoras femininas e abrindo espaço para o rock – o apelido "a Maldita" acabou sendo eternizado na primeira transmissão, em 1° de março de 1982.

Não foi algo que surgiu do nada. "Os anos 80 beberam muito dos anos 60 e 70", lembra Evandro Mesquita, vocalista e fundador da Blitz, que na década anterior foi um dos integrantes do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. "Toda aquela coisa do *Woodstock*... E as músicas que a gente gostava de ouvir não tocavam nas rádios."

Havia pequenos "caldeirões sociais" que proliferavam à distância do mainstream, e que, aos poucos, incubaram a revolução cultural que eclodiu naquele verão. Um deles foi a descoberta da praia de Saquarema como o refúgio para uma nova geração de surfistas nos anos 1970. "Era um Havaizinho nosso, a nossa Jamaica", Mesquita relembra, sorrindo. "A gente alugava a casa do pescador e ficava cozinhando aquele arroz integral duro, com muita fome de viver. Tinha as fogueiras, a espiritualidade junto à natureza, a troca de informações de gente que ia pra fora ver o show do Pink Floyd, os gringos meio mochileiros, a gente compondo em português e esperando os fins de semana quando vinham as meninas, aquele cardume de *inhas*: Lurdinha, Leilinha, Claudinha... A vida pulsava muito forte."

Evandro também recorda-se do tempo em que Dadi, baixista que era amigo da turma, começou a se embrenhar no primeiro escalão da música pop brasileira da época, primeiro tocando com Jorge Ben e depois com os Novos Baianos. O músico era um ídolo para os amigos. "A gente convivia com os Novos Baianos, vi muito ensaio deles, no galinheiro do sítio, com o pau quebrando, Pepeu, Jorginho, Baby, todo mundo... Era um oásis!", emociona-se o vocalista da Blitz, enfatizando também a importância do futebol para aqueles encontros.

"A gente levava a galera da praia pra jogar e eles traziam os jogadores profissionais, como Jairzinho, Dé, Paulo César Lima... Eram clássicos maravilhosos, jogados num campo em

O verão de 1982 liberou vontades represadas desde os anos 1960, que explodiram como a marca da juventude que transformaria a nova década. O rock foi o maior fruto deste período, mas não o único

Vargem Grande, lindo, cercado de bananeiras, um puta gramado", lembra Evandro, enumerando outras influências de seu futuro grupo: "Mutantes, Jovem Guarda, Novos Baianos, Zé Kéti, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Led Zeppelin, Beatles e Stones, tudo isso vinha no nosso liquidificador".

LEO JAIME RECORDA-SE DO PE-ríodo anterior ao Circo Voador como o prenúncio de que algo novo iria acontecer. As festas e shows lotavam apenas no boca-a-boca, sem precisar de cartazes pela cidade ou notinhas nos cadernos de cultura dos dois jornais do Rio da época, *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Eram encontros de uma nova geração que se reunia em um ponto de Ipanema onde uma geração anterior encontrou refúgio, o Pier de Ipanema, região também conhecida desde o início dos anos 1970 como "dunas do barato" ou "dunas da Gal".

A construção do horroroso pier que levava o emissário submarino – com os dejetos cariocas – para o alto mar não só mudou o relevo da praia, criando as tais dunas que batizaram o local, como mexeu com a força das ondas do litoral, tornando-as boas para o surfe. A turma que se reunia ali durante aquela década transpirava a contracultura que sobrevivia no período militar, ao mesmo tempo em que preparava o terreno para a geração seguinte.

AMIGOS DE FÉ
(*Acima*) Ney Matogrosso parabeniza Cazuza em sua festa de aniversário de 28 anos, em abril de 1986; (ao lado) Leoni e João Barone em 2003

"O pessoal da [*publicação de humor*] *Casseta Popular* queria juntar um dinheiro para lançar a primeira revista, aí montou esse barzinho em Botafogo em uma obra que estava parada", conta Leo Jaime, sobre as primeiras movimentações da cena dos anos 1980. "Foi ali que o Evandro viu a Fernanda [*Abreu, cantora*] pela primeira vez e depois a chamou para a Blitz. Era um ponto de encontro da galera que ia à praia no Posto 9 – que não era o Posto 9 como é hoje –, na frente do hotel Sol Ipanema. Aí vinha o Alvin, o Cazuza, todo mundo..."

"Desde a época do Pier, nos anos 70 e muitos, a trincheira que aquela obra fazia era uma trincheira do underground", lembra Evandro Mesquita. "Era uma época de grande repressão, mas ali era uma zona de liberdade inacreditável, de união de várias tribos: surfistas, peladeiros, galera do jiu-jitsu, artistas plásticos, cantores... Todo mundo trocava informações, e topless e cabelo na cintura."

Leo Jaime lembra que neste mesmo período começou a tocar com a banda João Penca e Seus Miquinhos Amestrados – que nem era uma banda de verdade, mas um grupo de amigos que moravam no mesmo prédio e gostavam de fazer música e piada juntos. Quando Leandro Verdeal, que depois passaria a se apresentar como Selvagem Big Abreu, soube que aquele goiano recém-chegado de Brasília também compunha rockabillys, ele o chamou para tocar com sua banda.

Com Jaime, os Miquinhos montaram outra banda, chamada Nota Vermelha, que contava com Fernanda Abreu nos vocais e Fábio Fonseca nos teclados, para revezar com os próprios Miquinhos, tocando quinzenalmente naquele novo bar. "Mas não existia um circuito rock, não tinha espaço para o rock, a banda tocava em festas", lembra Jaime. "O rock era uma coisa considerada iníqua mercadologicamente. Raul Seixas não era vendedor, a Rita Lee só foi começar a vender quando fez uma pegada mais pop com o Ro-

AFINADOS NO ROCK
Paulo Ricardo, Paula Toller e Leo Jaime soltam as vozes e harmonizam, em 1989

manter os Miquinhos como vocalistas de apoio para o disco e convenceu a gravadora a gravar uma música de Leo Jaime, "Rock da Cachorra", um rockabilly que chegou ao topo das emissoras de rádio ainda em 1981. Mas como Dusek era de uma outra geração e pertencia mais à MPB do que ao rock, aquela onda incipiente não chegou a decolar. Ao mesmo tempo, a turma de Evandro Mesquita aos poucos consolidava sua nova banda como uma das principais novidades do Rio de Janeiro naquele período.

A BLITZ SURGIU ENQUANTO O grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone dividia o palco do Teatro Ipanema com a cantora Marina (que na época ainda não usava o sobrenome Lima artisticamente). Evandro Mesquita era um dos protagonistas da apresentação *Aquela Coisa Toda*, e entre a peça e o show, ele e Ricardo Barreto, que se tornaria o guitarrista da banda, aproveitavam a possibilidade de tocar com microfones e amplificadores, algo que só conseguiam fazer em Saquarema, em uma casa de prostituição chamada Trapézio (apelidada pela turma de "Trepázio"). Eles começaram a mostrar as músicas para Lobão, que tocava bateria com Marina.

"Os anos 80 beberam muito dos anos 60 e 70. Toda aquela coisa do *Woodstock*... E as músicas que a gente gostava de ouvir não tocavam nas rádios" EVANDRO MESQUITA

berto [*de Carvalho*]. O rock não era uma solução mercadológica." O jogo começou a mudar a partir do sucesso orgânico dos Miquinhos, que começavam a tocar em diferentes festas, sempre trazendo um público enorme.

Jaime também lembra da primeira noite em que o grupo fez um grande show, quando abriu para o grupo Gang 90 & Absurdettes, que tocou em São Paulo após o sucesso no festival MPB-Shell e ao emplacar uma música ("Perdidos na Selva") em uma novela da Globo. "Nesta noite, um dos Miquinhos não foi e o Cazuza foi um dos backing vocals. O baterista da Gang 90 era o Lobão, e na plateia, quem assistiu encantado com os Miquinhos foi o Eduardo Dusek", continua o cantor.

Apaixonado pelos Miquinhos, Dusek (que atualmente utiliza o sobrenome Dussek) os chamou para fazer um espetáculo em conjunto e a ideia acabou se metamorfoseando no que seria o segundo disco solo do cantor, que havia chamado atenção no festival do ano anterior com a faixa apocalíptica "Nostradamus". Com Leo Jaime como integrante fixo, passaram seis meses ensaiando para o novo disco sem avisar ao diretor da gravadora, que dispensou o grupo carioca, com o argumento de que rock não vendia.

Transtornado, Dusek conseguiu

Até que uma namorada de Evandro disse que estava trabalhando na inauguração de um bar chamado Caribe, em São Conrado, criado pelos donos da grife Company, que precisava de uma banda para a noite inaugural. Sem que o grupo sequer existisse de fato, Mesquita disse que tinha uma banda e chamou Lobão para criá-la. O baterista deu a ideia de batizá-la de Blitz, pelo simples fato de que sempre eram parados pela polícia quando iam ensaiar em sua casa, no Juá.

Outro grupo importante deste período foi o Vímana, que já havia se desfeito no começo da década, mas que via alguns de seus integrantes – Ritchie,

VERÃO DE 1982

FESTA NOS BASTIDORES (*Acima*) Lulu Santos e Leo Jaime se encontram na peça *Nardja Zulpério*, em 1991; Paula Toller e Herbert Vianna, então um casal, comparecem ao show de Lulu Santos, em 1985

Lulu Santos e o próprio Lobão – aos poucos tentarem carreiras-solo. "A gente foi em vários shows do Vímana", lembra o baixista Leoni, que ainda não havia criado o grupo Kid Abelha e os Abóboras Selvagens. Na época, ele e o baterista da primeira formação do Kid, Beni Borja (que faleceu no fim de 2021), começaram a ter aulas de música com os integrantes do Vímana. "O Beni fez aulas com o Lobão na minha casa, enquanto eu fazia com o Fernando Gama, baixista do grupo. A gente conheceu o Ritchie e o Lulu Santos antes de a banda acabar. E foi o Lulu quem produziu nosso primeiro compacto, naquela época." "O Lobão e o Fernando Gama faziam um duo de violão tocando Villa-Lobos, no intervalo, e o Lulu era um músico de rock, não tinha espaço, era em quem eu menos botava fé", continua Leoni.

A energia estava no ar. A sensação de que alguma coisa iria acontecer e que partiria daquela nova geração já dominava o Rio de Janeiro, a ponto dos dois principais jornais da cidade apontarem a chegada de "uma nova era". O "verão do rock" não só marcava aquela novidade, como também anunciava o rock como uma coisa passageira, de estação. Aproveitar este espírito foi crucial para o passo definitivo daquele movimento.

Parte daquela geração era impactada pelos espetáculos do Asdrúbal Trouxe o Trombone, uma versão mais pop e musical de outros grupos teatrais do período, como o Arena e o Oficina, "As pessoas diziam que adoravam nosso show, mas era uma peça", lembra Mesquita. Em apresentações como *Trate-Me Leão*, *Aquela Coisa Toda* e *A Farra da Terra*, o Asdrúbal contava com os novatos Regina Casé, Patricia Travassos, Perfeito Fortuna, Luís Fernando Guimarães e Hamilton Vaz Pereira, além do futuro líder da Blitz, e estava no auge de sua carreira no início dos anos 1980, quando começou a se desfazer. E um dos primeiros passos rumo à dissolução foram três cursos ministrados por integrantes do grupo teatral.

"Foram cursos realizados no Parque Lage", lembra Leo Jaime, que mais tarde seria chamado para dirigir a parte musical de um dos espetáculos formados naquele processo. "Do curso do Evandro, saiu o grupo Banduendes por Acaso Estrelados, que ele fazia com a Patrícia Travassos. O Hamilton descobriu a Lídia Brondi no curso dele. E no curso do Perfeito, estavam a Katia Bronstein, o Cazuza e a Bebel Gilberto", continua o cantor, que lembra de ter ouvido pela primeira vez uma música do futuro vocalista do Barão Vermelho nesse período. "Eu nem sabia que o Cazuza tocava violão e ele pegou e tocou 'Down em Mim'. Eu não acreditei", conta.

O espetáculo que concluiria a turma de Perfeito Fortuna, com direção musical de Leo Jaime, pedia um palco. Mas as condições para se apresentar em teatros não se alinhavam com o que o grupo podia arcar, e não existiam casas para abrigar shows daquele porte.

Enquanto isso, a Blitz metia-se em várias roubadas e shows em lugares inusitados. Mas a banda suspendeu

FAZENDO MICAGENS Os integrantes do grupo João Penca e Seus Miquinhos Amestrados vivem a vida louca no programa *Cassino do Chacrinha*, em 1988

"Tinha ambição artística, mas por outro lado, um desprendimento muito grande. Duvido que qualquer outra época tenha sido mais legal do que o Rio de Janeiro do começo dos anos 80. Era sensacional" LEO JAIME

suas atividades quando Evandro foi para Nova York, passar uma temporada e "comprar um Ovation", se referindo ao desejado violão importado que todos queriam aqui no Brasil. A chuva de referências que recebeu nos Estados Unidos o fez voltar empolgado para o país e reunir novamente a Blitz, desta vez com duas vocalistas mulheres, para inaugurar o Circo Voador.

Foi quando alguém descobriu uma lona de circo abandonada na Praça XI, no centro do Rio de Janeiro, e o ator Perfeito Fortuna pensou transformá-la no teto comum para as diferentes transformações culturais que estavam tomando conta da cidade. Em princípio a lona foi armada na Praça da Paz, mas ele já pensava em um novo cenário para realizar aquele sonho. "A gente via que aquela juventude queria berrar mais alto", lembra Fortuna.

"A ideia de uma lona que abrigasse todas as artes e que não pagasse os tais 20% que os teatros cobravam era sensacional. Mas aí o Perfeito quis fazer no Arpoador, que era a 'sala' do Rio de Janeiro. Será que era possível?", lembra Mesquita, detalhando a estratégia de Fortuna, que passou a acompanhar Júlio Coutinho, então prefeito do Rio de Janeiro à época, nas sessões de cooper que o mesmo fazia pelas manhãs. Depois, tentou convencer dona Zoé, esposa de Chagas Freitas, então governador do estado, que facilitou os trâmites burocráticos para que o Circo saísse do papel.

"Imagina, uma rapaziada cabeluda, tudo doidão, montando um circo no Arpoador, o metro quadrado mais caro do Brasil?", lembra Fortuna, que também reforça outra mudança no que dizia respeito ao formato do espetáculo. "A gente não podia construir nada que ficasse fixo ali, tinha que ser algo que saísse fácil", continua o criador do Circo, explicando que aquele princípio favoreceu-se de conceitos que na época eram completamente novos: economia criativa, horizontalidade hierárquica, economia circular, empreendedorismo, mas tudo na prática, sem muita teoria. "A gente vendeu camisetas para bancar a estreia", conta, reforçando que a estratégia dava "a ideia de estádio e time" para

o Circo, diferente da lógica de palco italiano e cadeira de veludo dos palcos cariocas da época.

"Era uma geração muito pouco consumista e muito colaborativa", explica Leo Jaime. "A gente não tinha o que comprar, ninguém tinha que comprar relógio, celular, nada. O máximo que você tinha em termos de consumo era um Escort XR3 ou um Opala – e comprar uma casa ou um apartamento não era uma meta inatingível como passou a ser. O máximo que a gente ambicionava era vender livro mimeografado no Baixo Leblon, porque não tinham grandes necessidades nem grandes possibilidades." "Era tudo mais simples", ele define. "A gente foi a última lufada de ingenuidade antes que o cinismo lambesse tudo."

ARMANDO A TENDA
Em 15 de janeiro de 1982, o evento *Surpreendamental Parada Voadora* inaugurou a primeira versão do Circo Voador, na Praia do Arpoador (RJ). As fotos acima são de Marcelo Lipiani

O PRIMEIRO VOO DO CIRCO Voador aconteceu no dia 15 de janeiro de 1982. Mas cinco dias antes, mais de 800 artistas se reuniram onde seria o endereço original do Circo, na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, e seguiram até a Praia do Arpoador, onde seriam armados os andaimes de sustentação da futura arena. Esse evento de inauguração ficou conhecido como *Surpreendamental Parada Voadora*. Perfeito Fortuna também lembra da quantidade de grupos – tanto de teatro quanto musicais – que orbitavam ao redor da ideia do Circo, os quais não apenas trariam mais público para as apresentações ao vivo quanto também para os cursos, que eram dados de dia – ministrados pelas mesmas pessoas que se apresentariam às noites. "Isso é uma coisa que pouca gente fala, mas que é preciso ser frisada", lembra o baterista João Barone, que à época estava dando os primeiros passos com seu grupo Paralamas do Sucesso, que ainda não fazia shows. "O Circo no Arpoador não era só música, tinha muito mais coisas."

"O pessoal já estava na praia, no Posto 9, e em vez de sair da praia pra ir ao trabalho, saía da praia para ir ao trabalho... que era na praia", diverte-se Fortuna. "A gente ia pra lá às oito horas da manhã e tinha capoeira com o Mestre Camisa, depois dança, com a Graciela Figueroa, que tinha a Débora Colker junto. E eu fazia a programação musical, botando as bandas da praia que eu conhecia: Blitz, Barão, Brylho da Cidade, Atlântico Blues, Sangue da Cidade...", completa Evandro Mesquita.

Ao mesmo tempo, Evandro, que participou do show de abertura do Circo com a nova formação da Blitz, agora com duas novas vocalistas (Fernanda Abreu e Marcia Bulcão), também estreava nos cinemas de todo o Brasil no filme *Menino do Rio*, com um elenco de novatos formado por André de Biase, Cláudia Magno, Ricardo Graça Mello, Sérgio Mallandro, Cláudia Ohana, Cissa Guimarães e Nina de Pádua. A trilha sonora, a cargo de Guto Graça Mello e Nelson Motta, tentava antecipar aquela novidade comportamental, enfileirando artistas que estavam despontando no horizonte da década, como Lulu Santos, Bebel Gilberto, Rádio Táxi e nomes internacionais, como o grupo feminino Go-Go's, epítome da new wave que aos poucos dominava o pop internacional. Motta convidou dois novos compositores para gravar canções que compuseram em parceria: com Guilherme Arantes, escreveu "Corpos de Verão" e "Sob o Azul do Mar"; e com Lulu Santos, a emblemática "De Repente Califórnia", a qual, ao lado da faixa-título de Caetano Veloso, cantada por Baby Consuelo, ajudaram a espalhar a onda do verão de 1982 para o resto do Brasil.

Em março daquele ano, a Rádio Fluminense, em Niterói, ajudava a atiçar aquela novidade ao transformar-se na primeira rádio rock do Brasil. Sob o epíteto de "Maldita", que carregou até os anos 1990, a emissora também recebia e tocava as fitas daquelas novas bandas que não existiam fonograficamente – gravar um disco era muito mais complexo e caro do que hoje em dia. E a Blitz era uma das bandas que mais tocavam no início da rádio, por meio de "uma fitinha safada", como lembra Evandro Mesquita, que trazia versões ao vivo de músicas que seriam eternizadas em breve, como "Bye Bye Love", "O Beijo da Mulher Aranha", "De Manhã"

MARCELO LIPIANI

"Imagina, uma rapaziada cabeluda, tudo doidão, montando um circo no Arpoador, o metro quadrado mais caro do Brasil?" PERFEITO FORTUNA

e, claro, "Você Não Soube Me Amar". Tocar no rádio passava a ser uma realidade, e Leoni lembra da expectativa e do efeito de ouvir pela primeira vez a transmissão de uma faixa de sua banda, o Kid Abelha. "A mulher do meu pai tinha uns irmãos que eram publicitários, que faziam um programa para caminhoneiros e tinham um estúdio para gravar. Aí sobraram umas horas e a gente foi gravar nesse estúdio, sem saber nada. A primeira música que gravamos e a primeira que tocou no rádio foi 'Pintura Íntima'. Não dava para acreditar no que estava acontecendo. Os caras avisaram que iam tocar tal hora. Eu estava na casa do meu pai, que é advogado, super conservador, que ficou puto comigo porque eu queria fazer música. E a primeira vez que ouvi a canção no rádio foi na casa dele!"

"Mesmo antes do circo, os shows da Blitz eram o comentário da praia no dia seguinte, e todo mundo ficava falando e perguntando se ia tocar na rádio, se a gente ia gravar um disco", lembra Evandro Mesquita. Até que, jogando futebol com Evandro, no início de 1982, Jorge Davidson, diretor da gravadora EMI-Odeon, contou que o produtor musical Mariozinho Rocha havia sido convencido pelo grupo 14 Bis de que a Blitz era a melhor coisa do underground da época. Evandro reuniu-se com Mariozinho e levou recortes de jornal sobre a banda e a tal "fitinha safada". O produtor nem quis escutá-la, garantiu que bancaria a gravação do grupo no estúdio Transamérica e que chamaria o diretor da Rádio Cidade, então uma das maiores do Rio de Janeiro, para conhecer a banda. Evandro lembra que o executivo da emissora assistiu ao show da Blitz no estúdio e ficou encantado pelo potencial de "Você Não Soube Me Amar", chegando a comparar a nova banda ao grupo Secos e Molhados.

O primeiro compacto da Blitz foi lançado em 31 de março de 1982, após o encerramento das atividades do Circo Voador original, que foi reerguido na Lapa em outubro daquele ano. O disco continha apenas uma música – o lado B trazia somente a voz de Evandro Mesquita repetindo "nada, nada, nada...", sem acompanhamento – e vendeu um milhão e meio de cópias, espalhando de vez aquela onda carioca para o resto do Brasil.

Atualmente, fica claro que o movimento do verão de 1982 foi gerado pela tensão que existia na resistência contra a ditadura – que represava as novidades que aconteciam no mundo todo e não chegavam ao país –, mas também estava vinculado a uma certa alienação, por não ter a causa política como principal mote. "Teve um crítico da *Tribuna* que falou que a gente era a 'geração pós-desbunde'", lembra Fortuna, "porque essa geração não tinha o foco no 'contra' e sim a favor de outras maneiras de se viver. A gente estava saindo do 'o sonho acabou' para viver 'o sonho acordou', de sonhar o melhor sonho possível. Ser a favor de um espaço de liberdade para poder falar o que quiser, dançar como quiser, pintar o que quiser..."

"A gente não tinha nenhum exemplo, nenhum modelo a seguir", define Leo Jaime. "Tinha uma ambição artística, mas por outro lado tinha um desprendimento muito grande. Como não tem nada certo, vou fazer o que me der na telha. Não tem fórmula. Se meus amigos gostarem, tá bom, e era divertido. Eu não vivi outras épocas, mas duvido que qualquer outra tenha sido mais legal do que o Rio de Janeiro do começo dos anos 80. Era sensacional."

A Grande Festa

Com dezenas de atrações e shows históricos por quatro capitais, o *Festival Rock Brasil 40 Anos* celebrou o movimento musical que tomou o país na década de 1980 e deixou marcas profundas nas gerações seguintes

Capital Inicial

"As músicas das bandas de Brasília, como o Capital Inicial e a Legião Urbana, são atemporais. Se você prestar atenção às letras, elas valem até hoje, né? Esse é o ponto forte. E o Dinho [*Ouro Preto*] é um cara que sempre se destaca no palco e continua muito bem, né? Tanto fisicamente, de cabeça, como espiritualmente, ele está em um momento maravilhoso e dá para perceber isso durante os shows."

Do Rock

Por
Pablo Miyazawa

Blitz

"A Blitz é uma das bandas mais carismáticas desses 40 anos do rock brasileiro. Esses foram os shows mais celebrados pelos artistas que não estavam programados para tocar no dia, mas que foram lá só para assistir aos outros. O Evandro é um cara muito querido, as pessoas realmente gostam de ir só para vê-lo. Qualquer backstage fica mais animado quando tem o Evandro Mesquita. Aliás, como a gente teve a oportunidade de reunir quatro bandas por dia, o backstage sempre virava uma festa. Essa integração entre os artistas foi um ponto muito forte do festival."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

"EU ASSISTI A TODOS OS SHOWS!". A frase do produtor Peck Mecenas (*acima*) dá uma boa pista de seu nível de envolvimento com o *Festival Rock Brasil 40 Anos*, que aconteceu no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, de outubro último a junho deste ano. Aos 47 anos, ele é o idealizador e curador do evento patrocinado pelo Banco do Brasil – um combo de palestras, exposições fotográficas e artísticas, mostra de filmes, musicais, pocket shows e grandes apresentações de alguns dos nomes mais emblemáticos da geração do rock surgida nos anos 1980. Um veterano dos bastidores da música – na adolescência, ele trabalhou com a equipe do Barão Vermelho; mais tarde, envolveu-se com o Circo Voador, onde conheceu boa parte dos artistas desse movimento –, Peck quis colocar à prova seus 30 anos a serviço do rock nacional. "Quando o Banco do Brasil lançou esse edital, no início da pandemia em 2020, eu me senti com propriedade para escrever um projeto que fosse celebrar os 40 anos do rock brasileiro", ele explica. Nas páginas a seguir, Peck conta sobre a escolha do grande elenco de artistas do *Festival Rock Brasil 40 Anos*, além de dar seu olhar privilegiado sobre as apresentações que passaram pelas quatro capitais.

Marina Lima

"A verdade é que nunca houve muitas representantes mulheres no rock brasileiro, né? Tivemos a Rita Lee, a Paula Toller, hoje a Pitty... E temos a Marina, que por estar retornando após uma pausa, estava fazendo falta, atiçando a curiosidade de todos. E já que muita gente não a via há muito tempo no palco, todos os dias em que ela tocou no festival foram sucesso de bilheteria. O interessante é que, já que voltou a ensaiar para essa celebração de 40 anos do rock, ela aproveitou para marcar outras apresentações e sair em turnê."

Titãs

"Conversando com o [*Tony*] Bellotto, [*Sérgio*] Britto e o Branco [*Mello*] após um dos shows, comentei como é incrível que músicas como 'Diversão', 'Comida' e 'Polícia' tenham sido feitas há quase 40 anos e ainda sejam tão presentes em nosso cotidiano. Apesar de os Titãs terem voltado a fazer turnê, o Branco não tem participado por estar se recuperando de um problema de saúde. Mas ele fez questão de fazer, na raça, os shows do festival no Rio, São Paulo e Brasília. E ele cantou 'Cabeça Dinossauro', que é uma música que não tem como ser cantada por outro que não seja ele."

Humberto Gessinger

"O fundador dos Engenheiros do Hawaii é um cara que escreveu muitos hits na segunda metade dos anos 80, como 'Infinita Highway'. Então, os shows que ele fez no festival foram recheados de sucessos de todas as etapas da banda. Houve uma noite em que tive a chance de fazer um registro fotográfico de dois baixistas-vocalistas que admiro, que já lideraram bandas e hoje fazem shows de duas horas só de clássicos: o Paulo Ricardo, do RPM, e o Humberto. A participação dele foi importante, principalmente para ressaltar a representatividade do Rio Grande do Sul no rock brasileiro."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

Paulo Ricardo

"Confesso que o Paulo Ricardo foi uma das primeiras pessoas que a gente pensou em chamar. A gente está celebrando os anos 80 e, naquela época, o RPM foi comparado aos Beatles! Agora, eles estão celebrando os 35 anos do *Rádio Pirata Ao Vivo*, o grande clássico deles. Então ele fez a íntegra daquele disco, começando com 'Revoluções por Minuto', depois emendando 'Alvorada Voraz'... É um show para relembrar os anos 80 e é maravilhoso para quem curtiu aquela época. Os maridos é que ficam enciumados [*risos*]. Ele construiu uma carreira de sucesso com uma imagem maravilhosa de bom moço, e realmente é um cara formidável."

Barão Vermelho

"Acompanho de perto o Barão porque eles são meus amigos pessoais, e eu sempre digo a eles que esta é a terceira geração do grupo: a primeira foi com o Cazuza; a segunda, com o Frejat; e a terceira, agora, com o [*Rodrigo*] Suricato nos vocais. Ele está com eles desde 2017, então já são cinco anos, o que para eles é tempo para caramba! E o show está muito bom, o Suricato está cantando muito e a banda está muito azeitada, maravilhosa."

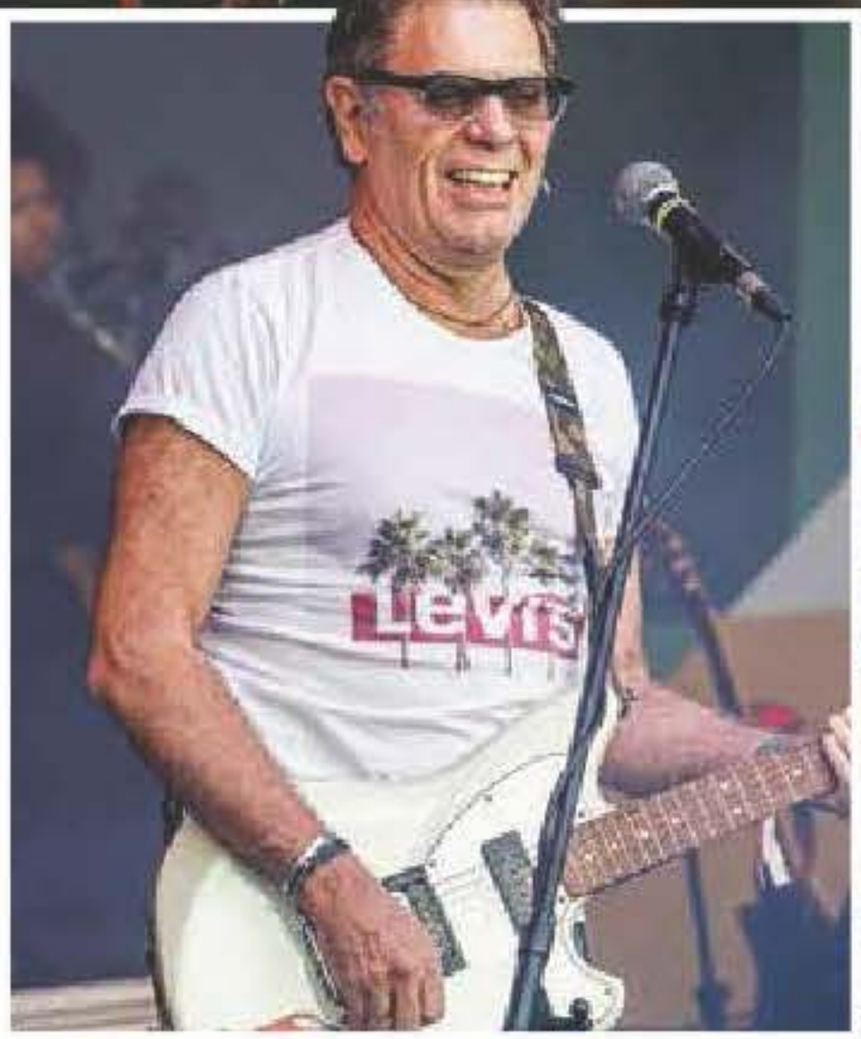
Frejat

"Para mim, o Frejat é um dos maiores representantes do rock brasileiro de todos os tempos, um dos maiores guitarristas e um dos maiores vocalistas. Ele apresentou músicas de todas as fases em que esteve à frente do Barão Vermelho, além de interpretar grandes influências dele, como o Tim Maia, por exemplo. 'Me Dê Motivo' é um grande blues, e ele fez um arranjo maravilhoso para essa. Foi um dos pontos mais altos do show."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

Arnaldo Antunes

"O Arnaldo é um dos protagonistas dos anos 1980, responsável por ter escrito clássicos da época, como 'Comida'. E no repertório desses shows, ele incluiu várias músicas que cantava junto com os Titãs. Ele fez uma versão maravilhosa para 'O Pulso', que é uma canção emblemática da banda. Além disso, ele encerra o show com 'Televisão'. O Arnaldo no palco é foda, então ele não podia ficar de fora de jeito nenhum."



Ultraje a Rigor

"O Roger também não está indo para a estrada com a banda, mas por ser uma celebração à geração da qual ele faz parte, fez questão de participar do festival. Ele aproveitou para fazer um show só de sucessos de todas as fases do Ultraje a Rigor: começou com 'Ciúmes', e daí, foi um hit atrás do outro. Ele é um cara muito politizado, como se sabe, mas nos shows, não se manifestou sobre isso – ficou focado só na música e em cantar."

Os Paralamas do Sucesso

"De todas as 20 apresentações que tivemos na Marina da Glória no Rio de Janeiro, a d'Os Paralamas certamente está entre as três principais, porque também foi um show só de sucessos. Ver o público cantando junto tantas músicas, 'Meu Erro', 'Óculos'... Parecia até que estávamos no Maracanã. Foi emocionante. Paralamas é isso, emoção, né? Só de ver aqueles três irmãos no palco, há tanto tempo juntos... É muita energia."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

Rogério Flausino & Wilson Sideral

"Eu sabia que o Flausino e o Sideral tinham montado um show em homenagem ao Cazuza com o aval da Lucinha Araújo [*mãe de Cazuza*]. Quando tive a ideia do festival, eu mesmo os chamei para participar. Daí a empresária da Bebel Gilberto soube que eu estava com o projeto e entrou em contato, sugerindo o nome dela. Eu adorei a ideia e a convidei para cantar três músicas com os irmãos. É lógico que uma foi 'Preciso Dizer Que Te Amo', que é uma canção muito clássica dela com o Cazuza e coescrita com o Dé Palmeira, baixista original do Barão Vermelho."

Leoni

"O Leoni para mim é um dos maiores compositores do pop rock. Fez música com o Cazuza, 'Exagerado', e é um super letrista na época dele com o Kid Abelha, em parceria com a Paula Toller. Depois, teve uma banda chamada Heróis da Resistência, que teve alguns hits, como 'Só Pro Meu Prazer'. E na carreira solo, também lançou coisas ótimas. Então, é um show só de sucessos, e é incrível."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

Ira!

"O Ira! é uma banda de muitos hits, de rock and roll na veia. O Nasi e o [*Edgard*] Scandurra tiveram a oportunidade de fazer um show acústico maravilhoso em BH. E nas outras apresentações, tocaram nas mesmas noites do Camisa de Vênus, Titãs, Ultraje e Plebe Rude, o que foi muito legal, porque gerou um público diferente – uma galera que gosta de um figurino, com munhequeira, botina... E o Nasi é rock and roll demais no palco, nesse papel de líder de banda."

Leo Jaime

"Os shows do Leo foram divertidíssimos. Inclusive, a apresentação no Rio de Janeiro foi no dia do aniversário dele, em 23 de abril, e foi uma noite muito legal. O Leo é muito comunicativo, um dos artistas que mais gostava de ficar do lado de fora do camarim para encontrar a galera e bater papo. Ele até foi ao festival no dia do Frejat, Nando Reis, Arnaldo Antunes e Marina, só para levar a esposa, que é fã do Frejat. Enfim, o Leo é isso, um cara maravilhoso, meu amigo pessoal e amo ele demais."

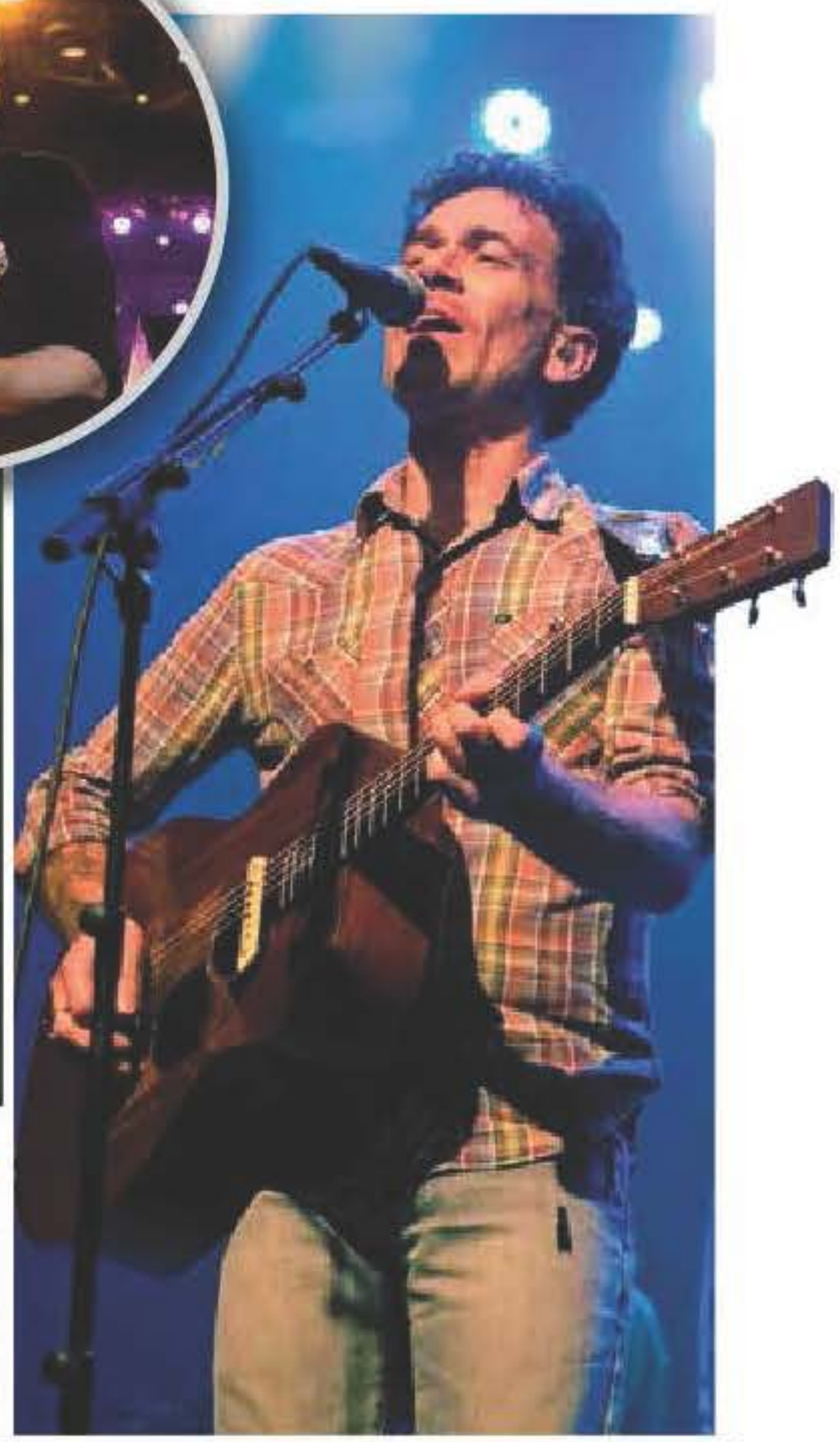
Camisa de Vênus

"O Camisa tocou no festival na noite 'punk rock', e eu percebi que a galera da plateia não via o Marcelo Nova em um palco há muito tempo. Foi bom notar que ele está firme, ativo, com a voz boa e bem de saúde, muito bem mesmo. E também continua daquele jeito dele, bem-humorado entre uma música e outra. A maioria das bandas dessa época é do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Rio Grande do Sul, enquanto o Nova é baiano, ou seja, o único representante do Nordeste. Só isso já é um fator determinante para ele ser um cara diferente mesmo."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

Plebe Rude

"O Phillipe Seabra é um didata, bastante comunicativo, e gosta de contar as inspirações para as letras que ele escreveu para a Plebe Rude nos anos 80 – e isso é legal para o público que não os conhecia. Já o Clemente é de falar pouco, mas agita muito e bota a galera para cima. Ele tem muita energia no palco, vibra o tempo todo. Esses dois *frontmen* são roqueiros maravilhosos que também estão muito bem."



Nando Reis

"Tanto no Rio como em São Paulo houve uma noite com quatro artistas solo maravilhosos: Frejat, Arnaldo Antunes, Marina Lima e Nando Reis. Foi muito clássica. Em seu show, o Nando também contemplou a obra dele com o Titãs. Ele cantou 'Marvin', por exemplo, que é uma música emblemática dos anos 80, inclusive é a mais importante que ele possa ter escrito com a banda. É um cara com uma obra muito rica e de quem as pessoas gostam muito."

Biquini Cavadão

"O Bruno Gouveia é um dos nossos melhores *frontman*, agita muito, não deixa o público parado um minuto. É um show só de hits de quase 40 anos de carreira. Um ponto alto foi em outubro de 2021, no show na Candelária, um lugar marcado por chacinas e manifestações políticas. Nesse dia, o Bruno cantou 'O Bêbado e o Equilibrista', de Aldir Blanc, sozinho, *a cappella*. Foi de chorar, tão lindo, que ele repetiu a dose no Memorial da América Latina, em São Paulo. Todo mundo cantando junto... foi demais."

DIVULGAÇÃO/ PECK PRODUÇÕES

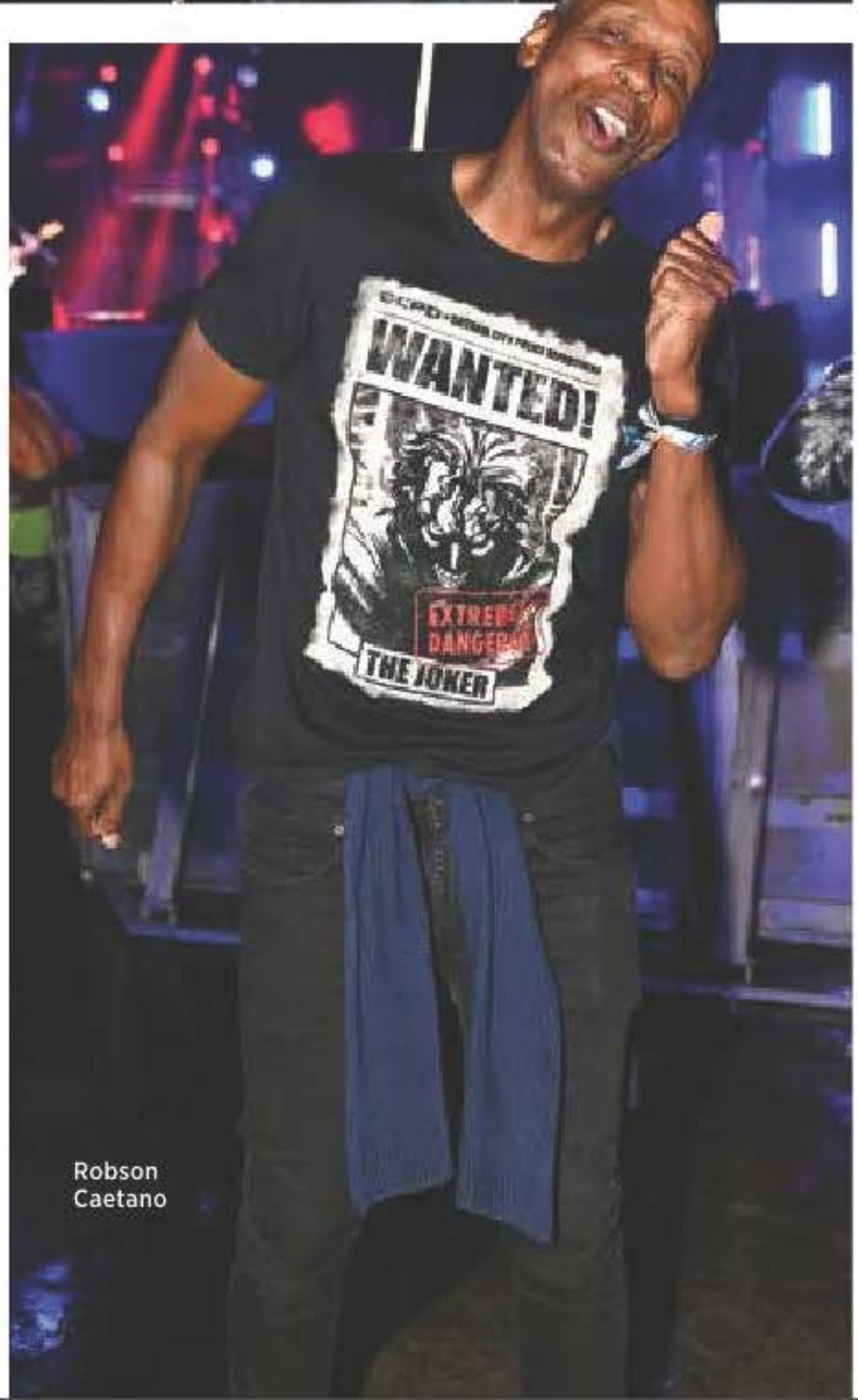
Randômicas

Christiane Torloni acompanha o show do Festival Rock Brasil 40 anos em São Paulo. "Dia de rock, Bebê".

Quando a Música Salva

PERSONALIDADES PRESTIGIAM O *FESTIVAL ROCK BRASIL* 40 anos - patrocinado pelo Banco do Brasil e feito sob curadoria de Peck Mecenas – evento que marca o aniversário do movimento cultural (acontecido no Rio de Janeiro) que moldou uma geração e influenciou as seguintes.

Bebel Gilberto e sua pet, Ella. A cantora, convidada do projeto Flausino & Sideral, cantou Cazuza



Robson Caetano

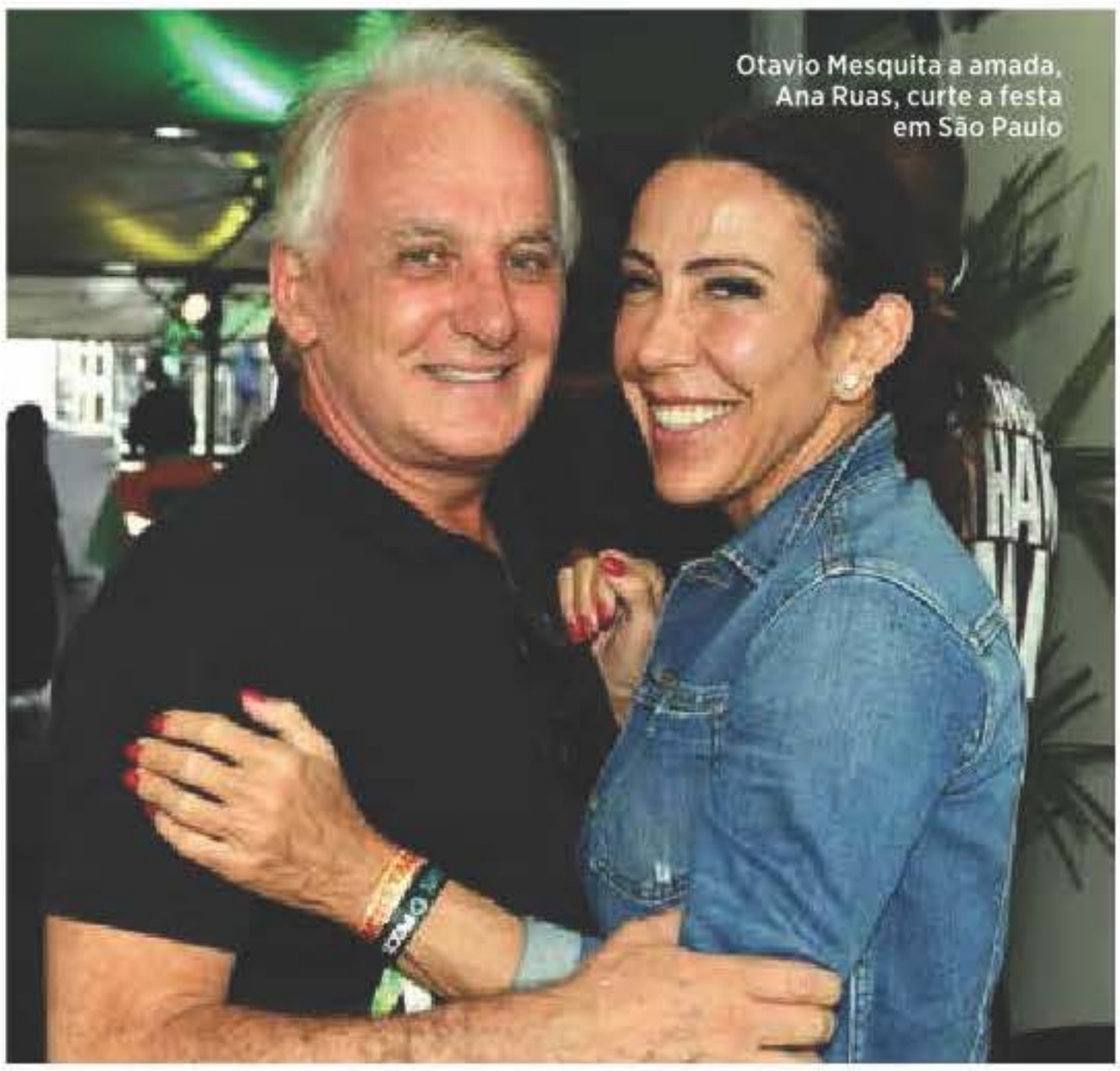
CRISTINA GRANATO/ DIVULGAÇÃO

Encontro de Amigos: Eriberto Leão e Danton Mello, Vips, em terras cariocas

Na capital paulista, Dominique Magalhães, apresentadora do "Like a Live"

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, e sua primeira-dama, Cristine

Alice Pelegatti e Roberto Frejat: o rock une!



Otavio Mesquita a amada, Ana Ruas, curte a festa em São Paulo

CRISTINA GRANATO/ DIVULGAÇÃO

Randômicas

Ana Verena, Fabio Assunção e Malu Mader curtem a noite em terras paulistanas

Toni Garrido

O Festival Rock Brasil 40 anos homenageia a cena surgida em 1982 que tem como local de encontro a lona do Circo Voador, montada no Arpoador, e palco para manifestações musicais e teatrais de toda uma geração conhecida como o pós-desbunde.

Isabel Fillardis e o namorado, Wellington Aguiar, no show do Rio

O casal Hazel Fischdick e Daniel Del Sarto também prestigiou a versão carioca do *Festival Rock Brasil*

CRISTINA GRANATO/ DIVULGAÇÃO

EU ROCK

Orgulho de fazer parte dessa história!

Ok, você venceu!

Quarenta anos de Rock Brasil. A Giannini tinha 82 anos quando o movimento começou a tomar forma, com novas bandas surgindo por todo o país, ditando novas tendências, novos estilos, reivindicando seu lugar na nossa música. E eles abraçaram a Giannini.

Tremendão, Supersonic, Stratosonic, Apollo, eram presenças garantidas nos principais palcos dessa geração, ajudando a criar momentos únicos e canções inesquecíveis.

Hoje, com 122, a Giannini se orgulha de fazer parte da música brasileira, em todos seus estilos. 122 anos, mas com um espírito jovem pronto para revolucionar a história da música mais uma vez!

Parabéns, Rock Brasil!

Giannini

www.giannini.com.br @gianniniinstrumentos @giannini_brasil

Randômicas

Arnaldo Brandão e Kika Seixas relaxam nos bastidores

Paulo Ricardo e isabella Pinheiro: amor e música

De pai para filho: Paulinho Moska e Tom Karabachian

O ex-Kid Abelha George Israel (abaixo) abriu a etapa carioca do Festival com um show instrumental na Marina da Gloria.

Liège Monteiro e Beto Lee

Claudia Mauro e George Israel se encontram na arena do Rio

CRISTINA GRANATO/ DIVULGAÇÃO

Sonho de artista

FOTOS: Nataly Schiavon

Com presença nas plataformas digitais, músico AMESLARI alcança público e realiza seus maiores objetivos profissionais

Conquistar fãs e ter milhões de visualizações em seus clipes é o sonho de muitos artistas. **AMESLARI** - cantor, compositor e tecladista - realizou esse desejo. Após dois anos de banda com **Alessandro Perê, Moi Gonzales, Thiago Carbonari** e **Paulo Bass**, publicou o seu primeiro álbum, o *City Stories (2019)*. Com o disco, surgiu a primeira música de sucesso de sua carreira, a "Mirrorball".

A pandemia afetou diversos músicos, impossibilitando a capacidade de fazer turnês e shows. Não foi diferente com o intérprete, que aproveitou o tempo para se dedicar a composições e lançamentos. A partir desse momento, os singles dele chegaram a um novo patamar e atingiram várias rádios de pop rock do Brasil.

O cantor vem com novas transformações e experiências em 2022. Em abril, promoveu a canção "Distance" com uma pegada eletrônica. Enquanto, em setembro, ele espera se apresentar com grandes nomes do rock brasileiro, tais como **Biquini Cavadão, Raimundos, CPM22** e **Pitty**, no *Festival Brazilian Bacon Day*.

Com milhares de ouvintes e mais de um 1,4 milhão de visualizações no Youtube, o ex-barítono atingiu o que estava em suas maiores ambições. Em uma de suas músicas, ele dá um conselho para quem almeja um sonho. *"Vá e faça o que tem que fazer"*, orienta o artista natural de Ribeirão Preto, São Paulo.

AMESLARI é um cantor independente e autêntico, crescendo dia a dia nas plataformas de Streaming e Youtube

PORTFÓLIO

AQUELE OLHAR

Sempre pronto para registrar a imagem inesperada, o fotógrafo MARCOS HERMES foi testemunha ocular das transformações do rock nacional nas últimas três décadas

por **Pablo Miyazawa**

Cássia Eller e Nando Reis | *2001*

"Esse foi um dos primeiros *Acústico MTV* que fotografei. Lembro que tive de furar o cenário em alguns lugares para colocar a lente e poder ter mais ângulos – tudo combinado com a produção. Eu estava muito atento à relação dos dois no palco, e acho que esta imagem é a tradução do casamento musical entre Nando e Cássia. É uma celebração do amor, no sentido artístico-musical, e da conexão entre eles. O Nando adora essa foto, e a Cássia também adorava. É bacana quando o artista se enxerga e se identifica."

MARCOS HERMES

Paulinho Moska | *2020*

"Eu fiz esta em um ensaio dele com a Zélia Duncan, para a turnê que ia acontecer em 2020 e foi remanejada para esse ano – inclusive as outras duas mãos na foto são dela. Eu adoro ser desafiado e surpreendido quando estou trabalhando. E como o Paulinho é muito ligado à fotografia, houve muita troca criativa entre a gente, de fotógrafo para fotógrafo. Acho que a imagem reflete muito a personalidade dele, de experimentação, de ser um cara que se reinventa."

"Sou uma mistura de um curioso com um observador muito atento. Se não fosse fotógrafo, seria produtor musical, DJ ou faria parte de alguma banda." Assim se autodescreve Marcos Hermes, 48 anos, há décadas um dos nomes mais badalados da fotografia musical no país. Ao longo de mais de 30 anos de atividade, ele foi o responsável por registrar imagens icônicas em centenas de capas de álbuns e DVDs, coberturas de shows e eventos e ensaios editoriais. "A fotografia de música é uma tradução do que o artista quer mostrar como personagem", ele diz. "Acho que aprendi a interpretar o que o artista quer comunicar."

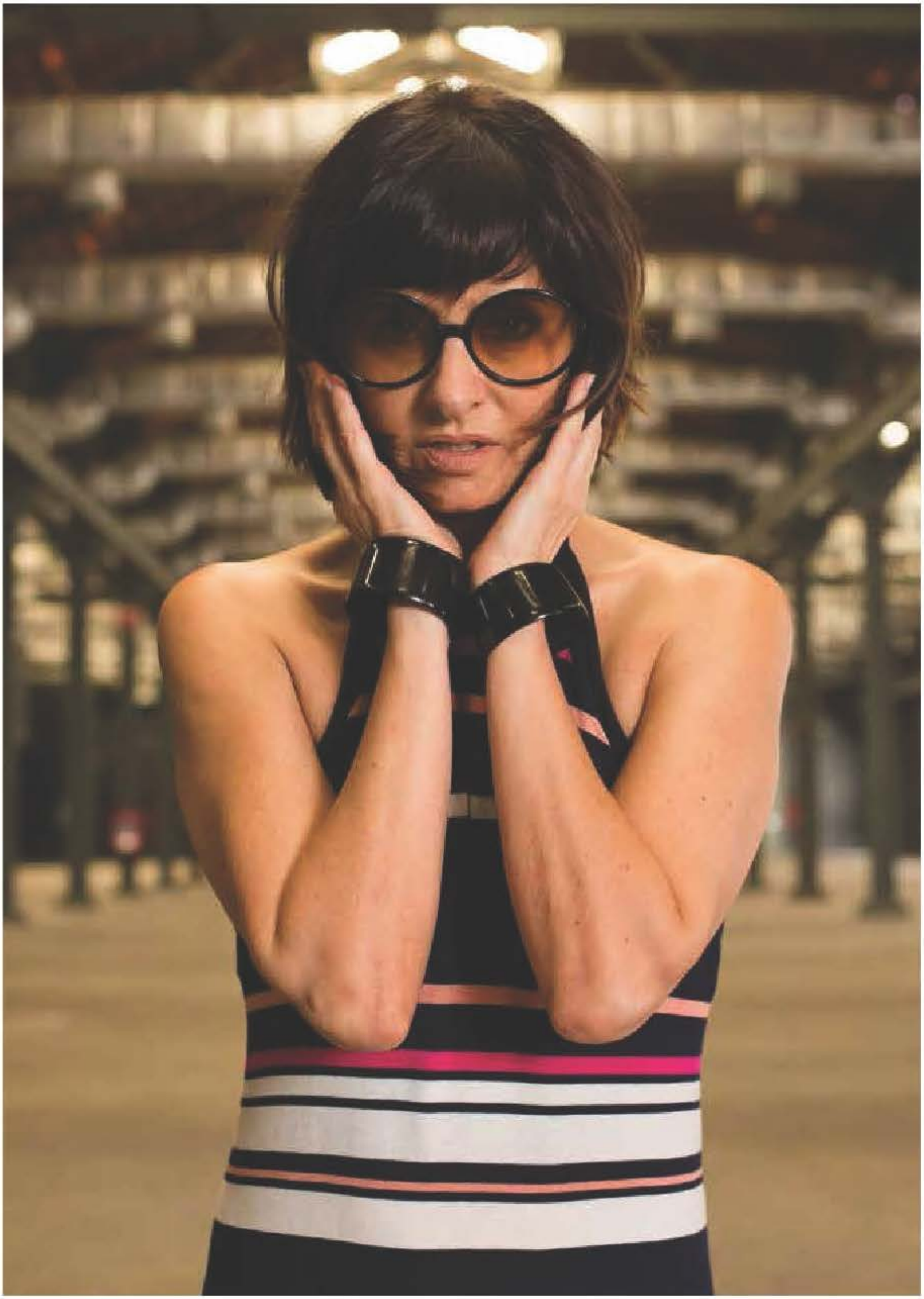
Alinhado ao seu gosto pessoal, o portfólio rico e variado de Marcos Hermes dá ênfase aos artistas brasileiros do rock – especialmente aqueles da geração surgida nos anos 1980. "Eu acompanhei de perto toda aquela cena", ele conta, ao relembrar o primeiro show que presenciou na vida ("foi o RPM no Canecão, na estreia do *Revoluções por Minuto*. Eu tinha 12 anos"). Nascido em Nova Iguaçu,

Fernanda Abreu

2016

"Esta foto foi feita em um projeto no cais do porto do Rio de Janeiro. Eu acompanhei o estouro da Blitz, sou dessa geração, então, para mim, a Fernanda é realmente uma diva do rock nacional. Fotografa muito bem, e além de ser linda, tem muito estilo. Está sempre pronta e arrasa. Os trabalhos que fiz com ela sempre foram muito fáceis."

MARCOS HERMES



MARCOS HERMES

Ira! | *2007*

"Eu tinha uma sessão de fotos com a banda marcada na minha casa. Só que minha agenda não estava batendo com a deles, então marcamos para bem cedo, umas 8, 9 da manhã. Nenhum artista gosta de acordar cedo, né? Nem eu, odeio! Eu tinha uma mesa de sinuca muito bacana na sala e propus que eles jogassem uma partida. E aí fiz a foto, com filme de 120 milímetros. Não sei se isso atrapalhou ou ajudou a criar alguma treta. Mas o fato é que, uma semana depois, os caras brigaram e a banda se separou. Até onde eu sei, é a última sessão de fotos da formação original do Ira!."

MARCOS HERMES

município da Baixada Fluminense (RJ), começou a fotografar shows de heavy metal por pura diversão com apenas 15 anos. "O primeiro pretexto era entrar de graça nos shows, mas principalmente agregar meu nome aos artistas de que eu gostava", ele conta, sobre o hobby que logo se tornou profissão. "De dia eu trabalhava em jornal, de noite fotografava shows. Minha formação foi muito desse casamento do fotojornalismo com a liberdade de fotografar a música ao vivo."

Se a carreira de Hermes foi estabelecida por seu amor à arte fotográfica combinada à música, nenhum estímulo foi mais importante do que a explosão do rock oitentista no Brasil, que descreve como "a música pop daquele tempo". "Se hoje se ouve Anitta, Luisa Sonza e Pabllo Vittar, naquela época se ouvia Kid Abelha, Paralamas, Legião Urbana, Barão Vermelho e Cazuza", ele teoriza. "Foi o primeiro estilo musical que entrou na minha vida. Sou cria do rock nacional e falo isso com toda tranquilidade." Nestas páginas, o fotógrafo revela as histórias por trás de algumas das imagens mais icônicas de sua trajetória.

Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá | *2015*

"Eu tenho uma frustração de não ter fotografado a Legião Urbana original com o Renato Russo. Eles tocaram no Metropolitan em 1995, quando eu fotografava todos os shows da casa. Só que eu era muito jovem, tocava em uma banda de thrash e era ligado à cena do metal, então tinha certa implicância com a banda e acabei não trabalhando nesses shows. Anos mais tarde, a EMI me pediu fotos do show (que virou um álbum ao vivo) e eu não tinha. São decisões que a gente se arrepende amargamente.

Este retrato eu fiz durante o projeto de 30 anos do *Rock in Rio*, procurando uma luz que os tornasse icônicos e os colocasse no mesmo plano. É uma luz de janela meio *jazzy*, que deixou eles equivalentes e ao mesmo tempo com esse olhar perdido."

Lulu Santos | *2008*

"Esta foi no Metropolitan do Rio, em um show do projeto *Long Play*. Foi um momento ao vivo muito espontâneo. O Lulu é o maior hitmaker do rock nacional, um grande guitarrista e cantor, além de ser um exímio compositor. E também é um artista que sabe lidar bem com o corpo. Nessa época, ele largava a guitarra e ficava dançando e tirando onda. Quem está no palco quer se divertir, e essa imagem reflete isso – a diversão. A essência do artista está aí."

MARCOS HERMES

Arnaldo Antunes | *2003*

"Eu estava no camarim do MTV ao Vivo do Jota Quest, em Belo Horizonte, e quando soube que o Arnaldo estaria lá, tive o faro de cavar essa imagem, já que eu nunca o tinha fotografado. A ideia foi buscar por um retrato forte de um artista estiloso. Ele é um personagem com um visual muito original, e mesmo sem abrir a boca, tem um olhar muito selvagem, de felino, uma coisa meio bicho. A imagem foi feita no fim de tarde, só com luz natural, e usei um diafragma aberto justamente para desfocar o fundo."

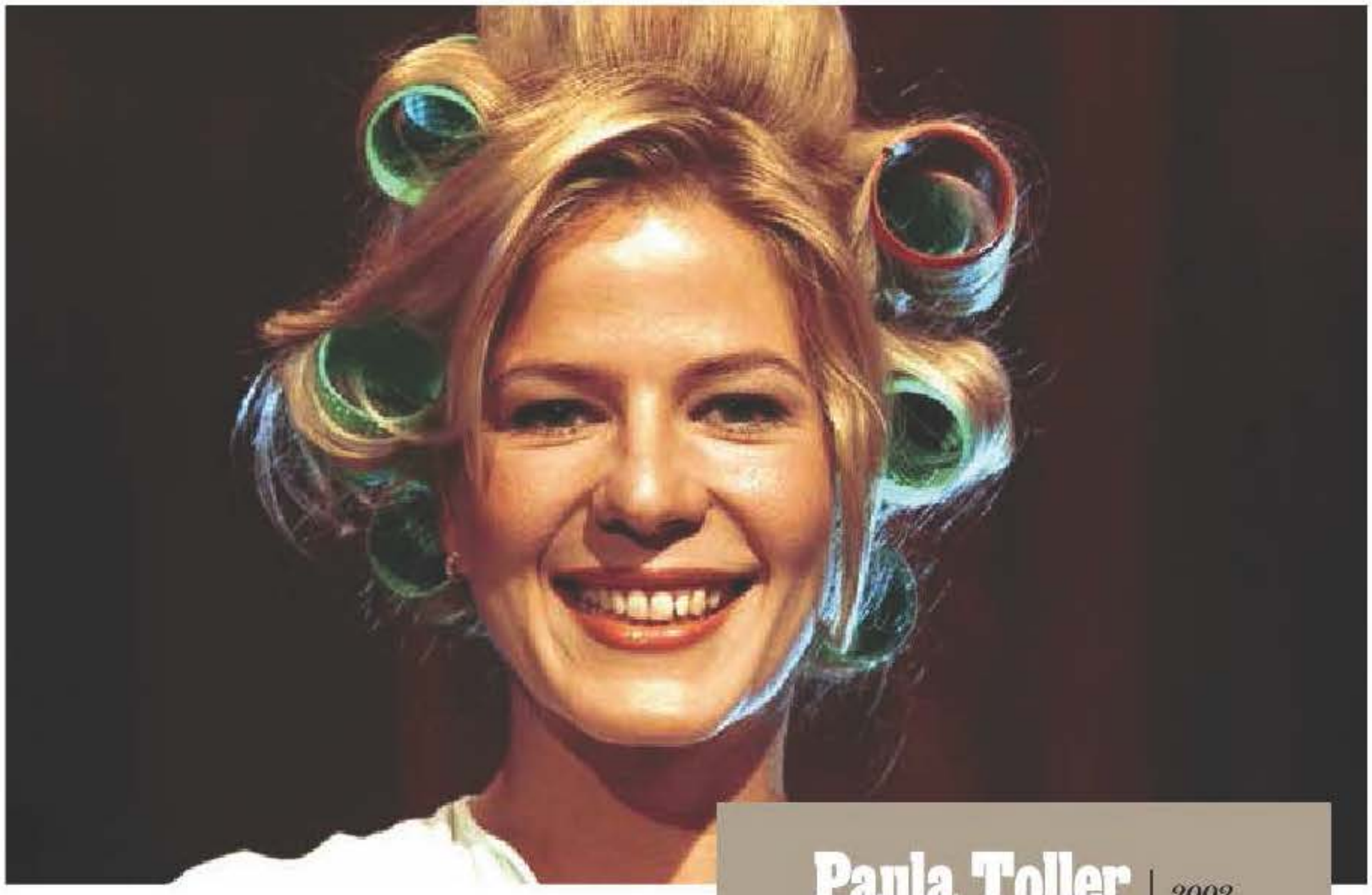
MARCOS HERMES

MARCOS HERMES

Paulo Ricardo

2015

"Esta aconteceu no mesmo dia [*da foto*] do Dado e do Bonfá, no evento dos 30 anos do *Rock in Rio*. Foi muito rápido, ele não tinha tempo. O curioso é que naquele momento eu não lembrei que o primeiro show que vi na vida foi do RPM – eu me emociono muito pouco quando estou trabalhando. Neste caso, eu estava bem perto dele com uma [*lente*] macro, então me coloquei no lugar da pessoa que gostaria de ficar cara a cara com o Paulo Ricardo. Eu sempre penso em me colocar no lugar do outro, buscando encontrar o que é desejável. É um portrait do maior galã do rock nacional."

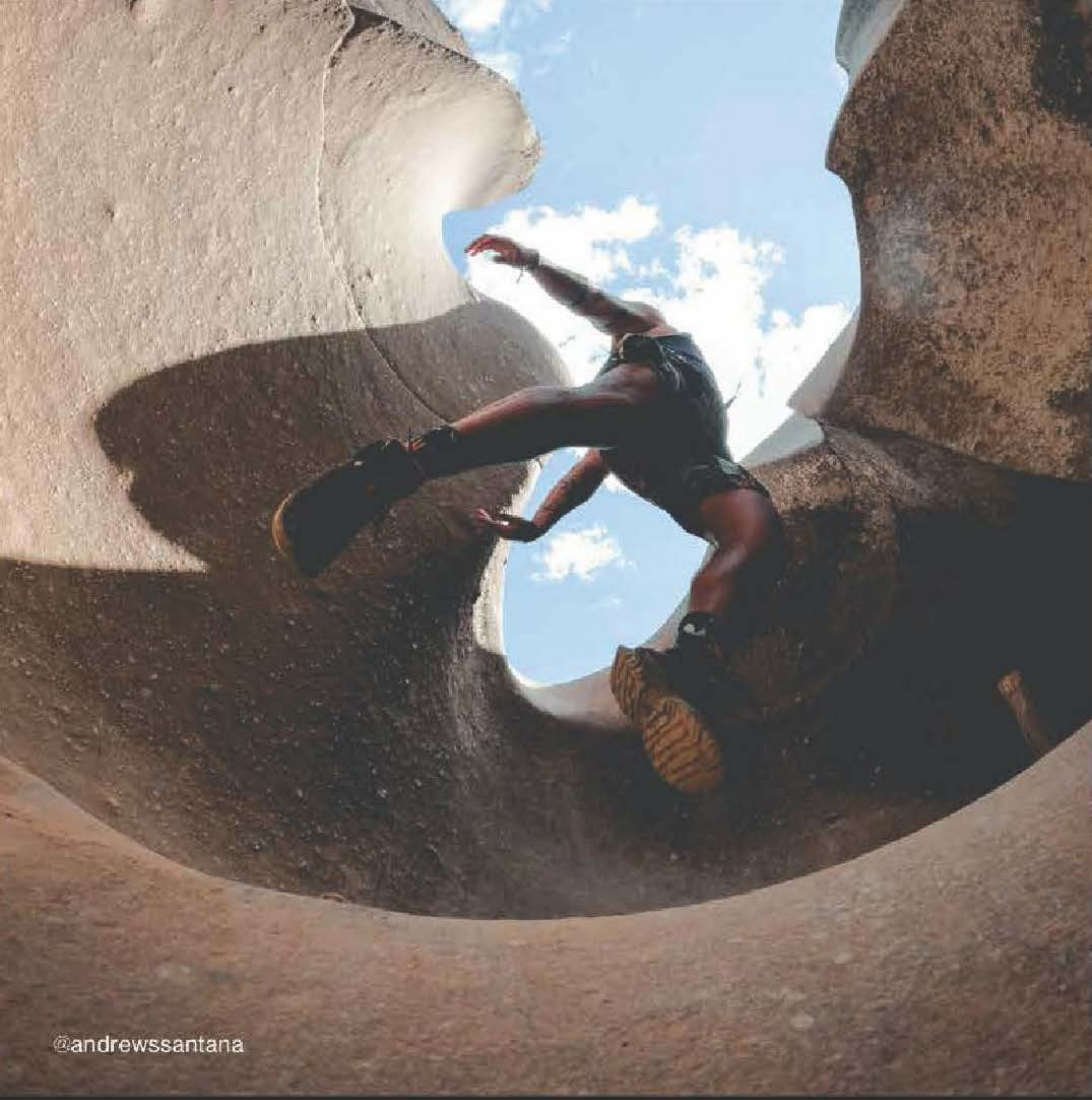


Paula Toller | *2002*

"Esta foi feita durante o ensaio do *Acústico MTV* do Kid Abelha. Foi ideia da Paula: 'Você faz uma foto minha com os bobes no cabelo?' Eu disse: 'É claro que eu faço!' Eu adoro ensaio e passagem de som, então aquele era um momento super exclusivo. Ela veio até mim e fiz o registro sem muita produção. Durou dez segundos, cinco frames e pronto. A luz nem é ideal, mas foi tudo muito espontâneo. É um retrato de muita força."

Titãs | *2014*

"Desde o *Cabeça Dinossauro*, o Titãs é uma das minhas bandas favoritas do rock nacional. É muito bacana ter a oportunidade de trabalhar com um artista que se gosta de verdade. Esta foto rolou no camarim do Circo Voador, onde comecei a fotografar, e eu já conhecia os caras e tinha uma intimidade – e é esse tipo de relação que faz as oportunidades acontecerem. Foi o show de estreia do disco *Nheengatu*, em que eles usavam essas máscaras, e quando estavam prestes a entrar no palco, pedi para fazer uma foto exclusiva. É literalmente um snapshot do artista minutos antes de o show começar."



Quer aprender a capturar imagens iradas como essa?

GoPro

Siga nosso **Instagram**

Se inscreva em nosso **YouTube**

E pra comprar produtos originais, visite goprobr.com

RollingStone

Os 80

Maiores Discos do Rock Nacional

QUANDO NOS REFERIMOS À DÉCADA DE 1980 na música no Brasil, a ascensão do rock como gênero musical mais popular do período parece ter sido um levante artístico unificado e contínuo, criado por várias pessoas que conviviam entre si. Mas observando o fenômeno com a devida distância, percebe-se um marco zero: o surgimento de um movimento cultural da juventude do Rio de Janeiro, ligado diretamente ao início do fim da ditadura militar.

Ainda que não fosse apenas musical, esse fenômeno solar e bem humorado acabou encontrando ecos em duas cenas bastante ativas de São Paulo: o punk e o pós-punk, que, aos poucos, começaram a flertar com o sucesso popular por meio do rádio, da televisão e das vendas de discos. Toda essa movimentação espalhou-se por outras capitais, especialmente Brasília, Porto Alegre, Belo Horizonte e Salvador. Pouco a pouco, tamanha diversidade ia transformando os temas das canções, que pendiam para climas mais sombrios, refletindo o desastre econômico do fim daquela década.

A melhor maneira de perceber tamanha revolução é analisando os muitos discos lançados nessa época: sejam compactos, EPs, álbuns ou compilações, esses eternos registros em vinil servem como uma verdadeira cápsula do tempo de uma década que atualizou a cultura jovem brasileira na marra. A seguir, você confere a curadoria realizada pelos editores da *Rolling Stone Brasil* com os 80 discos mais importantes do rock nacional, separados em quatro categorias e organizados por ordem cronológica de lançamento.

EDIÇÃO: Pablo Miyazawa **TEXTOS:** Alexandre Matias

As Aventuras da Blitz

Blitz EMI-Odeon *(1982)*

A BLITZ MUDOU A HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA. E como se isso fosse pouco, o grupo dos vocalistas Evandro Mesquita, Fernanda Abreu e Márcia Bulcão também inaugurou uma nova era no entretenimento do país. Sem a Blitz, a década de 1980 seria bem diferente.

Os elementos já estavam no ar. Além do próprio grupo de teatro que funcionou como base para a banda – Asdrúbal Trouxe o Trombone, que além de Evandro e do guitarrista Ricardo Barreto, também revelaria nomes como Luís Fernando Guimarães, Regina Casé e Patrícia Travassos –, outros artistas já carregavam características que transformaram a Blitz em num sucesso. Tanto a Gang 90 de Júlio Barroso quanto o Grupo Rumo ou a ópera pop *Clara Crocodilo* de Arrigo Barnabé já flertavam com a colisão entre o pop e linguagens de vanguarda, misturando referências como quadrinhos, música erudita e vocais falados e cantados tanto por homens quanto mulheres. Mas a Blitz carregava o espírito de uma época específica – a do Rio de Janeiro do início dos anos 1980.

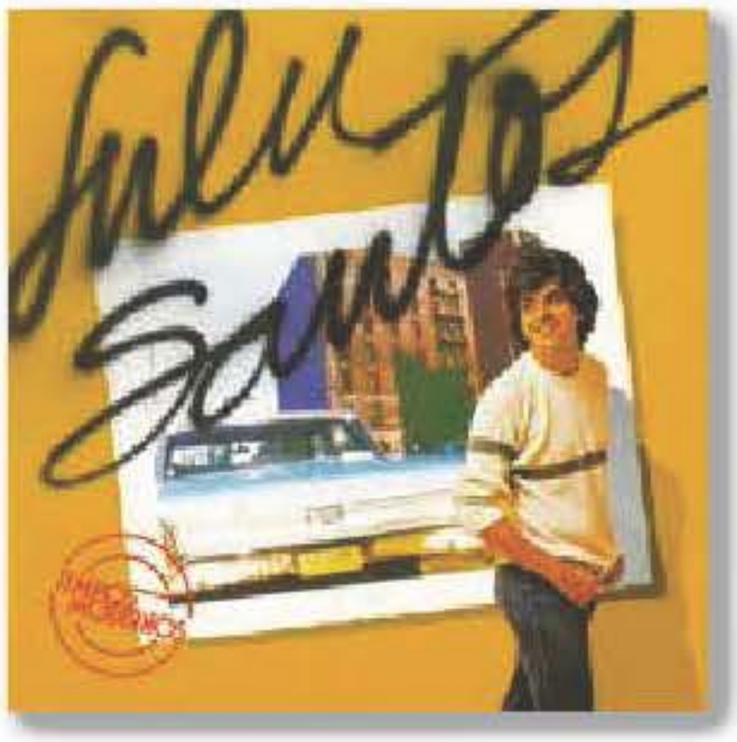
O grupo tomou de assalto o país com um single de um só um lado (do outro lado de "Você Não Soube Me Amar" ouvia-se apenas Evandro repetindo "Nada, nada, nada") e, de uma hora para outra, tornou-se o som de uma nova era. O projeto de ditadura imposto pelos militares estava com seus dias contados, enquanto uma nova geração, forçava a entrada da luz à força.

A Blitz nasceu deste movimento, materializada como banda-símbolo de outro experimento pop e de vanguarda da época, o Circo Voador, e a partir do encontro de integrantes do grupo Asdrúbal com músicos que acompanhavam Marina (entre eles o veterano Lobão na bateria). *As Aventuras da Blitz* apresentava o sexteto como uma banda de quadrinhos, super-heróis de um novo cotidiano pop, que atualizava o Brasil com as novidades que passavam longe devido à retração cultural do país em relação à cultura estrangeira. Foi um disco que derrubou a porta da década com um chute circense e apresentou o conceito de cultura pop para o Brasil na marra, além de servir como marco-zero para gerações de artistas que surgiram nos anos seguintes.

DESTAQUES: "Você Não Soube Me Amar", "Mais Uma de Amor (Geme Geme)" e "O Beijo da Mulher Aranha"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS



Tempos Modernos

Lulu Santos WEA *(1982)*

LULU SANTOS JÁ HAVIA SIDO LULU DOS SANtos, quando tocava com os grupos de rock progressivo Vímana e Veludo Elétrico, e Luiz Maurício (seu nome de batismo), quando lançou seu primeiro compacto pela gravadora Polydor. Mas adotou o nome que o tornou mais conhecido quando começou a trabalhar com o produtor Guto Graça Mello e o jornalista Nelson Motta, assinando a canção "Tesouros da Juventude" (que seria a faixa de abertura de *Mocidade Independente*, programa de Motta na TV Bandeirantes). Com estes dois novos mentores, ele foi parar na trilha sonora do filme *Menino do Rio* (1982), quando compôs a faixa "De Repente, Califórnia", que seria gravada pelo filho de Guto, o ator Ricardo Graça Mello, que estrelava o filme. A canção foi o passaporte para que Lulu gravasse seu primeiro disco e começasse uma carreira profissional para valer. Em *Tempos Modernos*, lançado no mesmo ano em que o Brasil conheceu a Blitz e aquela nova cena que surgia no Rio de Janeiro, ele ajudou a inaugurar aquela nova fase com uma versão de Rita Lee e Gilberto Gil para uma música dos Beatles ("De Leve", inspirada por "Get Back"), a regravação de "De Repente, Califórnia", uma música que havia estourado em um festival transmitido pela TV ("Areias Escaldantes") e a faixa-título, que resume a sensação de novidade em um verso eterno: "Eu vejo um novo começo de era, de gente fina, elegante e sincera, com habilidade pra dizer mais sim do que não".

DESTAQUES: "De Repente, Califórnia", "Tempos Modernos" e "Tudo Por Você"

Vôo de Coração

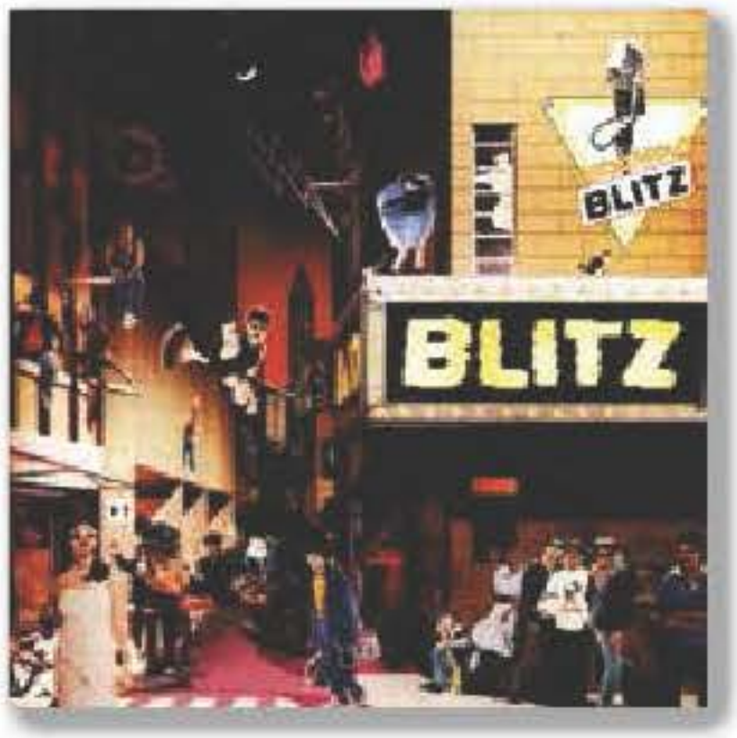
Ritchie Epic *(1983)*

A HISTÓRIA DO INGLÊS RICHARD DAVID Court já é inusitada mesmo sem mencionar o fato de ele ter se tornado sucesso em todo o Brasil. Ele veio ao país de férias, no início dos anos 1970, montou uma banda (Scalácida) e só não gravou um álbum por não possuir visto profissional para ser contratado no país. Participou de grupos de rock progressivo até entrar no Vímana, que contava com nomes que despontariam mais tarde, Lulu Santos e Lobão. Voltou à Inglaterra, mas logo retornou ao Brasil disposto a gravar um disco solo. Chamou o letrista Bernardo Vilhena, que colaborou com o Vímana, para ajudar a compor músicas inspiradas pela cena synthpop. Gravou uma fita demo para mostrar a André Midani, diretor artístico da gravadora WEA. Mas a gravação, que trazia "Vôo de Coração", produzida por Liminha e com solo de Steve Hackett, ex-guitarrista do Genesis, não o impressionou. A música, no entanto, chegou aos ouvidos de Claudio Condé, diretor da CBS, que contratou o inglês. Mas Ritchie, como assinava, preferiu apresentar outra faixa, a qual selou seu destino. "Menina Veneno" não só vendeu 500 mil cópias como se tornou a música brasileira mais executada de 1983. Além do hit, *Vôo de Coração* traz "A Vida Tem Dessas Coisas", a faixa-título e "Casanova", tema da novela *Champagne*, que ajudaram Ritchie a vender mais de um milhão de LPs, ultrapassando Roberto Carlos, até então o maior vendedor de discos do Brasil.

DESTAQUES: "Menina Veneno", "A Vida Tem Dessas Coisas" e "Vôo de Coração"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS



Radioatividade

Blitz EMI *(1983)*

O SUCESSO DO PRIMEIRO DISCO TRANSformou a Blitz em algo maior do que uma banda – era um fenômeno pop. Além de lançar canções que impregnaram no inconsciente coletivo, o grupo incorporou uma mudança de comportamento para a ascensão daquela nova geração de artistas. O sucesso exigiu um segundo álbum, lançado a toque de caixa (já sem o baterista Lobão, que saiu antes do primeiro disco para lançar o solo *Cena de Cinema*) e decretando a unanimidade da Blitz no meio artístico. *Radioatividade* corroborou que o sucesso não foi um acaso, além de reforçar seu apelo com o público infantil, diminuindo o tom adulto (apesar da nada sutil "Betty Frígida", que eternizou o bordão "calma, Betty, calma!"). Brincando com a linguagem das rádios a partir do título do álbum, a banda assumiu a programação de sua própria emissora em um exercício de metalinguagem que contemplou hits com ares new wave ("Weekend", "Ridícula", "Apocalipse Não"), uma balada arrasa-quarteirão ("A Dois Passos do Paraíso") e uma regravação de um rock dos anos 1950 ("Biquini de Bolinha Amarelinho Tão Pequenininho"). Uma turnê dirigida por Patrícia Travassos, ex-colega de Evandro Mesquita no grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, atingiu milhares de fãs. Mas o excesso de shows antecipou o fim da Blitz, que gravou seu terceiro álbum em 1984, antes de apresentações históricas no Rock in Rio. Logo depois, Ricardo Barreto e Márcia Bulcão saíram, o que fez a banda encerrar atividades de vez em 1985.

DESTAQUES: "Weekend", "A Dois Passos Do Paraíso" e "Betty Frígida"

Essa Tal de Gang 90 & Absurdettes

Gang 90 & Absurdettes RCA-Victor *(1983)*

CARIOCA RADICADO EM SÃO PAULO, JÚLIO Barroso era jornalista e DJ e esteve ao lado de Nelson Motta quando o produtor e jornalista aventurou-se na cidade – seja no programa *Mocidade Independente*, que apresentava na TV Bandeirantes, quanto na boate Paulicéia Desvairada, onde discotecava. Em uma viagem a Nova York, Barroso assistiu a bandas como King Creole & The Coconuts e B-52's, o que o fez cogitar montar uma banda. Ao lado das vocalistas Alice Pink Pank, May East e Lonita Renaux, criou o Gang 90 e lançou um compacto em 1981, "Perdidos na Selva". O single deu ao grupo o gosto do sucesso, rendendo uma aparição no festival MPB-Shell, da Globo.

Barroso havia retornado a Nova York quando a Blitz estourou com uma fórmula parecida com a do Gang 90. Já no Brasil em 1983, ele reuniu a banda, acoplando o complemento "& Absurdettes" e chamando músicos como o baterista Gigante Brazil, o guitarrista Wander Taffo e o cantor e compositor Guilherme Arantes. Sucesso instantâneo, *Essa Tal de Gang 90 & Absurdettes* é um disco quintessencialmente new wave, mas sem perder a verve brasileira. Infelizmente foi o único de Barroso, que caiu acidentalmente do 11° andar do prédio em que morava. A banda ainda seguiu por mais dois discos, sem atingir o sucesso inicial impulsionado por seu fundador.

DESTAQUES: "Nosso Louco Amor", "Telefone" e "Perdidos na Selva"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS

Seu Espião

Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens WEA Discos *(1984)*

EMBORA NÃO FALTEM BONS CANDIDATOS, nenhum disco de estreia de um artista brasileiro dos anos 1980 é tão impressionante quanto o primeiro do Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens. Aliado ao fato de que a história da banda é praticamente um conto de fadas do rock daquela geração, a sequência de hits que o grupo enfileira ajudou a tornar tacanha a MPB que havia dominado a década anterior.

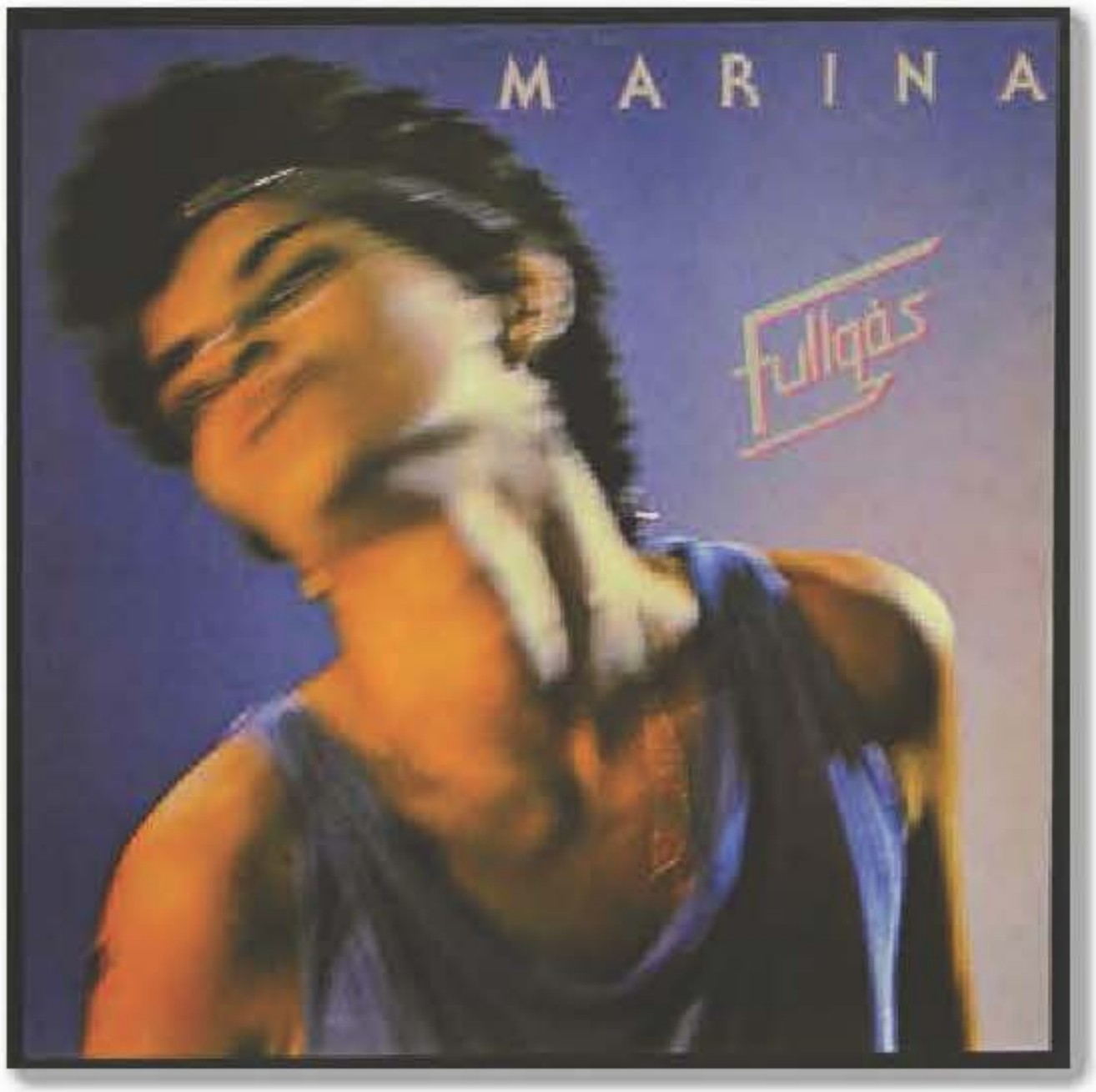
O Kid Abelha surgiu quando Paula Toller, depois de ver uma apresentação do Gang 90 na televisão, descobriu o que queria ser da vida. Quando conheceu o futuro namorado Leoni na universidade, começou a frequentar os ensaios de sua banda Chrisma, que em nada soava como o futuro grupo. A chegada dos anos 1980 e o início do fim da ditadura militar deram um gás em toda uma geração de adolescentes. No Rio, esta safra se materializou ao redor do *happening* chamado Circo Voador, e o antigo grupo, que agora contava com Bruno Fortunato, George Israel e Beni Borja além de Leoni e Paula, passou a tocar na nova casa de shows e foi chamado para participar da coletânea *Rock Voador*, que reunia vários dos nomes daquela geração.

O nome inusitado do grupo – escolhido durante uma entrevista ao vivo na rádio Fluminense – ajudava a chamar atenção, mas o primeiro compacto lançado em 1983 (com "Pintura Íntima" no lado A e "Por Que Não Eu?" no lado B) e a presença meio tímida, meio blasé de Paula Toller transformaram o grupo em um sucesso. O início de 1984 confirmou as expectativas com o emblemático *Seu Espião*. As referências estéticas vão da new wave ao tecnopop e os temas adolescentes das canções não tratavam o ouvinte de forma paternalista, afinal, a banda tinha a mesma faixa etária de seu público. Além das faixas do primeiro single, o disco ainda emplacaria "Fixação", "Alice", a faixa-título e as baladas "Nada Tanto Assim" e "Como Eu Quero", esta última pinçada pelo produtor Liminha quase no fim da gravação, dos rascunhos que a banda pensava em descartar. É o grande álbum de new wave brasileiro, um disco pop perfeito.

DESTAQUES: "Como Eu Quero", "Fixação", "Nada Tanto Assim" e "Pintura Íntima"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS



Fullgás

Marina PolyGram *(1984)*

"Como a música é a expressão mais viva da cultura no Brasil, é justamente a ela que os caretas querem impor sua 'ordem'. E a ordem dos caretas é, e sempre foi, a da fidelidade às tais 'raízes' ou 'purezas' ou sabemos lá o que..." Como fica claro neste manifesto contido em *Fullgás*, Marina sabia que estava rompendo as amarras com o passado quando lançou seu quinto álbum. Surgida no final dos anos 1970, ainda sob a égide da chamada MPB, a cantora e compositora carioca aos poucos aproximou-se de uma geração mais nova, e só conseguiu fazer o disco que queria – e não o que seus produtores até então queriam – quando mudou da gravadora Ariola para a PolyGram. Foi quando ela caiu nos braços do produtor João Augusto, que entendeu perfeitamente o tipo de som que Marina queria fazer.

E Marina queria fazer pop. Sua obsessão musical ia muito além da rixa entre a já estabelecida safra de artistas da MPB e aquela do rock que surgia no Rio de Janeiro e espalhava-se por todo o Brasil. No limite etário entre as duas gerações, ela queria trazer elementos modernos para uma música que considerava careta e paquerava timbres digitais, baterias eletrônicas, além de compor quase todo o novo disco a partir de um teclado portátil Casiotone. E o casamento musical com João Augusto tinha uma única trilha sonora: o disco *Thriller* (1982), de Michael Jackson, que havia se tornado parâmetro de qualidade no estúdio. Tanto que a faixa-título do novo disco teve sua linha de baixo levemente surrupiada da de "Billie Jean" – o baixista Liminha improvisou o hit do Rei do Pop sobre a base de Marina ao violão e o produtor o incentivou a mantê-la, trocando apenas algumas notas. Era a fórmula do sucesso.

Fullgás veio acompanhado de um texto-manifesto (mencionado no início deste texto), que a cantora assinou com o irmão e parceiro musical, o poeta Antônio Cícero. Além da faixa-título, um sucesso avassalador que tornou Marina um ícone daquela década, o álbum ainda trazia versões imortais para "Me Chama" (de Lobão), "Mesmo Que Seja Eu" (de Erasmo Carlos) e "Pé na Tábua" ("Ordinary Pain", de Stevie Wonder). Ainda hoje, é uma joia única do pop brasileiro.

DESTAQUES: "Fullgás", "Me Chama" e "Mesmo Que Seja Eu"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Ronaldo Foi pra Guerra

Lobão e os Ronaldos

RCA-Victor *(1984)*

LOBÃO VIU A OPORTUNIDADE PASSAR. COMO baterista, já havia tocado com Marina, Luiz Melodia, Gang 90, além de acompanhar dois ex-companheiros de banda no início de suas carreiras solo – Ritchie e Lulu Santos, com quem dividia as funções musicais no Vímana, dedicaram-se aos seus discos de estreia enquanto o baterista conformava-se em estar no meio do furacão Blitz. Ao sentir que havia a chance de a banda fazer sucesso e projetar sua própria carreira solo, gravou seu primeiro disco, *Cena de Cinema*, quase às escondidas. Assim que a Blitz ganhou a primeira capa de revista, Lobão foi vender-se para a RCA-Victor, concorrente da de sua banda, a EMI. Foi assim que ele deixou a bateria e assumiu vocais e guitarra nas próprias músicas. Mas o primeiro disco não aconteceu como ele previa, e Lobão reinventou-se, desta vez como líder do Lobão & Os Ronaldos, formada por ele, a ex-Gang 90 Alice Pink Pank (teclados e vocais), Guto Barros (guitarra), Odeid Pomerancblum (baixo) e Baster Barros (bateria). No segundo disco, Lobão finalmente conseguiu emplacar um sucesso, "Corações Psicodélicos", que abriu caminho para seu maior hit, a balada "Me Chama", gravada mais tarde por Marina e João Gilberto. Bastaram esses sucessos para garantir a presença de *Ronaldo Foi pra Guerra* em mais um degrau na escalada de popularidade que aquela nova geração vinha ganhando.

DESTAQUES: "Me Chama", "Corações Psicodélicos" e "Tô à Toa Tokio"

Crucificados pelo Sistema

Ratos de Porão

Punk Rock Discos/Devil Discos *(1984)*

ENQUANTO O RIO DE JANEIRO FESTEJAVA O sucesso de artistas bronzeados que cantavam sobre aventuras e desilusões, São Paulo via o tempo fechar desde o final dos anos 1970. O equivalente paulistano do "verão de 1982" foi o festival *O Começo do Fim do Mundo*, que aconteceu em 27 e 28 de novembro do mesmo ano, no Sesc Pompéia. O evento consolidou uma geração bem diferente da que surgiu no Rio, motivada pelo elemento punk, inexistente na outra cidade, e reunindo bandas que até hoje são pilares desse movimento, como Inocentes, Olho Seco, Cólera, Lixomania e, claro, os Ratos de Porão (que na época ainda nem tinha João Gordo). Fundado pelo vocalista e guitarrista Jão ao lado do baixista Jabá e do baterista Betinho, o Ratos foi uma das primeiras bandas a ter registro em disco, quando apareceu na coletânea *Sub*, em 1983. Era a deixa para o lançamento do LP de estreia, lançado pelo selo da loja Punk Rock Discos e considerado o primeiro de um grupo punk da América Latina. Já com João Gordo nos vocais, *Crucificados pelo Sistema* gerou a primeira rixa da história da banda, quando foi acusada de trair o movimento punk para tocar hardcore. É um marco na história do punk mundial e também o primeiro passo fonográfico do novo rock paulistano, que começava a invadir a praia do rock de bermudas do Rio.

DESTAQUES: "Caos", "Periferia" e "Não Me Importo"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS

Maior Abandonado

Barão Vermelho Opus Columbia *(1984)*

Protagonista de primeira hora da onda roqueira que tomou conta do Rio de Janeiro à época da fundação do Circo Voador, o Barão Vermelho presenciava todos os seus contemporâneos atingindo o estrelato à medida em que emplacavam hits, apareciam em programas de televisão e vendiam muitos discos: Blitz, Lulu Santos, Kid Abelha, Os Paralamas do Sucesso... O fato de o vocalista Cazuza ser filho de João Araújo, justamente o presidente da gravadora que lançava os discos de sua banda, criou uma saia justa que, mesmo após dois álbuns lançados, impedia a banda de decolar.

Mas aos poucos o destino sorriu para o Barão Vermelho. Primeiro, quando Ney Matogrosso regravou "Pro Dia Nascer Feliz", que o grupo havia revelado em *Barão Vermelho 2*, seu segundo disco, de 1983. O sucesso da versão de Ney fez com que a banda de Cazuza fosse convidada a compor uma música para mais um filme que surfava a onda juvenil que dominava o Rio de Janeiro. "Bete Balanço", faixa-título do longa-metragem dirigido por Lael Rodrigues e estrelado por Débora Bloch e Diogo Villela, fez boa bilheteria nos cinemas e gerou uma alta expectativa sobre o próximo trabalho do Barão.

Enquanto isso, a banda crescia no palco e Cazuza tornava-se cada vez mais confiante como frontman, vocalista e poeta, levando as referências roqueiras do quinteto – fundada à base de muito Rolling Stones – para a boemia brasileira, fazendo-as dividir o balcão com nomes clássicos como Lupicínio Rodrigues, Ataulfo Alves, Angela Ro-Ro e Nelson Gonçalves. Assim, o rock do Barão Vermelho começava a assumir seu DNA brasileiro a cada novo disco.

Maior Abandonado chegou às lojas em setembro de 1984 e, graças à citada música-tema de *Bete Balanço*, à nova faixa-título e ao blues rock "Por Que a Gente é Assim?", vendeu mais de 100 mil discos e finalmente elevou o Barão Vermelho ao status de sucesso nacional. Este seria o último trabalho de estúdio com o vocalista original, que antes de deixar o grupo ainda imortalizou sua biografia com um show lendário no Rock in Rio, no início do ano seguinte.

DESTAQUES: "Por que a Gente é Assim?", "Maior Abandonado" e "Bete Balanço"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

O Passo do Lui

Paralamas do Sucesso
EMI-Odeon *(1984)*

APESAR DA ASCENDÊNCIA BRASILIENSE, o trio Os Paralamas do Sucesso só passou a existir de fato no Rio de Janeiro. Herbert Vianna e Bi Ribeiro juntaram-se pelo prazer de tocar e compor, ainda com o baterista Vital Dias. Mas a diversão adolescente virou opção profissional quando o grupo, que se chamava Cadelinhas da Vovó, foi atropelado pelo impacto do "verão de 1982" e cogitou viver de música. João Barone entrou após a saída de Vital (que inspirou o título de seu primeiro hit) e o novo trio estava formado e rebatizado. Uma demo tocando na Fluminense FM e um show de abertura para Lulu Santos no Circo Voador foram decisivos para o grupo ser contratado pela EMI, que lançou *Cinema Mudo* (1983). Foi um disco com intromissão da gravadora e cujo resultado não agradou aos três, mas o sucesso permitiu que eles dessem as cartas no álbum seguinte. As temáticas mudaram (mais relacionamentos, menos viés humorístico) e a referência musical passou a ser jamaicana (com ênfase no ska, gênero que inclusive batizou uma das faixas). Outros hits incluem variações desse tema, como os clássicos "Meu Erro", "Óculos" e "Fui Eu". Mas são as românticas, como "Me Liga", "Mensagem de Amor" e "Romance Ideal", que mostraram que o trio não estava para brincadeira – e o show no Rock in Rio em 1985 só provou isso. Com *O Passo do Lui*, os Paralamas entraram firme na primeira divisão do pop brasileiro – de onde nunca mais saíram.

DESTAQUES: "Óculos", "Meu Erro" e "Romance Ideal"

Tudo Azul

Lulu Santos WEA *(1984)*

VETERANO DA CENA CARIOCA DESDE O Vímana, Lulu Santos foi um dos arquitetos do novo rock que surgiu na cidade na virada da década. Ao apostar em uma sonoridade mais popular e em temas cotidianos, ele conseguiu domar o sentimento intenso que impulsionava bandas como Blitz, Kid Abelha, Paralamas e João Penca. Mais do que isso: Lulu foi o prumo daquela leva, tirando-a do nicho de músicas engraçadinhas e do pop descartável para levá-la para próximo da tradição da música brasileira, sem precisar reverenciar o samba ou a MPB. Foi ele também quem consolidou o termo "pop rock" como gênero, tirando o rock do submundo para trazê-lo ao mainstream. Mesmo com dois discos lançados e canções que todo mundo conhecia, Lulu não havia transposto a fronteira comercial que seus contemporâneos já haviam cruzado. Somente com *Tudo Azul* que ele conseguiu seu primeiro disco de ouro, vendendo mais de 100 mil LPs. Também pudera: além de repetir a parceria com o produtor Liminha, Lulu reforçou a parceria com Nelson Motta, tanto na faixa-título quanto na balada "Certas Coisas", único momento tranquilo de um disco que é festa do início ao fim. Além das eternas "Tão Bem", "Lua de Mel" e "Último Romântico", o disco também traz a primeira parceria com o poeta Chacal ("Respeito") e uma versão para um clássico da Jovem Guarda ("O Calhambeque") em que Lulu toca todos os instrumentos, incluindo uma bateria eletrônica, apontando os rumos que tomaria no futuro.

DESTAQUES: "O Último Romântico", "Tão Bem" e "Certas Coisas"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Legião Urbana

Legião Urbana EMI-Odeon *(1984)*

A CENA PUNK DE BRASÍLIA DOS ANOS 1980 foi inaugurada pela primeira banda liderada por Renato Russo, o Aborto Elétrico, de onde também saíram o baixista e baterista do Capital Inicial, os irmãos Flavio e Fê Lemos. Mas as referências punk desse grupo vieram de discos e revistas estrangeiras, trazidos por pais e amigos que viajavam para o exterior. Filhos da primeira geração de funcionários públicos de Brasília, aqueles jovens tinham poder aquisitivo maior do que seus contemporâneos paulistanos, e seu principal compositor era escolado na história do rock. Renato entendia o punk como mais um capítulo do imaginário que o obcecou desde a adolescência, quando descobriu o rock e sua genealogia. Ao fundar uma nova banda, passou a criar sua própria mitologia, ancorado nas referências do punk britânico e na história do rock clássico, sem esquecer do apelo pop. Tanto que quando lançou o primeiro single, "Será", muitos achavam que era uma música de Jerry Adriani, e não de uma banda de uma cidade sem tradição musical. Puxado pelo sucesso do primeiro compacto, o disco de estreia do Legião Urbana inaugurou uma nova era no rock brasileiro, juntando as pontas que aos poucos se aproximavam na música de São Paulo – o punk da periferia e o rock de vanguarda. Canções como "A Dança", "Baader-Meinhoff Blues", "Ainda é Cedo", "Soldados", "Teorema" e "Geração Coca-Cola", além da visionária faixa final, "Por Enquanto", fizeram o ouvido brasileiro se acostumar com impropérios punk e riffs pós-punk que a partir do ano seguinte tomariam conta do rádio.

DESTAQUES: "Será", "Ainda é Cedo" e "Geração Coca-Cola"

Educação Sentimental

Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens WEA *(1985)*

"SERÁ QUE ALGUMA COISA NISSO TUDO faz sentido? A vida é sempre um risco, eu tenho medo do perigo". Quando Paula Toller cantou estes versos no início do segundo disco do Kid Abelha, dava para perceber que algo havia mudado. Se em *Seu Espião* o grupo cantou sobre paixões e dilemas adolescentes, em *Educação Sentimental*, temática e sonoridade sofreram um desvio de rota pouco imaginável meses antes. A começar pelo título, inspirado em um clássico do autor francês Gustave Flaubert, que aproveitava a fase pré-vida adulta para questionar os próprios rumos. O relacionamento entre Paula e o baixista Leoni já havia melhorado e isso era perceptível, tanto pelos temas das letras quanto pela presença dele como vocalista em algumas canções. Mesmo com o fim do namoro que tinham no começo da banda, os dois mantiveram o profissionalismo, mas a nova fase dava uma cara menos juvenil e mais séria ao álbum. Ainda no território da new wave, os timbres das guitarras eram pesados, as letras lidavam com personagens mais hesitantes e canções como as duas versões para a faixa-título, "Os Outros", "Garotos", "Uniformes" e "Lágrimas e Chuva" mostravam que o Kid era uma banda mais madura, mas igualmente pop. Porém, rusgas mal resolvidas entre Paula e Leoni terminariam com a saída do baixista, encerrando a fase de ouro de uma das melhores bandas pop do país.

DESTAQUES: "Lágrimas e Chuva", "Educação Sentimental II" e "Os Outros"

REPRODUÇÃO

Nós Vamos Invadir Sua Praia

Ultraje a Rigor WEA *(1985)*

A PRIMEIRA EDIÇÃO DO ROCK IN RIO, EM 1985, consolidou a ascensão do novo rock brasileiro, que até então parecia ser um fenômeno essencialmente carioca. Mas a tendência já espalhava-se por todo o país, e a nova cena rock de São Paulo fervia desde o início daquela década. Mas dos novos nomes nacionais, o festival só contava com bandas do Rio de Janeiro: Blitz, Lulu Santos, Barão Vermelho, Kid Abelha e Os Paralamas do Sucesso. Coube a este último suprir a lacuna para além do balneário fluminense, apresentando uma canção que só havia sido lançada em compacto, mas que já fazia sucesso.

"A gente vai tocar uma música de um grupo de São Paulo genial", anunciou Herbert Vianna, após comentar sobre a última eleição indireta no país, ocorrida no dia anterior e que elegeu Tancredo Neves como o novo Presidente. Em seguida, emendou uma versão histórica de "Inútil", que encontrou eco na multidão. O Ultraje a Rigor ainda não tinha lançado um disco e já era cantado por dezenas de milhares em um evento com transmissão nacional de televisão.

Nada mal para um grupo que começou tocando versões dos Beatles e da Jovem Guarda. Fundado pelo vocalista e guitarrista Roger Rocha Moreira e pelo baterista Leonardo "Leospa" Galasso, a formação também contava com Edgard Scandurra – e foi o guitarrista do Ira! quem propôs que eles escrevessem músicas próprias e inspirou a mudança do nome do projeto (que originalmente se chamava Ultraje). O nome "Ultraje a Rigor" passou a ser grafitado por São Paulo, fazendo com que a reputação da banda crescesse antes mesmo de gravar seu primeiro compacto, com "Inútil" de um lado e "Mim Quer Tocar" no outro.

Era o aquecimento necessário para tornar *Nós Vamos Invadir Sua Praia* um acontecimento do rock brasileiro. Desde a faixa-título, que ironizava a onipresença dos cariocas na cena nacional (e um refrão que reunia as vozes de Lobão, Ritchie, Leo Jaime e Selvagem Big Abreu), a estreia em estúdio do Ultraje reúne tantos hits que mais parece uma coletânea. Além das duas já citadas, o disco conta com "Rebelde Sem Causa", "Ciúme", "Mim Quer Tocar", "Marylou", "Eu Me Amo", "Zoraide" e outras faixas que foram escolhidas pelos fãs durante uma transmissão de rádio.

DESTAQUES: "Rebelde Sem Causa", "Ciúme" e "Inútil"

REPRODUÇÃO

Conheça a programação

ALÉM DE ROCK, TEM MUITO MAIS PRA VOCÊ

Visite os CCBBs, fique por dentro da programação **e vivencie o melhor da arte e cultura do Brasil e do mundo.**

CCBB. A arte de portas abertas.

Peça seu Ourocard e tenha benefícios exclusivos.

EXPOSIÇÃO

LEANDRO ERLICH

A TENSÃO

ATÉ **20** DE **JUNHO**

CCBB SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO

MOVIMENTO ARMORIAL 50 ANOS

ATÉ **27** DE **JUNHO**

CCBB RIO DE JANEIRO

Miguel dos Santos
São Jorge e o Dragão, 1972

EXPOSIÇÃO

HÉLIO OITICICA

MAGIC SQUARE #3

CCBB BRASÍLIA

EXPOSIÇÃO

COLEÇÃO BRASILEIRA

de Alberto e Priscila Freire

ATÉ **29** DE **AGOSTO**

CCBB BELO HORIZONTE

Pedro Corrêa de Araújo
Mulheres na Lapa

ESSENCIAIS

Exagerado

Cazuza Sigla/Som Livre *(1985)*

DEPOIS DO SUCESSO DE *MAIOR ABANDONADO* e do show histórico no Rock in Rio, o Barão Vermelho finalmente era tratado como uma das principais bandas da nova cena carioca. Mas seu vocalista, Cazuza, que antes tinha vergonha de mostrar suas músicas aos amigos, achava que carregava a banda nas costas e era o motivo do sucesso. Sua personalidade explosiva acabou criando problemas, como quando brigou com o guitarrista Roberto Frejat no palco ou quando a banda passou a ser apresentada como "Cazuza e Barão Vermelho", como se o grupo fosse o acompanhante de sua carreira solo. Os outros integrantes concordaram com o cantor sobre a possibilidade de ele lançar seu disco solo sem que isso significasse sua saída, mas a tensão entre Cazuza e os outros deixava tudo cada vez mais delicado. Até que, no meio da gravação do quarto disco, ele anunciou que estava de saída, levando consigo metade das canções que iriam para o futuro disco do Barão, *Declare Guerra* – incluindo aquela que havia composto com Leoni e que batizaria o novo álbum. A inspiração para outra música veio de uma crise respiratória sofrida por Cazuza. Internado por dias em um hospital, ele reparou na visita de um beija-flor em sua janela. A experiência gerou uma balada que apenas reforçou sua decisão de seguir sozinho: "Codinome Beija-Flor" era a prova de que a sonoridade que o poeta buscava não combinava com o Barão Vermelho. Foi o início de uma reputação que o tornaria um dos maiores nomes de sua geração, culminando com sua morte, em 1990.

DESTAQUES: "Exagerado", "Codinome Beija-Flor" e "Só As Mães São Felizes"

Sessão da Tarde

Leo Jaime Epic *(1985)*

DE TODOS OS NOMES QUE AJUDARAM O rock a florescer no Rio de Janeiro, um deles ainda não havia acontecido. Após uma temporada em Brasília, o goiano Leo Jaime chegou à cidade na virada da década e presenciou a gênese do Circo Voador. Passou a dividir shows com os amigos que mais tarde se chamariam João Penca & Os Miquinhos Amestrados e, ao lado deles, foram abordados pelo cantor Eduardo Dusek para que participassem de seu próximo disco, *Cantando no Banheiro*. Mas a gravadora de Dusek chiou, e o grupo João Penca fez apenas os vocais de apoio, enquanto Leo emplacou um hit – "Rock da Cachorra", embora na voz de Dusek. Foi o suficiente para que ele conseguisse um contrato e lançasse um álbum pela CBS em 1983, *Phodas C.* Mas tirando uma versão para "Sunny", de Bobby Hebb (que virou "Sônia"), o disco teve um fraco desempenho, porque seu título foi censurado pela ditadura, causando a dispensa de Leo pela gravadora. Em 1985, já no selo Epic, ele fez um disco mais próximo do que gostaria. Além da parceria com o Kid Abelha para "Fórmula do Amor", *Sessão da Tarde* trouxe sucessos como o doo-wop "Só", a irresistível "O Pobre", a balada sem refrão "A Vida Não Presta", além de uma versão para "So Lonely" do The Police (que virou "Solange", homenagem à Solange Hernandes, chefe da Divisão de Censura da ditadura) e uma música para o filme *As Sete Vampiras*. Foi a quebra do encanto de Leo Jaime, que tornou-se um dos astros do novo rock, sendo chamado inclusive para atuar em filmes e novelas.

DESTAQUES: "A Vida Não Presta", "A Fórmula do Amor" e "O Pobre"

REPRODUÇÃO

Selvagem?

Os Paralamas do Sucesso EMI *(1986)*

Antes mesmo de ter uma única música composta para o sucessor de seu bem-sucedido segundo disco (*O Passo do Lui*), Os Paralamas do Sucesso já haviam definido o título e a capa do álbum seguinte. A foto que fizeram de Pedro, irmão do baixista Bi Ribeiro, quando acamparam perto de Brasília anos antes, ficava pendurada em um mural junto com imagens de ícones do rock que a banda apreciava. Foi quando perceberam que eles mesmos tinham um ícone a sua frente, transformando a foto do amigo fantasiado de aborígene na embalagem do que viria a ser o trabalho mais aclamado da primeira fase da banda.

Dessa forma, *Selvagem?*, terceiro disco dos Paralamas, surgiu como um confronto às referências britânicas e norte-americanas que impulsionavam aquela nova geração de artistas. Cansados de serem referidos como "banda de rock de bermudas" ou "Police brasileiro", os três resolveram abraçar a brasilidade a partir daquela imagem de capa: arbitrariamente fuleira, caseira, informal e essencialmente brasileira, o oposto do que as bandas da época queriam passar.

A partir dali, os Paralamas abraçaram outros gêneros musicais – inclusive fora do Brasil, mas longe das referências europeias. A influência da música jamaicana, que já habitava o repertório da banda através de seus skas, tornou-se mais pronunciada, fazendo o grupo inclusive desbravar o dub. A música africana também dava o ar de sua graça e ao triangular África, Jamaica e Brasil, o trio descortinou uma nova sonoridade, além de assumir ares mais políticos, tema que nunca havia frequentado seu repertório.

Da faixa-título ao hino "Alagados", passando pela colaboração com Gilberto Gil em "A Novidade" (que o vocalista Herbert Vianna, aos prantos, transcreveu ouvindo a letra do próprio Gil, pelo telefone), uma versão para "Você" do Tim Maia, uma música batizada em homenagem à capital do Irã ("Teerã") e a fanfarrona "Melô do Marinheiro", composta pelo baterista João Barone, *Selvagem?* é uma inusitada viagem do rock daquela década, abrindo espaço para as gerações futuras. Não é exagero dizer que, sem a existência do disco, não haveria Skank, Chico Science & Nação Zumbi e Planet Hemp – ou pelo menos não como os conhecemos.

DESTAQUES: "Alagados", "A Novidade" e "Selvagem"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Olhar

Metrô Epic *(1985)*

EM SÃO PAULO, À MEDIDA EM QUE ARTISTAS como Ira!, Titãs, RPM e Ultraje a Rigor abriam caminho em shows cada vez mais lotados, faltava um vínculo entre aquela nova onda de bandas e as ondas do rádio. Este vínculo surgiu com uma versão bem particular – e paulistana – do Kid Abelha. Assim como a banda de Paula Toller e Leoni, o Metrô também tinha suas raízes no rock progressivo e uma musa juvenil como vocalista. Fundado por alunos de ascendência francesa que se conheceram no colégio Liceu Pasteur, o grupo A Gota Suspensa lançou um disco que não teve repercussão. Adotando um novo som com timbres eletrônicos e referências mais pop, a banda mudou o nome para Metrô e acabou disputada por gravadoras. Já com o selo Epic da CBS, o sucesso do Metrô veio com um compacto irresistível, "Beat Acelerado", e a vocalista Virginie Boutaud transformou-se no símbolo da mudança de fase que acontecia no rock da época. O hit impulsionou o disco de estreia do Metrô, *Olhar*, e músicas como "Tudo Pode Mudar", "Johnny Love" (com Leo Jaime como convidado e que foi trilha sonora do filme *Rock Estrela*) e "Ti Ti Ti" (versão para uma música de Rita Lee que tornou-se tema de abertura de novela) tocavam ininterruptamente, fazendo a banda correr o país em shows e participações em programas de rádio e TV. E há quem aposte que o sucesso de *Olhar* seria ainda maior se o Metrô incluísse a versão original de "Beat Acelerado", e não uma versão alternativa, tocada como se fosse bossa nova e com versos em francês.

DESTAQUES: "Sândalo de Dândi", "Tudo Pode Mudar" e "Johnny Love"

Cidades em Torrente

Biquini Cavadão Polydor *(1986)*

ENQUANTO O PRUMO DO ROCK BRASILEIRO dos anos 1980 aos poucos balançava para os lados de São Paulo, uma nova geração de artistas cariocas começava a surgir, inspirada por aquela primeira safra que já havia se estabelecido no início da década. Um dos primeiros nomes a despontar foi o do Biquíni Cavadão, banda descoberta por Herbert Vianna, líder d'Os Paralamas do Sucesso (que deu a ideia do nome da banda) e Carlos Beni, ex-baterista do Kid Abelha. Produzido por Beni e com a participação especial da guitarra de Vianna, o single de estreia da banda, "Tédio", contava com "No Mundo da Lua" (com uma referência velada à masturbação) do outro lado do compacto. As duas músicas passaram a tocar em alta rotatividade nas rádios cariocas, o que acabou fazendo com que o Biquíni Cavadão lançasse o primeiro álbum logo no ano seguinte (não sem antes aparecer no disco *Xuxa e Seus Amigos*, com o já citado e polêmico lado B do primeiro compacto). *Cidades em Torrente* ainda trouxe hits como "Timidez", que consolidava a percepção do Biquíni Cavadão como uma banda nerd (apesar do nome infame), e "Múmias", que contava com a participação vocal do nacionalmente famoso Renato Russo. Foi o suficiente para o grupo começar a estabelecer uma reputação que o manteve como um dos nomes mais consistentes da segunda geração do rock nacional.

DESTAQUES: "Tédio", "Timidez" e "No Mundo da Lua"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS

Rádio Pirata Ao Vivo

RPM Epic *(1986)*

O RPM É UM ANIMAL EXÓTICO NO ROCK OItentista. Fruto da parceria entre um crítico musical com um tecladista fascinado por eletrônica, a banda tentava recriar a transformação experimentada por nomes do rock progressivo que buscavam referências do technopop. Grupos como Genesis, Yes e Rush abandonaram o virtuosismo quente e valvulado para abraçar timbres sintéticos em canções que miravam o rádio. E o RPM estava de olho nisso.

Liderado por Paulo Ricardo e Luiz Schiavon, o RPM fez parte da mesma cena paulistana que viu grupos como Ultraje a Rigor, Ira! e Titãs atingirem o estrelato, com uma sonoridade menos solar e mais urbana. Mas se essas bandas tinham referências punk, pós-punk e new wave, o RPM pesava mais o clima, mesmo quando falava de amor. O clima das músicas, assim como a de seus contemporâneos, explorava a crise no país e a necessidade de abrir espaço para os anseios da nova geração. Mas seu aspecto estético era mais estiloso, cool e internacional.

O grupo foi revelado com o disco *Revoluções por Minuto*, mas o salto de popularidade aconteceu depois de assinar contrato com o empresário Manoel Poladian. Disposto a transformá-los no maior sucesso da história do rock brasileiro, ele convidou um de seus contratados, Ney Matogrosso, para dirigir o show do RPM, com elementos de superprodução: raios laser, gelo seco, figurino e posições no palco pré-definidas. Foi Ney quem sugeriu que Paulo Ricardo trouxesse músicas lentas para diminuir o ritmo frenético, no que o ex-crítico musical sugeriu uma versão para "London London", de Caetano Veloso.

Um dos primeiros shows dessa nova fase foi transmitido por uma rádio gaúcha, o que fez com que a gravação se tornasse um item dos mais pirateados – a versão de "London London" virou hit sem nunca ter sido lançada oficialmente. Isso fez a gravadora encampar a ideia de lançar um trabalho ao vivo de uma banda que só tinha um álbum.

Não demorou para *Rádio Pirata ao Vivo* se tornar o disco mais vendido no país, com mais de um milhão de cópias. Logo o RPM tocaria apenas em estádios, tornando-se o maior fenômeno de popularidade da década. Entre seus vários méritos, é um dos raros registros ao vivo a ter importância crucial na história da música brasileira.

DESTAQUES: "London London", "Alvorada Voraz" e "Flores Astrais"

REPRODUÇÃO

Dois

Legião Urbana EMI *(1986)*

A BANDA QUE COLOCOU BRASÍLIA NO MAPA da cultura nacional tinha suas raízes no punk e no pós-punk, como havia deixado claro em seu álbum de estreia, *Legião Urbana* (1985). Mas quando a turma de Renato Russo se reuniu para gravar o aguardado sucessor, o líder sabia que queria expandir-se para além daquele modelo musical. Obcecado pela história do rock, o vocalista e compositor deu um tempo na guitarra e gravou uma série de músicas de apelo folk, para que os outros integrantes compreendessem a sonoridade que ele desejava trazer ao novo álbum.

Originalmente chamado *Mitologia e Intuição*, o segundo disco do Legião Urbana estava planejado para ser duplo, com boa parte de suas canções conduzida pelo violão. Desta primeira ideia, só a proeminência do instrumento acústico acabou sobrevivendo e deu a tônica do lançamento, ampliando ainda mais o alcance das músicas e da poesia de Renato. Da crueza do primeiro disco, apenas "Metrópole" e "Fábrica" ecoam os rugidos revoltados de "Geração Coca-Cola". No lugar do barulho e agressividade do punk, violões dedilhados, levadas pastoris e músicas para se tocar ao redor da fogueira surgiam, revelando uma nova e convidativa banda para o restante do Brasil. Músicas como "Quase Sem Querer", "Andrea Doria" e a saga "Eduardo e Mônica" mostravam o apreço do Legião Urbana pela canção tradicional, ao mesmo tempo em que se tornavam hits radiofônicos imediatos.

Em *Dois*, a agressividade punk dava lugar a uma tensão constante, que podia ser traduzida tanto na eletricidade dúbia de "Daniel na Cova dos Leões", no lamento noturno de "Música Urbana 2", na descrença de "Índios" ou na constatação final do maior sucesso do disco, "Tempo Perdido", que lembrava a toda uma geração que "somos tão jovens". Reescrevendo rapidamente a própria história em um disco sem capa (o ocre que se tornaria cor nas edições seguintes era apenas a cor do papelão que formava o material original da embalagem), o Legião Urbana escapou da armadilha fácil do segundo álbum, ampliando tanto o espectro musical quanto seu alcance popular e dando o passo definitivo para tornar-se a maior banda de sua geração.

DESTAQUES: "Tempo Perdido", "Eduardo e Mônica" e "Índios"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Viva

Camisa de Vênus RGE *(1986)*

UMA DAS CARACTERÍSTICAS DA SEGUNDA fase do rock oitentista foi a explosão nacional de artistas que não estavam no eixo Rio-São Paulo. À medida que as bandas cariocas entravam em um novo momento e os grupos paulistanos se estabeleciam, artistas de Brasília, Porto Alegre e Salvador viam a possibilidade de atingir um público para além de suas cidades. O baiano Camisa de Vênus já furava essa brecha, e músicas como "Bete Morreu", "Eu Não Matei Joana D'Arc" e "Hoje" aos poucos tornavam a banda uma referência nacional – além da ousadia de seu nome polêmico, para horror do puritanismo da ditadura militar. O sucesso chamou a atenção de André Midani, diretor da gravadora WEA, que tentou contratá-los, mas não seria possível porque o grupo tinha um álbum para entregar para outra gravadora, a RGE. Então, Midani propôs uma ação conjunta com a RGE para transformar um show do grupo em disco. Gravado em 8 de março de 1986 no Caiçara Music Hall, em Santos, *Viva* foi um dos primeiros álbuns a desafiar a censura: mesmo recheado de palavrões, a gravadora o lançou sem submetê-lo ao departamento específico. O governo intercedeu e proibiu as dez faixas do disco, o que apenas aumentou sua repercussão. Além de seus clássicos ao vivo, *Viva* contém uma versão impublicável de "Sílvia" (aberta com um discurso em que Nova refuta o rótulo de banda machista), uma versão em português para "My Way" e o público berrando o grito de guerra do Camisa – "bota pra fuder" – desde a primeira faixa.

DESTAQUES: "Eu Não Matei Joana D'Arc", "My Way" e "Sílvia"

Okay My Gay

João Penca e Seus Miquinhos Amestrados

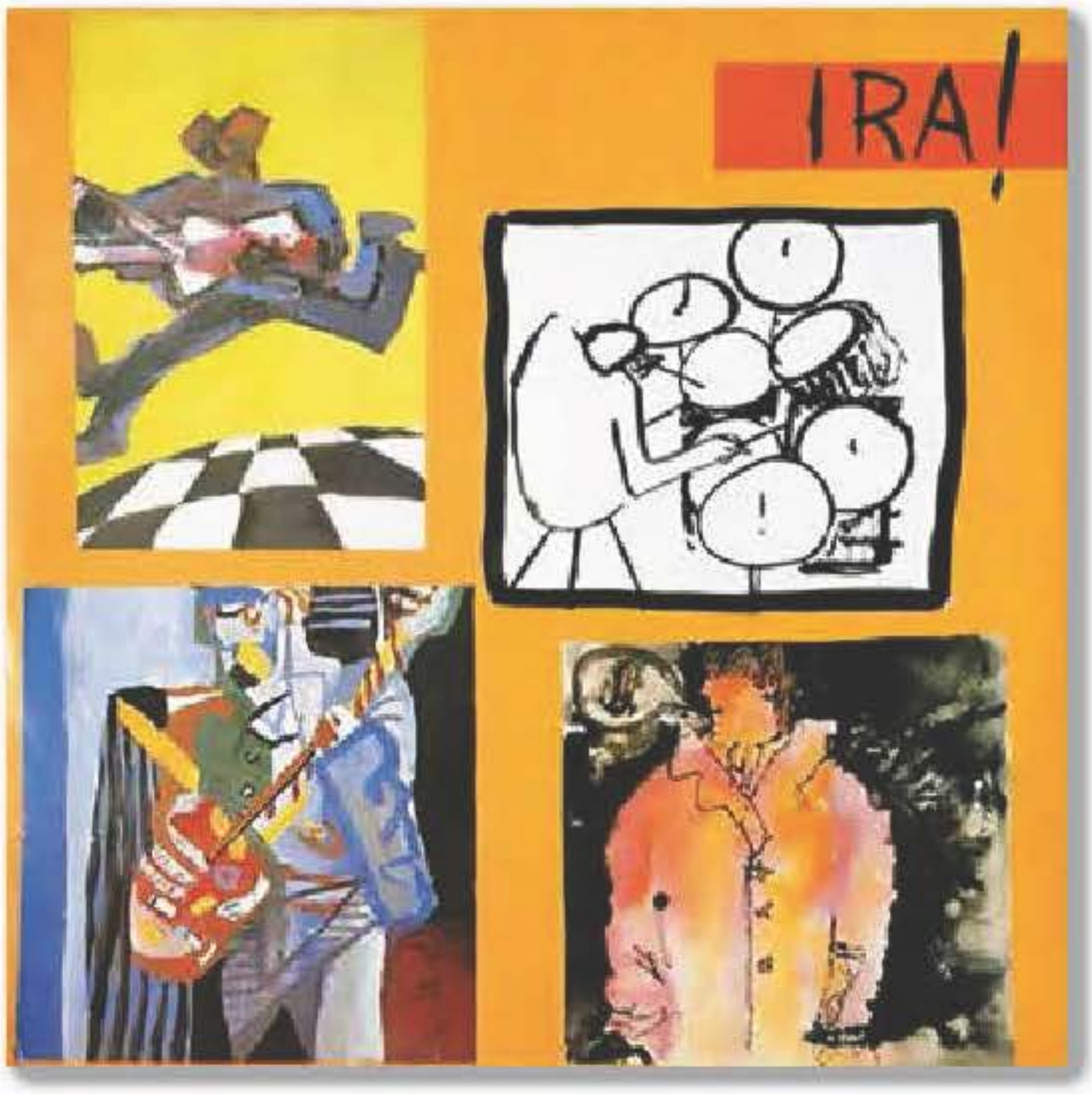
RCA Victor *(1986)*

A MELHOR MANEIRA DE DEFINIR O JOÃO Penca e Seus Miquinhos Amestrados é imaginar que a turma do fundão de uma sala de aula montou uma banda de rockabilly. Movido a pop dos anos 1940 e 50, piadas de duplo sentido e humor infame, o grupo formado por Selvagem Big Abreu, Avellar Love e Bob Gallo foi um dos catalisadores da geração que surgiu no Rio de Janeiro no início dos anos 1980, angariando novos fãs em festas-surpresa que quase sempre eram frequentadas pelos integrantes das outras bandas da época. A estreia em disco, *Os Maiores Sucessos de João Penca & Seus Miquinhos Amestrados* (1983), quando a banda ainda contava com Leo Jaime e Claudio Killer (que morreu tragicamente no ano do lançamento) não fez o sucesso esperado, apesar da repercussão do single "Telma Eu Não Sou Gay", com Ney Matogrosso. No álbum seguinte, *Okay My Gay*, o grupo tirou o atraso ao mesmo tempo em que selava a mudança de ares da década já na faixa de abertura. "Luau de Arromba" é uma homenagem à "Festa de Arromba" de Rita Lee, além de citar Gretchen e Menudo como parte daquela transformação estética. Mas *Okay* tornou-se o trabalho mais bem sucedido do grupo por trazer seus maiores hits até hoje, as impagáveis "Popstar", "Lágrimas de Crocodilo" e "Romance em Alto Mar". Vale dizer que o título era uma resposta irônica ao produtor Ronaldo Bastos, que havia sugerido que o disco se chamasse *Pencomania*.

DESTAQUES: "Popstar", "Lágrimas de Crocodilo" e "Luau de Arromba"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS



Vivendo e Não Aprendendo

Ira! WEA-Odeon *(1986)*

O GRUPO CRIADO PELO VOCALISTA NASI E pelo guitarrista Edgard Scandurra já era uma das principais novas bandas de rock de São Paulo graças ao impacto de seu primeiro disco, *Mudança de Comportamento* (1985), puxado pelo hit "Núcleo Base". Isso, aliado ao sucesso das conterrâneas como Ultraje a Rigor e Titãs, gerou uma grande expectativa em torno do segundo disco do Ira!. Tanto que a gravadora WEA mandou o grupo ao Rio de Janeiro para sessões de gravação com o produtor que deu a tônica daquela nova geração, o ex-mutante Liminha. O encontro, no entanto, não foi frutífero como podia se prever e o clima pesou no estúdio Nas Nuvens, o que obrigou o quarteto a voltar para São Paulo e terminar o disco com o produtor Pena Schmidt. Lançado no segundo semestre de 1986, em um histórico show na Praça do Relógio, da USP, *Vivendo e Não Aprendendo* é outro dos álbuns dessa era que mais parece uma coletânea best of, dada a quantidade de músicas que tiveram repercussão radiofônica e se eternizaram.

O hit "Dias de Luta" foi só o primeiro sucesso de uma série, que ainda contava com a festiva"Envelheço na Cidade", a orquestrada "Flores em Você" (tema de abertura da novela das oito *O Outro*, da TV Globo), além de "Vitrine Viva", "Quinze Anos", "Casa de Papel" e novas versões de "Gritos na Multidão" e "Pobre Paulista". Estas duas já haviam sido lançadas como compacto anos antes, mas o Ira! não quis regravá-las por prever que a gravadora insistiria para que as faixas fossem dubladas pelo grupo em programas de TV. A solução encontrada foi registrar as músicas em versões ao vivo, em uma apresentação na casa de shows paulistana Broadway.

Mesmo com todas as polêmicas e brigas relacionadas ao disco (que ainda ficou marcado por uma apresentação frustrante para a banda no festival *Hollywood Rock*, que terminou com Scandurra espatifando a guitarra no chão após uma pane sonora durante "Pobre Paulista"), *Vivendo e Não Aprendendo* é uma obra-prima não apenas do rock brasileiro, mas também da música paulistana, registrando o clima da São Paulo dos anos 1980 como poucos artistas conseguiram.

DESTAQUES: "Envelheço na Cidade", "Dias de Luta" e "Flores em Você"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Vida Difícil

Leo Jaime CBS *(1986)*

DEPOIS DE *SESSÃO DA TARDE*, LEO JAIME era enfim um popstar. Foram-se os tempos em que se apresentava como Leo Guanabara, integrante de última hora dos Miquinhos Amestrados, e das versões engraçadinhas para músicas estrangeiras. Seu repentino status de ídolo juvenil, atingido após o sucesso avassalador de seu segundo disco, o transformava em ator de filmes e novelas, além de fazê-lo namorar a modelo Monique Evans, uma das maiores musas do Brasil no período. E quando começou a pensar em seu terceiro álbum, o cantor deu um salto semelhante ao que o Paralamas e o Kid Abelha deram de suas estreias para os discos seguintes. *Vida Difícil* trazia uma evidente maturidade, tanto do ponto de vista lírico quanto musical. Leo abraçava cada vez mais o blue-eyed soul dos anos 1960 e 80, trazendo letras de conotação política ao lado de canções sobre relacionamentos maduros. No clipe de "Amor", ele atuava com outro ícone da época, a modelo Luiza Brunet. Deixando de lado as versões de sucessos gringos, preferiu reverenciar a música brasileira, regravando "Mensagem de Amor", dos Paralamas (talvez em sua versão definitiva), a nostalgia brasiliense no reggae tornado soul de "Um Telefone é Muito Pouco", do pioneiro Renato Mattos, e "A Lua e Eu", de um então esquecido Cassiano (versão que saiu apenas na edição em cassete). E para não renegar o passado humorístico, *Vida Difícil* fecha com "Cobra Venenosa", marchinha de carnaval com humor de duplo sentido e o miquinho Selvagem Big Abreu nos vocais.

DESTAQUES: "Nada Mudou", "Mensagem De Amor" e "Amor"

Capital Inicial

Capital Inicial Polydor *(1986)*

O MOVIMENTO QUE FEZ NASCER A VIDA cultural brasiliense começou quando Renato Russo juntou-se ao guitarrista André Pretorius e ao baterista Fê Lemos e fundou o trio punk Aborto Elétrico. Pretorius deixou a banda logo no início e Renato foi para a guitarra, cabendo ao irmão do baterista, Flavio, assumir o baixo no grupo, que logo se tornou uma pequena sensação local. Quando Renato saiu da banda, os irmãos Lemos chamaram o guitarrista Loro Jones e a vocalista Heloísa Helena para compor um novo projeto, batizado de Capital Inicial. A cantora não durou muito tempo, e o grupo escolheu para a função um dos fãs de primeira hora do Aborto Elétrico, além de amigo pessoal de Renato Russo: Dinho Ouro Preto. Dinho sentiu-se à vontade para pedir ao grupo reviver músicas do trio original que Renato não cantava mais em sua nova banda, o Legião Urbana – além de pedir para Renato terminar uma das músicas que mais gostava. E foi justamente "Música Urbana" que transformou o Capital Inicial no segundo nome a despontar em Brasília. Além desta, o primeiro álbum, batizado com o nome da banda, trouxe a balada pós-punk "Fátima" e o punk cru "Veraneio Vascaína" (que havia sido proibida nas rádios pela censura que ainda vigorava no país). Todas faziam parte do repertório do Aborto Elétrico, mas canções como "Psicopata", "Tudo Mal", "Leve Desespero" e "Linhas Cruzadas" mostravam que o grupo tinha potencial para ir além das faixas de Renato, embora a influência do líder do Legião Urbana continuasse rondando a carreira do grupo – até hoje.

DESTAQUES: "Música Urbana", "Leve Desespero" e "Fátima"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Cabeça Dinossauro

Titãs WEA *(1986)*

OS TITÃS NÃO ERAM DESCONHECIDOS NA metade dos anos 1980. Pelo contrário, seus dois primeiros discos e o visual extravagante (oito criaturas new wave, sendo que cinco eram vocalistas) os tornaram uma das bandas mais famosas do Brasil, mesmo que as músicas não tivessem atingido a mesma popularidade que as dos artistas cariocas. Mas quando dois integrantes foram presos por porte de drogas, o grupo viu parte da máquina do showbusiness virar-se contra eles, com shows cancelados por conta do ocorrido. O fato abalou a banda, que já trabalhava com uma sonoridade mais crua, devido à influência da ascensão do punk paulistano. Quando o octeto gravou, em dois dias, a demo do que viria a ser o terceiro disco, a essência do futuro álbum estava sintetizada ali: músicas curtas de títulos curtos, com um som barulhento, mau, agressivo. *Cabeça Dinossauro* não é o melhor disco do Titãs (este é seu sucessor, *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas*), mas é um dos mais importantes da década – não apenas por levar as sonoridades punk e new wave como um mesmo amálgama sonoro para as massas, mas por consolidar a banda como uma das mais relevantes do período. É o início da fase de ouro do grupo, que iria muito além dos riffs e palavrões, e marca uma nova fase no pop nacional, ao lado de discos definitivos como *Selvagem?*, *Rádio Pirata Ao Vivo* e *Dois*. A noite havia chegado aos anos 1980.

DESTAQUES: "Polícia", "Homem Primata" e "AA-UU"

Não São Paulo – Volume 1

Vários Artistas Baratos Afins *(1986)*

EM SÃO PAULO, SEMPRE PARECEU HAVER UM lugar sonoro localizado entre a música que toca nas rádios e os sons que circulam no submundo para um público restrito. Durante os anos 1980, com a influência do rock no mercado fonográfico, duas correntes formavam a sonoridade do underground na metrópole: uma influenciada pelo punk inglês e hardcore norte-americano; e outra, influenciada pelo pós-punk inglês e pela new wave dos EUA. E embora as duas correntes frequentassem as míticas Grandes Galerias no centro histórico paulistano, eram os locais de shows que separavam esses públicos. Foi quando a Baratos Afins, uma das lojas do que ficou conhecido como "Galeria do Rock", decidiu lançar os discos de bandas que se apresentavam em casas noturnas como Carbono 14, Napalm e Madame Satã. Um dos primeiros álbuns foi uma coletânea inspirada em *No New York*, compilação organizada em 1978 pelo produtor Brian Eno, com grupos da cena noise de Nova York. A tradução literal do título colocou *Não São Paulo* (que em 1987 teria um volume 2) no mesmo imaginário coletivo da irmã nova-iorquina, e consagrou uma geração pós-punk que reuniu nomes como Akira S & As Garotas Que Erraram, Muzak, Ness e Chance. São bandas que não chegaram a fazer cócegas no rádio, mas que representam perfeitamente as saborosas dissonâncias da música alternativa da época.

DESTAQUES: "Vie Moderne" (Ness), "Sobre As Pernas" (Akira S & As Garotas Que Erraram) e "TV Morte" (Muzak)

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

O Concreto Já Rachou

Plebe Rude EMI *(1986)*

A PLEBE RUDE ERA O FIEL DA BALANÇA DO punk de Brasília. Contemporânea do Aborto Elétrico, a banda esteve ligada à cena que consolidou a capital federal como o novo celeiro de artistas de rock, mantendo o mesmo nível musical e lírico dos nomes que nasceram a partir daquele trio pioneiro. Para muitos, a Plebe era mesmo "o Clash brasiliense" – tanto que havia uma versão do grupo em que só tocavam versões da banda de Joe Strummer. A bagagem musical do quarteto, formado pelos vocalistas, compositores e guitarristas Philippe Seabra e Jander "Ameba" Bilaphra, o baixista André "X" Mueller e o baterista Gutje Woorthman, os posicionava no ponto exato em que o punk descobria as possibilidades estéticas do pós-punk. E não é exagero dizer que seu primeiro EP é a experiência mais próxima que o punk brasileiro tem da sonoridade de *London Calling* do Clash, ampliando os horizontes do gênero para as rádios. Produzido por Herbert Vianna (que aproximou-se do grupo a partir do verso "já sei o que fazer pra ganhar muita grana: vou mudar meu nome para Herbert Vianna", em "A Minha Renda"), *O Concreto Já Rachou* rendeu sucessos (seis de suas sete músicas tocaram no rádio, como "Até Quando Esperar", "Proteção" e "Sexo e Karatê", que contava com a ex-Blitz Fernanda Abreu) e selou a nova safra de bandas de Brasília como um fato consumado, abrindo possibilidades tanto para a cena local como para grupos de fora da capital.

DESTAQUES: "Até Quando Esperar", "Proteção" e "Minha Renda"

Cadê as Armas?

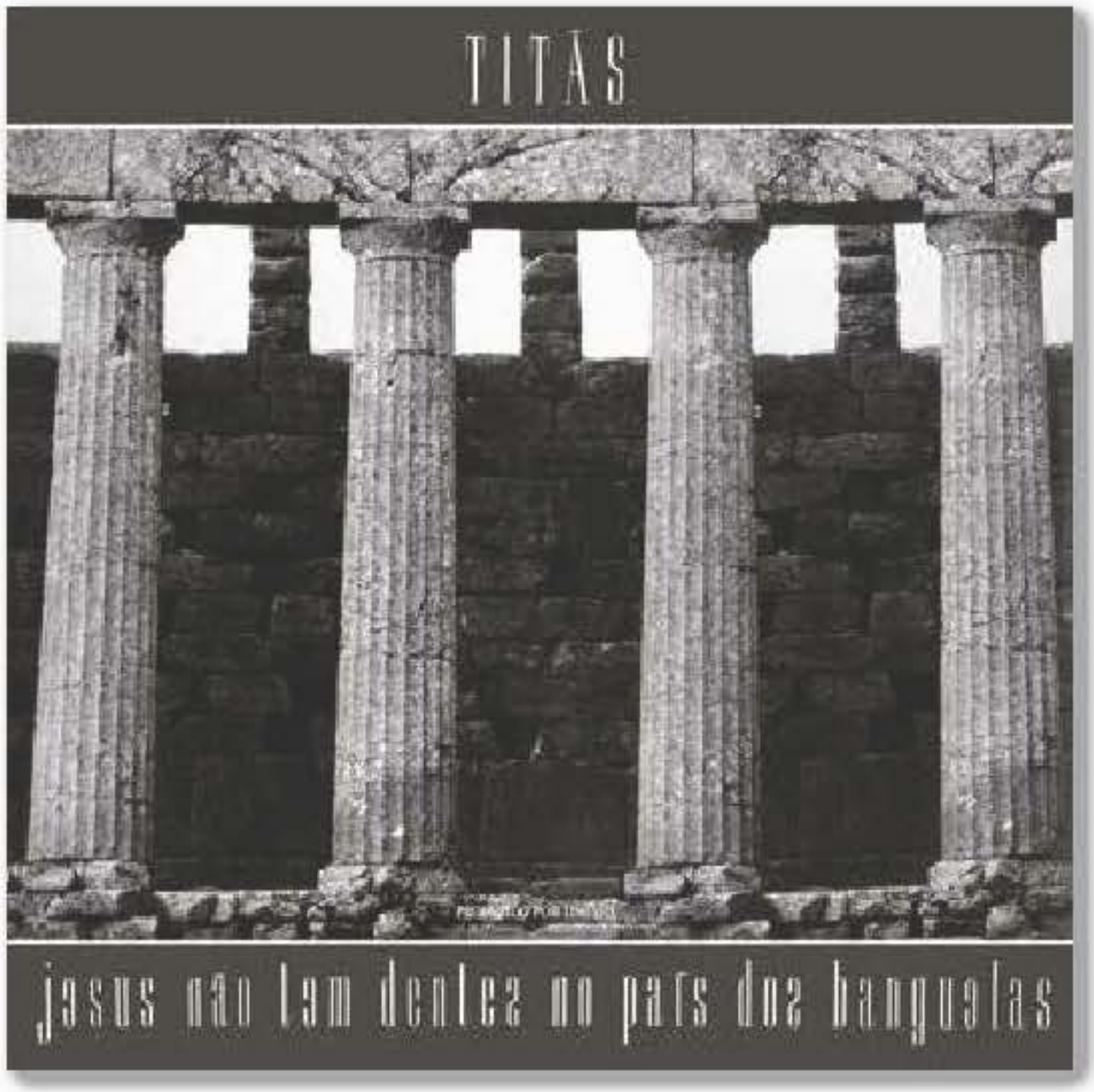
As Mercenárias Baratos Afins *(1986)*

HAVIA UMA SEPARAÇÃO ABISSAL ENTRE AS cenas do punk e do pós-punk paulistano durante os anos 1980. Por mais que seus frequentadores se conhecessem, a disparidade de sonoridades e intenções de cada movimento os fazia viver em universos separados, que se toleravam, mas não se misturavam. As Mercenárias, uma das poucas bandas inteiramente formada por mulheres daquela década, contribuiu para mudar esse panorama. Seu primeiro disco, *Cadê as Armas?*, aproximou essas tribos em um disco punk atemporal – bancado e lançado por uma loja, a Baratos Afins, que logo se consolidou como uma das forças do rock underground em um dos pólos de atração da juventude da cidade (a Galeria do Rock). A estreia sintetizava as tensões e intenções da São Paulo da época, confrontando o status quo em músicas curtas e incendiárias – dez canções, que somadas, representavam menos de 20 minutos. É um trabalho acrônico, que se fosse lançado hoje (seja qual for a data em que você estiver lendo), permaneceria inflexivelmente atual. Guitarras pontiagudas, grooves pesados de baixo e letras que misturam palavras de ordem, gritos de guerra e duras constatações tornam a banda (que contou com Edgard Scandurra na bateria) uma peça-chave na evolução do underground, além de ser um registro fonográfico perfeito do momento. Aliás, não foram poucos os que perceberam a semelhança na sonoridade de *Cadê as Armas?* com a que os Titãs assumiram em seu disco da mesma época, *Cabeça Dinossauro*, incluindo títulos e temas semelhantes, como "Polícia" e "Santa Igreja".

DESTAQUES: "Me Perco", "Polícia" e "Santa Igreja"

REPRODUÇÃO

CLÁSSICOS



Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas

Titãs WEA *(1987)*

EMBORA *CABEÇA DINOSSAURO* (1986) SEJA O DISco mais popular e transgressor do então octeto paulistano Titãs, é no disco seguinte que o grupo atingiu o ápice criativo e artístico. Depois de um álbum agressivo e com sucessos que até hoje são hinos ("Polícia", "AAUU", "Homem Primata" e "Bichos Escrotos"), um pequeno experimento no final do lado B transformou um poema circular de Arnaldo Antunes em um funk eletrônico improvisado pelo produtor Liminha, estabelecendo os novos horizontes da banda. "O Que", que encerrava *Cabeça Dinossauro*, era a ponta de experimentação que a banda precisava para retomar os rumos de sua origem, quando apontavam ao mesmo tempo para a new wave, o art rock, o pós-punk e a canção brasileira (e ainda se chamavam Titãs do Iê-Iê).

É por isso que *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* é o disco mais importante do Titãs. A experiência do sucesso popular iniciada no segundo disco, *Televisão* (de 1985, quando emplacaram a faixa-título como seu maior hit até então) poderia ter encurtado o caminho que acabou dando os rumos da banda dez anos depois, quando cederam à canção popular com o enorme sucesso de seu *Acústico MTV*. Em vez disso, o grupo decidiu ousar. "O Que" foi o início de um amálgama do grupo com Liminha, referido quase sempre como "o nono titã", e grooves conduzidos pelo baixo abriam possibilidades estéticas que os primeiros discos só flertavam. "Comida" resume todo o clima de *Cabeça Dinossauro* em uma única música e talvez seja a faixa mais importante do grupo, mas ela não está sozinha e divide espaço com "Corações e Mentes", "Desordem" e "Diversão" neste reencontro com o pós-punk e o flerte com o incipiente funk metal. Mas a agressividade de *Cabeça...* não foi esquecida e o tom político do disco é ainda mais pronunciado, com a presença de canções como "Nome aos Bois", "Mentiras" e "Armas Pra Lutar", além de outra grande joia da coroa titã, "Lugar Nenhum". Uma obra impecável.

DESTAQUES: "Comida", "Lugar Nenhum" e "Desordem"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

A Revolta dos Dândis

Engenheiros do Hawaii

BMG/RCA *(1987)*

O TRIO LIDERADO POR HUMBERTO GESsinger parecia ser apenas uma versão gaúcha d'Os Paralamas do Sucesso ao emplacar hits de andamento rápido ("Sopa de Letrinhas", "Toda Forma de Poder" e "Segurança") nas paradas de 1986. Mas uma mudança mudou os rumos – e o ritmo – da banda por completo: a saída do baixista Marcelo Pitz fez com que o líder assumisse o instrumento, enquanto o cargo de guitarrista ficaria com o veterano Augusto Licks. A novidade na formação (completa com o baterista Carlos Maltz) fez com que os Engenheiros do Hawaii se aproximassem do rock progressivo de forma improvável, criando uma sonoridade e temáticas mais complexas para as ondas do rádio, com enormes letras sem refrão (como o hit "Infinita Highway"), as duas versões para a faixa-título, a apaixonada "Refrão de Bolero" e "Terra de Gigantes", balada que ironizava a própria ideia daquela nova geração de artistas ("a juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes"). As letras de Gessinger, cheias de jogos de palavras, figuras de linguagem e trocadilhos, subvertendo expressões conhecidas com um olhar sagaz ou infame (dependendo do quanto você aprecia do grupo), foram um divisor entre os ouvintes e ajudou a banda a criar um séquito de fãs que tornaria o trio um dos grupos mais amados daquela década.

DESTAQUES: "Infinita Highway", "Terra de Gigantes" e "A Revolta dos Dândis (Parte II)"

3 Lugares Diferentes

Fellini Baratos Afins *(1987)*

ENQUANTO O PUNK PREGAVA A ESTÉTICA DO "faça-você-mesmo" com músicas gritadas, riffs e baterias frenéticas, uma outra versão dessa lógica era experimentada de forma menos agressiva, em gravações literalmente caseiras. O Fellini é o precursor da baixa fidelidade no Brasil (gênero conhecido como *lo-fi*) e batia de frente com a superprodução de bandas paulistanas como Titãs, RPM e Metrô. A célula inicial do grupo – o vocalista Cadão Volpato e o guitarrista Thomas Pappon – preferia a informalidade da crônica e uma sonoridade menos lapidada para dar ênfase às letras, uma desconstrução do estilo pós-punk em gravações intimistas. Após dois discos bem recebidos pela crítica (*O Adeus de Fellini* e *Fellini Só Vive 2 Vezes*), a banda chegou ao terceiro álbum consolidando a formação (que ainda contava com Jair Marcos e Ricardo Salvagni) e uma sonoridade ao mesmo tempo precária e preciosa, que misturava baterias eletrônicas, gravações faladas, guitarras esparsas e letras contemplativas que inspiraram o rock underground da década seguinte. Além de "Teu Inglês", o mais perto que a banda chegou de um hit, *3 Lugares...* ainda conta com um trecho do programa de rádio *Balancê*, de Osmar Santos, que após ouvir a música do Fellini, cravou: "A rapaziada tá brincando bastante, ninguém ganha nada, não tá vendendo nada, o disco não tá legal, mas a gente tá dando muita risada e tá sendo uma grande curtição. Vamos levar isso pra frente."

DESTAQUES: "Teu Inglês", "Ambos Mundos" e "Zum Zum Zum Zazoeira"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Vida Bandida

Lobão RCA-Victor *(1987)*

O ROCK DOS ANOS 1980 IA MUDANDO À MEdida que a década ia passando. Ao mesmo tempo em que a onipresença do Rio de Janeiro cedia à chegada dos artistas paulistanos – e de outras cidades fora do principal eixo da cultura no país –, a sonoridade também ficava mais pesada e os temas se tornavam mais belicosos. Em vez dos palavrões desafiando a antiga censura militar que persistia mesmo em um governo civil, as novas canções saíam da trivialidade cotidiana para acentuar o tom político e tratar do descalabro econômico brasileiro. O disco anterior de Lobão, *O Rock Errou* (1986), o primeiro sem a banda Os Ronaldos, mostrou o ex-baterista subindo o tom, colocando a própria esposa como uma santa seminua na capa, usando o título para desclassificar seu próprio gênero musical e trazendo um hit que serviu como trilha sonora para a ressaca da primeira metade da década, "Revanche". O sucessor, *Vida Bandida*, de 1987, normalmente seguiria esse rumo mais pesado, mas foi atropelado pela prisão do próprio Lobão por uso de drogas, o que o obrigou a obter um *habeas corpus* para conseguir gravar os vocais (depois de voltar a tocar bateria pela primeira vez após sair da Blitz). A faixa-título saudava os companheiros de prisão ao anunciar o número da cela logo no início ("Aí galera da 11!") e, além dessa, o disco ainda exibe os hits "Vida Louca Vida", "Blá Blá Blá... Eu Te Amo (Rádio Blá)" e "Chorando no Campo" – esta última com o velho lobo exibindo seu virtuosismo ao violão.

DESTAQUES: "Vida Bandida", "Blá Blá Blá... Eu Te Amo (Rádio Blá)" e "Chorando no Campo"

Carnaval

Barão Vermelho WEA *(1988)*

A SAÍDA DE CAZUZA EM 1985 DEIXOU O Barão Vermelho completamente perdido. Além de o ex-vocalista ter levado parte do repertório de *Declare Guerra* (1986), o quarto álbum da banda, os remanescentes ainda se sentiram deixados de lado pela própria gravadora, que preferiu capitalizar o início da carreira solo do *enfant terrible* do rock carioca. O mal desempenho do disco nas rádios e nas lojas fez o Barão perder a curva ascendente que acompanhava seus contemporâneos e resultou na saída da gravadora Som Livre. Ao lançar o trabalho seguinte, *Rock'n Geral* (1987), pela WEA, o grupo se viu quase que começando do zero, principalmente porque sofreu a saída de outro de seus membros fundadores, o tecladista Maurício Barros. A fase de transição havia chegado a um limite insustentável, obrigando o próximo disco a ser decisivo. Com a entrada de novos integrantes – o guitarrista Fernando Magalhães e o percussionista Peninha –, a banda pesou ainda mais sua brasilidade latente, sem perder o groove típico do rock. Com um título sugestivo, *Carnaval* funciona como uma reinauguração do antigo Barão Vermelho, ao mesmo tempo em que consolida seu status de uma das mais importantes bandas de rock do Brasil. O sucesso de "Pense e Dance", que fez parte da trilha da novela *Vale Tudo*, da TV Globo, com um Frejat carismático e muito à vontade, colaborou para afastar de vez o peso da ausência de Cazuza em sua formação. Dando as pistas de como o Barão iria soar a partir da nova década, *Carnaval* é o registro definitivo dessa transformação.

DESTAQUES: "Pense e Dance", "Não Me Acabo" e "Nunca Existiu Pecado"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

O Tempo Não Para

Cazuza Polygram *(1988)*

SE O BARÃO VERMELHO PENAVA PARA SE REerguer depois da saída de seu ex-vocalista, a carreira solo de Cazuza andava de vento em popa. Seu problema foi outro, muito mais grave: ele tornou-se a primeira celebridade no Brasil a declarar que era portador do vírus HIV, transmissor de uma doença que passou a existir naquela década, a Aids. Seu terceiro disco, *Ideologia* (1987), já veio influenciado pela má notícia, e músicas como "Boas Novas" e a faixa-título escancararam a situação em versos como "o meu prazer agora é risco de vida" e "eu vi a cara da morte e ela estava viva". Embora só fosse assumir ser soropositivo no início de 1989, Cazuza saiu em uma turnê de sucesso dirigida pelo amigo Ney Matogrosso, trazendo dois hits alheios ("Vida Louca Vida" gravado por Lobão no ano anterior, e "O Tempo Não Para", do Hanói Hanói) como carros-chefe da nova fase. Seguindo a tendência fonográfica do fim da década, o poeta transformou seu quarto disco em um registro daquele show, gravando faixas nas três apresentações que fez em outubro de 1988, no Canecão (RJ). O álbum tornou-se um fenômeno de vendas e consagrou versões definitivas de hits de sua carreira solo, sem depender das canções que fez nos tempos do Barão. Mesmo que Cazuza tenha conseguido lançar mais um disco antes de morrer (*Burguesia*), o álbum ao vivo é seu legado fonográfico e serve como réquiem para a vida de um artista único na música brasileira.

DESTAQUES: "Vida Louca Vida", "O Tempo Não Para" e "Boas Novas"

Psicoacústica

Ira! WEA *(1988)*

DEPOIS DE SEU DISCO MAIS BEM SUCEDIdo comercialmente, o Ira! queria ir além. *Vivendo e Não Aprendendo*, que colocou a banda no primeiro escalão do pop brasileiro, deixou a banda à vontade para gravar um disco que fugia tanto das expectativas dos fãs quanto da crítica. Para trás ficaram as referências *mod* e as músicas com apelo comercial – e até mesmo o clichê de ser uma banda de rock nos anos 1980. *Psicoacústica* era extravagante desde a capa, com design inspirado na *optical art* dos anos 1960, trazendo, em suas primeiras edições, um óculos de 3D para apreciá-la de forma aprofundada. A capa dupla e o uso de samples também eram novidades que a banda apresentava, reproduzindo trechos do clássico filme marginal *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla, e de um discurso de José de Paiva Netto, presidente da Legião da Boa Vontade, em duas canções. O restante do disco explora novas possibilidades musicais, como o reggae em "Receita Para Se Fazer um Herói", o rap em "Advogado do Diabo" (o vocalista Nasi e o baterista André Jung seriam os produtores da primeira coletânea do gênero no país, *Hip-Hop Cultura de Rua*, lançado naquele ano) e a psicodelia em "Mesmo Distante", além de trazer o guitarrista Edgard Scandurra assumindo os vocais pela primeira vez para negar sua natureza rocker na faixa mais pesada da banda, "Farto do Rock'n'Roll". O disco foi bem recebido pela crítica musical, mas não teve boa repercussão entre os fãs, fazendo o Ira! cair do escalão que havia conquistado a duras penas no ano anterior.

DESTAQUES: "Rubro Zorro", "Manhãs de Domingo" e "Pegue Essa Arma"

REPRODUÇÃO

ESSENCIAIS

Õ Blesq Blom

Titãs WEA *(1989)*

O TITÃS SE ENCONTRAVA NO AUGE DA POpularidade nacional quando lançou seu quinto álbum, em 1988. No ao vivo *Go Back*, a banda revisitou músicas de seus dois primeiros discos que ainda não haviam feito sucesso. Foi a chance de a banda retornar às suas raízes de música de vanguarda, relembrando as versões para o poema de Torquato Neto (que batizava o disco) ou o reggae "Patches", que virou o sucesso "Marvin", cantado por Nando Reis. A turnê de *Go Back* mostrou que o Titãs tinha a permissão de ousar o quanto quisesse. Como por exemplo, quando descobriram os repentistas cegos Mauro e Quitéria, na Praia de Boa Viagem, em Pernambuco, e ao ouvi-los cantar uma mistura de idiomas, os colocaram na abertura do novo álbum, *Õ Blésq Blom*. O enigmático título é uma expressão inventada por Mauro e Quitéria, e queria dizer, segundo eles, "os primeiros habitantes da Terra". A vinheta dá o início a uma colcha de retalhos dadaísta que mistura referências didáticas ("32 Dentes", "O Camelo e o Dromedário" e "Racio Símio") a outras não tão literais ("O Deus e o Diabo", "O Pulso" e "Medo"), além de conter poucas canções no formato tradicional das rádios. O maior exemplo é "Flores", hit do disco, com vocais de Branco Mello e solo de sax de Paulo Miklos (o clipe foi o primeiro vencedor da categoria "escolha da audiência brasileira" na premiação Video Music Awards da MTV, já que a filial brasileira iniciou suas atividades no ano seguinte). *Õ Blésq Blom* encerrou a parceria de Titãs com o produtor Liminha em seu projeto mais dance e eletrônico, mas sem perder a fleuma intelectual que sempre pairava sobre o grupo – até a década seguinte.

DESTAQUES: "Flores", "Miséria" e "O Pulso"

As Quatro Estações

Legião Urbana EMI-Odeon *(1989)*

A PRINCIPAL BANDA DE BRASÍLIA CONcluiu sua primeira fase com uma compilação de canções do início da carreira (*Que País É Este 1978/1987*), atingindo um público ainda maior graças ao sucesso improvável de uma música de nove minutos ("Faroeste Caboclo"). O recurso de ressuscitar faixas antigas estava ligado ao fato de seu compositor ter sofrido um bloqueio criativo, por conta da agenda intensa de shows e aparições em rádios e TV, além de um incidente durante um show em Brasília que causou o descontrole do público (foi a última apresentação do Legião Urbana em sua cidade natal). Vale lembrar que, antes do lançamento, a banda expulsou o baixista Renato Rocha, ficando reduzida a um trio – Renato Russo, o guitarrista Dado Villa-Lobos e o baterista Marcelo Bonfá. *As Quatro Estações* foi lançado longos dois anos após o disco anterior, mas consolidou o Legião como a maior banda do Brasil. Foram quase um milhão de cópias vendidas, graças a canções introspectivas e a maior influência do violão, como já haviam experimentado em *Dois*. A capa cinzenta e o clima melancólico anteciparam a tempestade que se abateria sobre aquela geração – primeiro, por conta da crise econômica; depois, pelo choque de gerações das bandas oitentistas com artistas de natureza popular (como a lambada e o sertanejo) e pesada (as bandas de metal e hardcore que cantavam em inglês). O sonho dos anos 80 estava chegando ao fim.

DESTAQUES: "1965 (Duas Tribos)", "Há Tempos", "Pais e Filhos" e "Meninos e Meninas"

REPRODUÇÃO

SUBESTIMADOS

Agentss

Agentss Scorpius *(1982)*

O estranhíssimo trabalho da banda idealizada pelo paulista Kodiak Bachine, cantando em um idioma fictício chamado "eletrotranzlyrics", foi o primeiro passo da música brasileira rumo ao pop dos anos 1980. Com influências diversas que passam pelo rock progressivo, technopop, música eletrônica e pós-punk, este compacto de apenas duas músicas conversaria com quase todo o pop lançado anos depois.

Ao Vivo no Mosh

Smack Baratos Afins *(1985)*

Outra relíquia do pós-punk paulistano, o grupo Smack reuniu integrantes de diversas bandas daquela cena, como Sandra Coutinho, d'As Mercenárias, Thomas Pappon, que tocava com o Voluntários da Pátria e o Fellini, e os heróis da guitarra Edgard Scandurra e Sergio Pamplona Jr., o Pamps. Juntos, geraram um disco ao vivo impressionante que foi reverenciado até pela revista norte-americana *Spin*.

Voluntários da Pátria

Voluntários da Pátria Baratos Afins *(1984)*

O grupo pós-punk reuniu artistas que tocavam em diferentes bandas: Nasi e Gaspa também eram do Ira!, o baterista Thomas Pappon tornou-se guitarrista do Fellini e os guitarristas Miguel Barrela e Giuseppi Lenti tocavam em bandas como Akira S, CO2 e Agentss. Este único disco é um marco da sonoridade crua e sincopada da época.

Pela Paz em Todo o Mundo

Cólera Ataque Frontal *(1986)*

A banda formada pelo mítico Redson (falecido em 2011) talvez seja o grupo punk mais importante da história do Brasil, e seu segundo álbum, de 1986, é sua verdadeira obra-prima. Um disco urgente, agressivo e barulhento, *Pela Paz em Todo Mundo* reúne 14 clássicos que fizeram a banda ganhar o mundo a partir de seu lançamento.

Batalhões de Estranhos

Camisa de Vênus RGE *(1985)*

A Som Livre exigiu a mudança de nome, mas o grupo baiano se recusou e foi dispensado. Mudando para São Paulo, o Camisa rodou o país fazendo shows, o que chamou a atenção da RGE, que comprou o disco de estreia e bancou este segundo, que traz "Eu Não Matei Joana D'Arc" e "Hoje", além de uma versão para "Gotham City", de Jards Macalé.

Heróis da Resistência

Heróis da Resistência Warner *(1986)*

"Comendo na sua cama, São Paulo pela janela": assim começa o disco do grupo que Leoni criou ao sair do Kid Abelha. A citação à cidade não era gratuita: com sonoridade entre o pós-punk e o technopop, o clima urbano de "Esse Outro Mundo" e "Só Pro Meu Prazer" garantiram o sucesso do Heróis da Resistência, que duraria só dois álbuns.

Mudança de Comportamento

Ira! WEA *(1985)*

Nascidos no meio da cena punk paulistana, o Ira! quis mostrar sua distância da sonoridade crua daquele gênero, abraçando o gênero *mod* e reforçando sua identidade ao evocar bandas como Who e Jam. Bebendo tanto do punk quanto do R&B e do soul, o grupo entrou no imaginário coletivo paulistano graças a hits como "Longe de Tudo", "Núcleo Base" e a singela "Tolices".

Pânico em SP

Inocentes Warner *(1986)*

O Inocentes surgiu da fusão do grupo Condutores de Cadáver com o baixista Clemente, que tocou na seminal banda punk Restos de Nada. O grupo participou de dois marcos históricos – a coletânea *Grito Suburbano* e o festival *O Começo do Fim do Mundo* – antes de lançar o compacto "Miséria e Fome" e assinar com a Warner. Produzido por Branco Mello e Pena Schmidt, *Pânico em SP* rendeu hits, como "Ele Disse Não".

Revoluções Por Minuto

RPM Epic *(1985)*

O primeiro disco do grupo liderado pelo ex-crítico musical Paulo Ricardo reunia elementos aparentemente díspares, mas que conversavam com a cena paulistana daquele início de década: tanto o progressivo quanto o pós-punk e o technopop encontravam eco na música do RPM, em um disco de muitos sucessos que começou a colocar São Paulo no mapa do pop nacional.

Longe Demais das Capitais

Engenheiros do Hawaii BMG *(1986)*

Uma banda que entrou de última hora em uma coletânea da cena de Porto Alegre, o Engenheiros do Hawaii conseguiu transformar suas duas faixas ("Segurança" e "Sopa de Letrinhas") em sucessos locais, o que chamou a atenção da BMG. Além dessas, *Longe Demais...* trouxe o primeiro grande sucesso do trio, "Toda Forma de Poder".

REPRODUÇÃO

SUBESTIMADOS

Violeta de Outono

Violeta de Outono
RCA *(1987)*

A banda de Fabio Golfetti habitou a mesma cena paulistana que respirava pós-punk e punk rock. Mas, de forma improvável, conseguiu estabelecer-se misturando referências de rock psicodélico e progressivo. Equilibrando essas duas vertentes no primeiro disco, o Violeta de Outono alcançou uma sonoridade única em todo o mundo.

Trashland

Mercenárias EMI *(1987)*

Depois de um primeiro disco preciso e direto a ponto, *Cadê As Armas?*, uma das bandas punk mais importantes de São Paulo assinou com uma gravadora multinacional e aproveitou a deixa para desbravar novos horizontes musicais. Em *Trashland*, as Mercenárias vão do folk ao pós-punk, passando pelo gótico e até musicando um poema de William Blake. Um álbum maravilhoso de uma banda que marcou sua época.

Não São Paulo - Volume 2

Vários Artistas
Baratos Afins *(1987)*

A coletânea original de 1986 deu tão certo que originou uma segunda edição. E assim como a primeira, a nova *Não São Paulo* foi um belo retrato de sonoridades desconhecidas dos grandes públicos. Neste *Volume 2*, os nomes contemplados foram os grupos Nau, Gueto (antes de assumir o rap que o tornaria popular), 365 e Vultos.

Hojerizah

Hojerizah
Plug/BMG-Ariola *(1987)*

Os ares pós-punk enfim chegaram ao Rio, e o Hojerizah, fundado pelo cantor Toni Platão, o *guitar hero* Flávio Murrah e o baixista Marcelo Larrosa, foi um de seus principais representantes. A sonoridade noturna pouco lembrava o pop carioca do início da década, e neste primeiro disco, o grupo transpôs a barreira do rádio com "Pros Que Estão em Casa" e "Tempestade em Viena".

Corredor Polonês

Patife Band WEA *(1987)*

Depois de um disco independente, a banda liderada por Paulo Barnabé (irmão do ícone da vanguarda paulistana Arrigo Barnabé) trouxe o teor erudito e cabeçudo explorado pelo irmão famoso para o território do rock e do pós-punk, provocando um dos discos mais ousados da década. De tão influente, *Corredor Polonês* chegou a ser considerado no exterior como um dos precursores do gênero math rock.

Papaparty

DeFalla
Plug/BMG-Ariola *(1987)*

O DeFalla foi o destaque de *Rock Grande do Sul*, que exibiu as novas bandas gaúchas, mas seguiu com uma versão diferente da que foi registrada na coletânea. Com a saída de Carlo Pianta, que formou a Graforréia Xilarmônica, o vocalista Edu K e a baterista Biba Meira se juntavam ao baixista Flu e ao guitarrista Castor Daudt para um dos primeiros discos de funk metal do país.

Eu Sou o Rio

Black Future
Plug/BMG-Ariola *(1988)*

Fruto do encontro de Satanésio e Tantão, o Black Future era mais um passo que o Rio de Janeiro dava rumo a São Paulo, absorvendo a sonoridade pós-punk, industrial e eletrônica que germinava na cena paulistana. Este primeiro e único disco, clássico do pós-punk, é produzido por Thomas Pappon e tem participações de Edgard Scandurra, Paulo Miklos e do gaúcho Edu K, do DeFalla.

Supercarioca

Picassos Falsos
Plug/BMG-Ariola *(1988)*

Outro importante grupo do movimento pós-punk carioca, o Picassos Falsos desvirtuou seu caminho original (que parecia pender mais para São Paulo) neste segundo disco, voltando seus olhares para o Rio de Janeiro, fazendo um disco tão ensolarado quanto urbano, tão sambista quanto gótico, tão punk quanto funk. Um clássico esquecido do pop nacional.

Big Bang

Os Paralamas do Sucesso EMI *(1989)*

Depois de *Selvagem?*, o Paralamas tornou-se uma das maiores bandas do país, e os discos seguintes – o ao vivo *D*, *Bora Bora* e *Big Bang* – apenas confirmavam tal estatura. Este último reúne as contagiantes "Perplexo", "Esqueça O Que Te Disseram Sobre O Amor" e "Pólvora" e as baladas "Nebulosa do Amor" e "Lanterna dos Afogados", encerrando a primeira grande fase do trio.

Combustível para o Fogo

Sexo Explícito
Eldorado *(1989)*

Revelada pela coletânea *Rock Forte*, que mapeou o novo rock de Belo Horizonte, a banda Sexo Explícito fundada pelo vocalista Rubinho Troll e o guitarrista John Ulhoa (que na década seguinte fundaria o Pato Fu) deixou marcas na cena pós-punk da segunda metade dos anos 80. Este primeiro disco é um clássico do gênero.

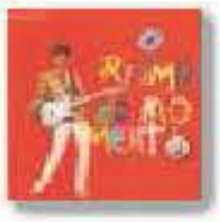
REPRODUÇÃO

VALE OUVIR

Cinema Mudo

Os Paralamas do Sucesso EMI *(1983)*

O primeiro disco d'Os Paralamas trazia a banda em seu estado mais juvenil, com letras engraçadinhas e forte ênfase no ska, além do hit "VItal E Sua Moto".



O Ritmo do Momento

Lulu Santos WEA *(1983)*

No segundo álbum, Lulu Santos azeita mais seu pop perfeito, em parcerias com Ronaldo Bastos ("Um Certo Alguém") e Nelson Motta ("Como Uma Onda (Zen-Surfismo)").

Choque

Kiko Zambianchi EMI *(1985)*

Um novato do interior de São Paulo, Zambianchi firmou-se logo no início da década graças a três hits: "Rolam as Pedras", "Choque" e a clássica "Primeiros Erros (Chove)".

Rock Grande do Sul

Vários Artistas RCA *(1985)*

A coletânea que mapeou bandas de fora do eixo Rio-SP reuniu nomes potentes da cena gaúcha, como Engenheiros, DeFalla, TNT, Garotos da Rua e Replicantes.

Passos no Escuro

Zero EMI *(1985)*

Guilherme Isnard foi do Voluntários da Pátria, mas decidiu investir em um som mais popular com o Zero, criando um hit ao lado de Paulo Ricardo, "Agora Eu Sei".

Humanos

Tokyo Epic *(1985)*

Em seu primeiro álbum, a banda liderada pelo filho mais velho do casal Suplicy emplacou "Garota de Berlim" (com Nina Hagen), além da empolgante faixa-título.

Correndo o Risco

Camisa de Vênus WEA *(1986)*

Mais comportado, o primeiro disco da banda baiana por uma multinacional trouxe os hits "Simca Chambord", "Só o Fim" e "Deus Me Dê Grana".

O Rock Errou

Lobão RCA-Victor *(1986)*

Lobão soou mais pesado em nova tentativa de carreira solo, seja recriando Aerosmith ("Moonlight Paranoia") ou em dueto com Elza Soares ("A Voz da Razão").

O Futuro é Vórtex

Replicantes RCA-BMG *(1986)*

Puxado pelo sucesso de "Surfista Calhorda", a banda de Wander Wildner e dos irmãos Gerbase foi o segundo nome gaúcho a aparecer para todo o Brasil nos anos 80.

Picassos Falsos

Picassos Falsos Plug *(1987)*

O disco de estreia da melhor banda do pós-punk carioca gerou hits tortos que tocaram no rádio, como "Quadrinhos", "Que Horas São?" e a excelente "Carne e Osso".

Akira S & As Garotas Que Erraram

Akira S & As Garotas Que Erraram Baratos Afins *(1987)*

Único álbum da banda formada pelo baixista Akira S e o jornalista Alex Antunes, cujo punk funk experimental já havia sido revelado na coletânea *Não São Paulo*.

Sexo!!

Ultraje a Rigor WEA *(1987)*

O segundo disco da banda de Roger Moreira não repercutiu como o primeiro, mas rendeu os hits "Eu Gosto de Mulher", "Sexo!!" e "Pelado", tema da novela *Brega & Chique*.

Nau

Nau CBS *(1987)*

Liderado por Vange Leonel, o Nau esteve na coletânea *Não São Paulo 2* antes de lançar seu primeiro álbum pela CBS, mas a banda não durou muito tempo.

A Era da Incerteza

Biquini Cavadão Polydor *(1987)*

Com o sucesso do primeiro disco, a banda carioca manteve o nível no segundo álbum (e livrou-se da pecha de nerd), emplacando "Ida e Volta", "1/4" e "Tormenta".

Nenhum de Nós

Nenhum de Nós Plug/RCA Victor *(1987)*

Com a cena gaúcha mais ativa, o grupo liderado por Thedy Correa furou a barreira das rádios com um disco autointitulado e puxado por um hit imortal, "Camila Camila".

Ouça o Que Eu Digo Não Ouça Ninguém

Engenheiros do Hawaii BMG *(1987)*

Repetindo a fórmula do disco anterior e apostando em direções mais progressivas, o Engenheiros gerou novos hits como "Somos Quem Podemos Ser" e a faixa-título.

Toda Forma de Amor

Lulu Santos RCA *(1988)*

O segundo disco de Lulu pela RCA teve capa censurada por mostrar os bonecos Barbie e Ken na cama. A faixa-título, "Satisfação" e "A Cura" puxaram as vendas.

Ideologia

Cazuza Philips *(1988)*

O terceiro disco consagrou a maturidade de Cazuza como ícone e autor. É repleto de clássicos, como "Brasil", a faixa-título, "Vida Fácil" e a bossa "Faz Parte do Meu Show".

Go Back

Titãs WEA *(1988)*

Aproveitando a popularidade conquistada com dois discos de sucesso, o Titãs ressuscitou músicas de seus primórdios em versões ao vivo gravadas no Festival de Montreux.

It's Fuckin' Borin' to Death

DeFalla Plug/BMG *(1988)*

Após alcançar um primeiro sucesso com uma versão de "Como Vovó Já Dizia" (Raul Seixas), o DeFalla passou a deixar seu som mais pesado a partir deste segundo álbum.

REPRODUÇÃO

Playlist*

ESTAS SÃO ALGUMAS DAS 250 MÚSICAS INESQUECÍVEIS DO ROCK NACIONAL PRODUZIDAS NA DÉCADA DE 1980. SERÁ QUE VOCÊ SE LEMBRA DE TODAS?

Barão Vermelho
"Bete Balanço"
"Maior Abandonado"
"Pense e Dance"
"Pro Dia Nascer Feliz"

Biquini Cavadão
"1/4"
"No Mundo da Lua"
"Timidez"
"Tédio"

Blitz
"A Dois Passos do Paraíso"
"A Verdadeira História de Adão e Eva"
"Apocalipse Não"
"Betty Frígida"
"Biquini de Bolinha Amarelinho Tão Pequenininho"
"Egotrip"
"Mais Uma de Amor (Geme Geme)"
"Você Não Soube Me Amar"
"Weekend"

Camisa de Vênus
"Bete Morreu"
"Deus Me Dê Grana"
"Eu Não Matei Joana D'Arc"
"Hoje"
"Ouro de Todo"
"Simca Chambord"
"Sílvia"
"Só o Fim"

Capital Inicial
"Fogo"
"Fátima"
"Independência"
"Leve Desespero"
"Música Urbana"
"Psicopata"
"Veraneio Vascaína"

Cazuza
"Blues da Piedade"
"Brasil"
"Codinome Beija-Flor"
"Exagerado"
"Faz Parte do Meu Show"
"Ideologia"
"O Nosso Amor a Gente Inventa (Uma Estória Romântica)"
"O Tempo Não Para"

Dr. Silvana & Cia
"Serão Extra"

Engenheiros do Hawaii
"A Revolta dos Dândis I"
"A Revolta dos Dândis II"
"Infinita Highway"
"Ouça o que Eu Digo: Não Ouça Ninguém"
"Refrão de Bolero"
"Somos Quem Podemos Ser"
"Terra de Gigantes"
"Segurança"
"Sopa de Letrinhas"
"Toda Forma de Poder"

Fellini
"Ambos Mundos"
"Rock Europeu"
"Teu Inglês"

Gang 90 & Absurdettes
"Noite e Dia"
"Nosso Louco Amor"
"Perdidos na Selva"
"Telefone"

Grafite
"Mamma Maria"

Hanói Hanói
"Totalmente Demais"

Herva Doce
"Amante Profissional"
"Erva Venenosa"

Heróis da Resistência
"Dublê de Corpo"
"Esse Outro Mundo"
"Só Pro Meu Prazer"

Hojerizah
"Pros Que Estão em Casa"
"Tempestade em Viena"

Inocentes
"Ele Disse Não"
"Expresso Oriente"
"Rotina"

Ira!
"Dias de Luta"
"Envelheço na Cidade"
"Flores em Você"
"Gritos na Multidão"
"Núcleo Base"
"Pobre Paulista"
"Tarde Vazia"
"Tolices"
"Vitrine Viva"

João Penca e Seus Miquinhos Amestrados
"Calúnias (Telma, Eu Não Sou Gay)" (com Ney Matogrosso)
"Luau de Arromba"
"Lágrimas de Crocodilo"
"Popstar"
"S.O.S. Miquinhos (Merdley)"

Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens
"Amanhã é 23"
"Como Eu Quero"
"Educação Sentimental II"
"Fixação"
"Garotos"
"Lágrimas e Chuva"
"Nada Tanto Assim"
"Os Outros"
"Pintura Íntima"
"Por Que Não Eu?"
"Seu Espião"

Kiko Zambianchi
"Primeiros Erros"
"Rolam As Pedras"

Legião Urbana
"1965 (Duas Tribos)"
"Andrea Doria"
"Angra dos Reis"
"Eduardo e Mônica"
"Eu Sei"
"Geração Coca-Cola"
"Há Tempos"
"Meninos e Meninas"
"Pais e Filhos"
"Por Enquanto"
"Quase Sem Querer"
"Que País É Esse"
"Será?"
"Soldados"
"Tempo Perdido"

*Para escutar a playlist no Spotify, acesse o QR Code na página 98 desta edição.

Os 80 Maiores Discos do Rock Nacional

Leo Jaime

"A Fórmula do Amor" (com Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens)
"A Vida Não Presta"
"As Sete Vampiras"
"Conquistador Barato"
"Gatinha Manhosa"
"Nada Mudou"
"O Pobre"
"Só"
"Sônia"

Lobão

"Blá Blá Blá... Eu Te Amo (Rádio Blá)"
"Canos Silenciosos"
"Chorando no Campo"
"Corações Psicodélicos"
"Decadence Avec Elegance"
"Me Chama"
"Revanche"
"Vida Bandida"
"Vida Louca Vida"

Lulu Santos

"A Cura"
"Adivinha o Quê?"
"Casa"
"Certas Coisas"
"Como Uma Onda (Zen-Surfismo)"
"Condição"
"De Repente, Califórnia"
"O Último Romântico"
"Sincero"
"Tempos Modernos"
"Toda Forma de Amor"
"Tudo Azul"
"Tudo com Você"
"Tão Bem"
"Um Certo Alguém"

Marina

"Eu Te Amo Você"
"Fullgás"
"Mesmo Que Seja Eu"
"Pra Começar"
"Preciso Dizer Que Te Amo"
"Uma Noite e 1/2"

As Mercenárias

"Me Perco"
"Polícia"

Metrô

"Beat Acelerado"
"Johnny Love"
"Sândalo de Dândi"
"Ti Ti Ti"
"Tudo Pode Mudar"

Nenhum de Nós

"O Astronauta de Mármore"
"Camila, Camila"

Os Paralamas do Sucesso

"A Novidade"
"Alagados"
"Fui Eu"
"Lanterna dos Afogados"
"Me Liga"
"Melô do Marinheiro"
"Mensagem de Amor"
"Meu Erro"
"Nebulosa do Amor"
"O Beco"
"Perplexo"
"Quase Um Segundo"
"Romance Ideal"
"Selvagem"
"Ska"
"Uns Dias"
"Vital e Sua Moto"
"Você"
"Óculos"

Picassos Falsos

"Carne e Osso"
"Quadrinhos"

Plebe Rude

"Até Quando Esperar"
"Brasília"
"Johnny Vai à Guerra (Outra Vez)"
"Minha Renda"
"Proteção"

RPM

"A Cruz e a Espada"
"Alvorada Voraz"
"Loiras Geladas"
"London London"
"Olhar 43"
"Revoluções por Minuto"
"Rádio Pirata"

Replicantes

"Hippie-Punk-Rajneesh"
"Surfista Calhorda"

Ritchie

"A Vida Tem Dessas Coisas"
"Casanova"
"Menina Veneno"
"Pelo Interfone"
"Vôo de Coração"

Rádio Táxi

"Eva"
"Garota Dourada"
"Um Amor De Verão"

Sempre Livre

"Esse Seu Jeito De Ser"
"Eu Sou Free"

Smack

"Fora Daqui"
"Onde Li"

Telex

"Só Delírio"

Titãs

"AA-UU"
"Bichos Escrotos"
"Comida"
"Corações e Mentes"
"Desordem"
"Diversão"
"Flores"
"Go Back"
"Homem Primata"
"Igreja"
"Insensível"
"Lugar Nenhum"
"Marvin"
"Miséria"
"Não Vou Me Adaptar"
"O Pulso"
"O Que"
"Polícia"
"Querem Meu Sangue"
"Sonífera Ilha"
"Televisão"
"Toda Cor"

Tokyo

"Garota De Berlim" (com Nina Hagen)
"Humanos"

Ultraje a Rigor

"Ciúme"
"Eu Gosto de Mulher"
"Eu Me Amo"
"Independente Futebol Clube"
"Inútil"
"Marylou"
"Mim Quer Tocar"
"Nós Vamos Invadir Sua Praia"
"Pelado"
"Rebelde Sem Causa"
"Sexo!!"

Uns e Outros

"Carta Aos Missionários"

Violeta de Outono

"Declínio de Maio"
"Dia Eterno"
"Outono"

Zero

"Agora Eu Sei" (com Paulo Ricardo)
"Cada Fio um Sonho"
"Formosa"

COM CAPITAL ESTRANGEIRO, EMPRESAS DESTROEM A CAATINGA NO PIAUÍ
Rolling Stone
rollingstone.com.br
Nº 121 >> SETEMBRO 2016 >> R$ 12,90
ROLLING STONE BRASIL
10 ANOS
Discografia Motown
Green Day
50 Anos de Star Trek
AC/DC
Duas décadas sem
Renato Russo
Os humores, a genialidade e a trajetória do líder do Legião Urbana
E MAIS: a longa lista de projetos que irão celebrar a obra do artista
SPRING

Edição nº 121 – *Setembro de 2016*

NA OCASIÃO DOS 20 ANOS DA MORTE DO LÍDER DO LEGIÃO URBANA, FAMILIARES E AMIGOS RELEMBRARAM FATOS MARCANTES DA CONVIVÊNCIA COM O CANTOR QUE SE TORNOU O ÍCONE DE TODA UMA GERAÇÃO.

Ontem, Hoje *e* Sempre

Mais de duas décadas após a morte de Renato Russo, a obra do artista alimenta não apenas a aura de mártir, mas também a ideia de que seu trabalho jamais será equiparado

EM 23 DE JULHO DE 1983, RENATO RUSSO ERA QUASE UM DESCONHECIDO em sua cidade natal, Rio de Janeiro. Fato que mudaria naquela noite, quando um show feito pelo Legião Urbana no projeto Rock Voador deixou alucinada a plateia que foi ao Circo Voador para ver Lobão, Capital Inicial e a então novata banda formada por Renato em Brasília no ano anterior. Quando a agitadora cultural Maria Juçá, produtora do projeto, foi ao camarim cumprimentar o Legião, se surpreendeu ao encontrar Renato quieto, recolhido, quase deprimido. Mesmo assim, rasgou elogios à performance dele no palco. "Ele me escutou calado e, muito sério, se voltou para mim e disse: 'Eu não mereço isso. Esse carinho todo do público é muito maior do que o que eu ofereço a ele. Eu esperei muito por esse momento, por esse show. Chamei todos os meus amigos, mas agora não quero falar com ninguém'", conta Maria. "Com um olhar deprimido, Renato me deu um abraço e, naquela noite, não quis nada além de se recolher à solidão dele."

O episódio deu a pista do que seria dali em diante o comportamento controvertido e inusitado de Renato Manfredini Jr., cantor, compositor, músico e grande ícone do rock brasileiro. "Renato era do signo de Áries e tinha reações inesperadas como as de uma criança", reitera Marcelo Bonfá, baterista do Legião Urbana e parceiro de Renato em canções há anos enraizadas no imaginário nacional.

Nascido na madrugada de 27 de março de 1960, em uma abastada clínica do Rio de Janeiro, Renato Russo morreu na primeira hora de outra madrugada, a de 11 de outubro de 1996, na mesma cidade – que, a essa altura, já sabia muito bem quem era o artista que se tornou espécie de messias pop da juventude dos anos 1980 e 1990.

Vítima de complicações decorrentes da contaminação pelo vírus da aids, Renato viveu apenas 36 anos. Tempo suficiente para deixar obra imortal, que permanece forte como o mito alimentado em torno da figura dele, um homem de temperamento ansioso e humores oscilantes. Mas ele era também, e sobretudo, um ser humano generoso, inteligente ao extremo e com sensibilidade à flor da pele. "Para mim, era como se o Renato fosse um irmão mais velho", caracteriza Dado Villa-Lobos, guitarrista do Legião Urbana. "Ele era agregador no sentido de realizar ideias em comunidade. Renato era inteligente, perspicaz, um grande sedutor. As ideias e o discurso dele eram incríveis. Ele era catalisador, fazia com que as pessoas pensassem e produzissem mais."

Dado tinha 15 anos quando sentiu o sangue correr mais forte nas veias ao ver e ouvir, em 1980, Renato tocar guitarra em um show do Aborto Elétrico, banda punk de Brasília formada

POR **MAURO FERREIRA**

em 1978. Dado não poderia imaginar que, em março de 1983, seria convidado a ocupar o posto do guitarrista Ico Ouro Preto no Legião Urbana, a banda criada por Renato em 1982 após a dissolução do Aborto Elétrico (e depois de uma breve fase em que Renato se apresentou sozinho ao violão e com o epíteto de Trovador Solitário).

Embora constantemente o rondasse, a solidão nem sempre fez parte do cotidiano do poeta. Filho de Renato, Giuliano Manfredini lembra com saudade e emoção dos períodos lúdicos vividos com o pai no apartamento do bairro carioca de Ipanema que concentrava o acervo pessoal do artista. "O período em que morei com meu pai neste apartamento foi a fase mais feliz da minha vida", diz Giuliano, na sala do local, repleto de discos, livros e quadros. "Eu passava brincando por esta sala, desenhando, enquanto o meu pai compunha. Ele estava sempre com um papel e uma caneta na mão. Era um cara muito família, brincava comigo de cavalinho, de guerra de travesseiro, e lia muito pra mim. Também tenho várias memórias dele me levando para ver peças de teatro. Tinha esse lado paizão. Ao mesmo tempo, também era um pai tradicional, daquele que diz 'isso não pode'. Ele sempre foi e é muito presente na minha vida. Eu acordo pensando nele, durmo pensando nele. Meu pai é o meu herói."

quando ele ligava para falar sobre alguma coisa", afirma Marcelo Bonfá. A perturbação poderia se manifestar no corte dos pulsos, como Renato fez em 1984, ou em um ataque de cólera como o presenciado pela produtora do Circo Voador, Maria Juçá, quando ela sugeriu que o Legião Urbana migrasse de Brasília para o Rio de Janeiro. A cidade concentrava as matrizes das grandes gravadoras e viver nela baratearia os custos das apresentações da banda no Circo Voador, palco então decisivo para a consolidação da carreira de qualquer grupo de rock no Rio e, por extensão, no Brasil. "Ele explodiu, dizendo que eu queria transformar o Legião em uma peça de alcatra, exposta em um açougue para ser consumida por um bando de famigerados. E que ele jamais permitiria isso, que não viria morar no Rio de jeito nenhum. Bem, eu fiquei puta e devolvi, dizendo: 'Eu não quero te transformar numa peça de alcatra – você já é uma peça de alcatra e todos irão te consumir'."

Maria foi profética: em agosto de 1985, o Legião acabou se mudando para o Rio de Janeiro. Nessa época, a banda já estava sendo "consumida" por milhares de ouvintes e compradores de discos. Após meses de quase nenhum burburinho em sua volta, o álbum *Legião Urbana* decolou espontaneamente, a reboque do estouro de "Será", primeiro dos hits radiofônicos do repertório do disco. Na sequência, a gravação e a edição em 1986 do álbum *Dois*, de tom mais contemplativo, ampliaram o alcance – o número de hits cresceu e transformou o Legião Urbana não em uma peça de alcatra mas no filé-mignon da gravadora EMI-Odeon. Tanto que a companhia ignorou a crise de criatividade de Renato Russo como compositor e pressionou a banda a fazer o terceiro álbum em 1987. O impasse foi resolvido com a decisão de gravar o repertório do seminal Aborto Elétrico no álbum que veio a ser intitulado *Que País É Este? 1978-1987*. A faixa-título e "Faroeste Caboclo" foram feixes de pólvora que atearam fogo à relação já passional do Legião com o público em um momento em que o Brasil atravessava um turbulento processo de redemocratização e tentava domar o dragão da inflação.

"Eu não mereço isso. Esse carinho todo do público é muito maior do que o que eu ofereço a ele" Renato Russo, após show histórico no Rio de Janeiro

Renato também tinha os próprios heróis. Os Beatles e os Rolling Stones, entre eles. Foi um garoto que amou as duas bandas inglesas na adolescência vivida nos anos 1970.

Crítico de rock que conviveu com o artista nos bastidores de shows e gravadoras, o jornalista carioca Jamari França lembra o entusiasmo de Renato com o universo pop dos anos 1960, a ponto de ele ter juntado, ao vivo, "Gimme Shelter", clássico dos Rolling Stones de 1969, com "Ainda É Cedo", música do primeiro álbum do Legião Urbana, lançado em janeiro de 1985, sem alarde, no mês em que todos os olhos da imprensa musical estavam voltados para a primeira e histórica edição do festival Rock in Rio. "Renato tinha um fascínio grande pelo rock dos anos 1960 e 1970. Uma vez conversamos sobre isso no Noites Cariocas [*extinta casa de shows situada no Morro da Urca, no Rio*]. Ele me perguntou sobre a sensação de ter comprado aquele e outros discos na época em que saíram, quando a linguagem do rock ainda estava sendo escrita", recorda França. "Renato dizia que os anos 1980, no Brasil, eram na verdade os anos 1960. Por isso, escreveu 'Bem-vindos aos anos 70' no encarte de *V*, o primeiro álbum lançado pela Legião na década de 1990. No show daquela noite, ele me dedicou 'Ainda É Cedo' e falou que eu tinha comprado o álbum *Let It Bleed* [*lançado pelos Stones em 1969*] quando o disco saiu."

Renato Russo, porém, nem sempre era afetuoso. "Ele era alegre, divertido, intenso, sensível e contestador. Mas também era perturbador. O telefone tocava de modo diferente

Maria foi profética: em agosto de 1985, o Legião acabou se mudando para o Rio de Janeiro. Nessa época, a banda já estava sendo "consumida" por milhares de ouvintes e compradores de discos. Após meses de quase nenhum burburinho em sua volta, o álbum *Legião Urbana* decolou espontaneamente, a reboque do estouro de "Será", primeiro dos hits radiofônicos do repertório do disco. Na sequência, a gravação e a edição em 1986 do álbum *Dois*, de tom mais contemplativo, ampliaram o alcance – o número de hits cresceu e transformou o Legião Urbana não em uma peça de alcatra mas no filé-mignon da gravadora EMI-Odeon. Tanto que a companhia ignorou a crise de criatividade de Renato Russo como compositor e pressionou a banda a fazer o terceiro álbum em 1987. O impasse foi resolvido com a decisão de gravar o repertório do seminal Aborto Elétrico no álbum que veio a ser intitulado *Que País É Este? 1978-1987*. A faixa-título e "Faroeste Caboclo" foram feixes de pólvora que atearam fogo à relação já passional do Legião com o público em um momento em que o Brasil atravessava um turbulento processo de redemocratização e tentava domar o dragão da inflação.

"Renato tinha uma personalidade complexa, que, associada aos acontecimentos políticos e sociais da época, o tornou uma das pessoas mais emblemáticas da história da redemocratização do Brasil", interpreta Marcelo Bonfá. Importância que, no entender do filho, Giuliano, não se dissolveu ao longo destes anos sem Renato. "A obra dele continua atual. Quanto mais o tempo passa, mais ela vai ficando atual. Tanto que a música 'Que País É Este?', composta por meu pai quando ele tinha 15 anos, virou um hino de indignação nas recentes manifestações políticas do país", argumenta Giuliano. "Renato entendeu que não podia passar a vida em vão e ajudou a criar uma identidade para o rock do Brasil", completa Dado Villa-Lobos.

DE BRASÍLIA
O jovem Renato Russo, quando ainda morava na capital federal

RICARDO JUNQUEIRA/ LEGIÃO URBANA PRODUÇÕES/DIVULGAÇÃO

RENATO RUSSO TEVE A FAMA DE ESTRATEGISTA. E, de uma forma forma ou de outra, ela corresponde à realidade para todos que testemunharam os passos calculados do Legião Urbana. Executivo com longa história na indústria fonográfica brasileira, João Augusto confirma essa fama com base nos quatro anos de convivência – caracterizada por ele como "relativamente intensa" – que teve com Renato no período em que foi produtor e diretor artístico da gravadora EMI. "Tudo na carreira do Legião Urbana teve o comando do Renato. Para o sim e para o não, porque quando ele determinava que alguma coisa não seria feita, não rolava mesmo", ressalta. "Note, por exemplo, que o Legião lançou pouquíssimos videoclipes, embora fosse uma banda de rock alinhada com o que se fazia de melhor no gênero em todo o mundo. Renato detestava videoclipes e lutava insistentemente contra a ideia de que o artista deveria gerar imagens associadas a uma música além das que já são imaginadas por quem a ouve. A gravação do vídeo de 'Perfeição', música do álbum *O Descobrimento do Brasil* (1993), foi uma exceção dentro do universo dele, mas ninguém precisou forçar a barra para que o clipe fosse filmado. O próprio Renato decidiu que queria fazê-lo."

Certo dia, Renato Russo admitiu a João Augusto a vontade de compor uma ópera. Diante da resolução, o executivo exerceu o papel de ouvinte paciente de vários telefonemas em que Renato discorreu sobre a estrutura de uma ópera, a sequência dos textos e o uníssono das melodias. "Cultíssimo, Renato tinha a noção da carga de informações que passava a mim e a qualquer outro interlocutor dele. E deliciosamente abusava do direito de nos ensinar, de expressar os pensamentos, os gostos e os hábitos dele. Confesso que chego a me arrepender um pouco de nunca ter gravado essas conversas, uma vez que entendo que nada que expresse tão claramente o que ia na cabeça daquele gênio, que tanto se destacou na geração dele, foi publicado até o momento", avalia Augusto.

O amplo conhecimento cultural de Renato Russo foi adquirido sobretudo a partir de 1975, ano em que foi diagnosticado com epifisiólise, doença que geralmente acomete adolescentes, provocando a dissolução da cartilagem que liga a perna (no caso de Renato, a esquerda) à bacia. Sem poder andar direito, Renato passou um ano e meio entre o repouso forçado na cama, a cadeira de rodas e as muletas. Somente começou de fato a melhorar a partir de 1977. Contudo, o período forçosamente sabático foi usado para um mergulho no universo pop, com a audição de inúmeros discos e a leitura de livros e revistas. Foi quando Renato criou a fictícia 42nd Street Band, grupo de rock liderado pelo também fictício Eric Russell, alter ego de Renato, embora Russell tenha sido idealizado na mente do artista como um tecladista loiro de olhos azuis. "Ele queria ter cabelo loiro", entrega Giuliano.

Renato também queria ter feito filmes. "O grande sonho do meu pai era virar cineasta", revela o filho. Como se sabe, Renato nunca fez filmes, mas duas famosas canções do Legião Urbana, "Faroeste Caboclo" e "Eduardo e Mônica", inspiraram longas-metragens. Em contrapartida, o artista escreveu livros e até uma peça de teatro nunca encenada, chamada *A Verdadeira Desorganização do Desespero*. "É uma peça de teatro de absurdo, pronta para ser montada", exulta o filho-fã.

No período de dor e criação que foi de 1975 a 1977, Renato também escreveu a biografia da 42nd Street Band, livro que foi lançado em 2016. "A história dessa banda serviu de mote para toda a carreira do Renato, desde a época do Aborto Elétrico", revela Giuliano, leitor privilegiado dos originais do pai. "A fantasia dele alimentava a realidade do artista."

Giuliano lembra que leu chorando, em apenas cinco horas, o manuscrito original de outro livro do pai, *Só por Hoje*

e para Sempre – Diário do Recomeço. Neste livro-diário, lançado em 2015 pela editora Companhia das Letras, Renato narrou, sem pudor e sem maquiagem dos fatos, os 29 dias que passou internado em uma clínica de reabilitação para dependentes químicos. O músico lutou contra o vício em álcool e drogas – combustíveis que potencializavam a oscilação de humor e que não escondiam as contradições do temperamento conturbado, das quais Dado Villa-Lobos foi testemunha. "Eu comecei a fumar cigarro muito cedo. E, certa vez, o Renato chegou para mim e disse que eu deveria parar de fumar porque os meus pulmões ainda não estavam totalmente formados e que o alcatrão iria deixar marcas neles. E ele com o cigarro na mão...", lembra Dado, rindo.

Na cabeça de Renato – e para quem o cercava – nem sempre era fácil detectar o limite entre fantasia e realidade. "Ele era um cara místico, jogava tarô e tinha um mentor no Rio. Ele falava que o mentor dizia que a gente tinha que fazer assim ou assado. E eu nunca soube se ele inventou a figura desse mentor para nos convencer das ideias dele", pondera Dado, sem jamais deixar de expressar a admiração pelo ex-companheiro de banda: "Renato foi um grande cara, um grande artista, dos maiores que eu conheci na vida".

Marcelo Bonfá exprime a mesma admiração pelo parceiro de várias composições. As letras, de caráter filosófico ou político, muitas vezes foram escritas pelo vocalista após a criação coletiva das melodias, como relata Bonfá. "Acima de tudo, Renato era um cara muito democrático. Assim como sabia aproveitar das pessoas o que precisava para levar adiante as próprias ideias, ele também sabia deixar fluir as composições em grupo. Quando o Legião se tornou um power trio, no início da criação de cada composição o Renato me pedia para começar uma batida para ele bolar uma linha de baixo. Assim nasceram várias canções, nas quais posteriormente todos intervinham, dando palpites nas melodias e nas estruturas harmônicas. As letras sempre vinham depois", explica o baterista.

O relato de Bonfá mostra que, ao contrário do que normalmente se pensa, ele e Dado tinham importância fundamental na criação do repertório já mítico do Legião Urbana, ainda que muitos enxerguem Renato Russo como o criador fundamental da banda (o que de fato é válido quando pensamos exclusivamente nas letras). "A música 'Perfeição' foi feita a partir de um loop que eu criei nos teclados. Dessa forma, surgiram também algumas outras canções, como 'Vento no Litoral' e 'Angra dos Reis'", exemplifica Bonfá.

Uma dessas canções, "Clarisse", composta por Renato com Dado e Bonfá e lançada em 1997 no álbum póstumo *Uma Outra Estação*, está bem guardada na memória de Dado por causa da força heroica de Renato na gravação da música, em 1996, quando já estava bastante debilitado devido ao avanço da aids, que o mataria naquele mesmo ano. "Renato era um grande intérprete. 'Clarisse' tinha um loop de oito compassos. Ele cantou aquilo tudo de primeira, em um take, com a saúde já avariada. Aquilo me emocionou demais."

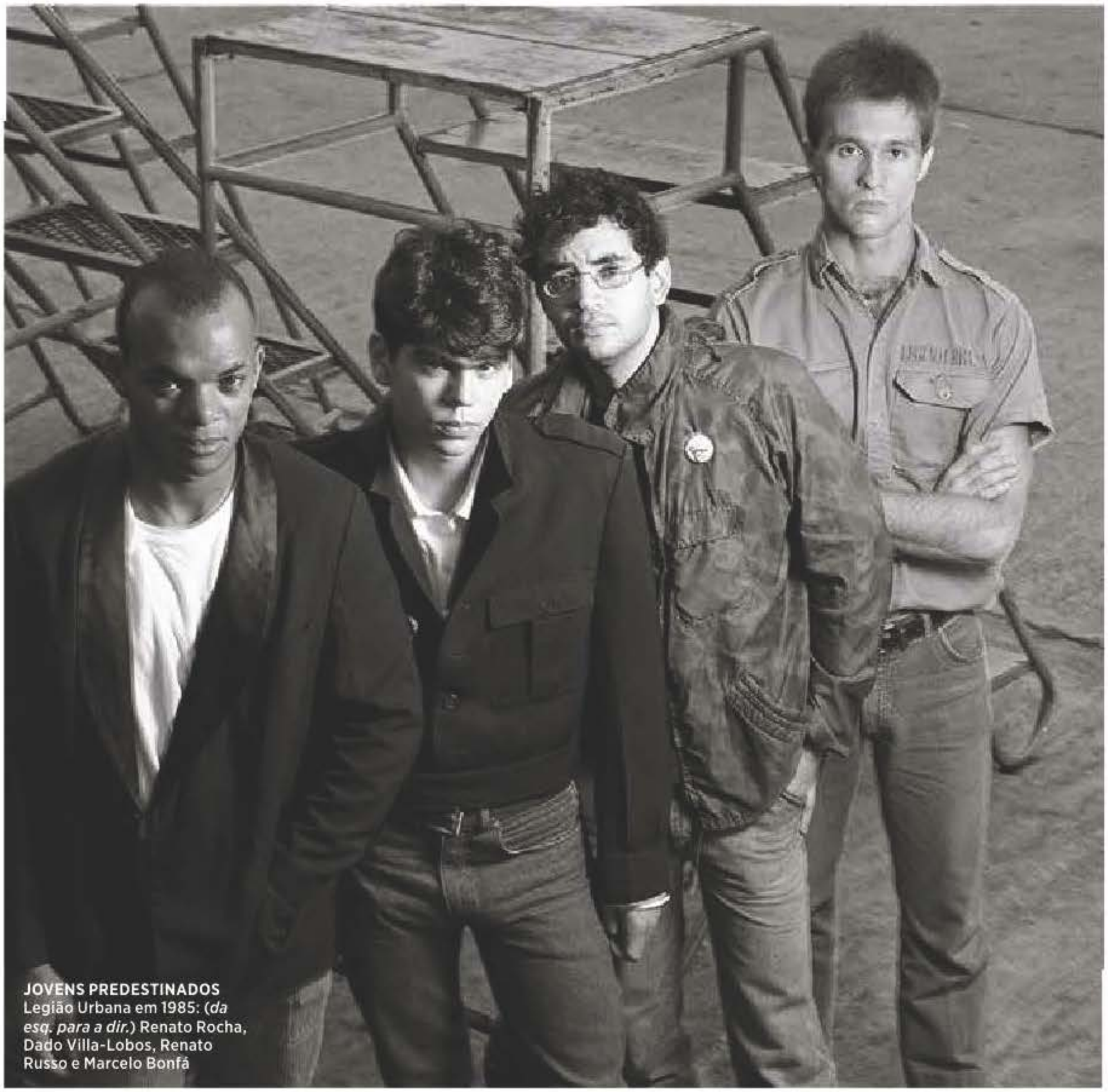
Diferentemente de Cazuza (1958-1990), único ícone da geração 1980 cuja obra ombreia com a de Renato, o trovador se reservou o direito de expiar quase solitariamente os efeitos da contaminação pelo vírus HIV. Somente o círculo mais próximo de familiares e amigos – incluindo Dado e Bonfá – soube do diagnóstico, dado em uma época em que a aids ainda era fortemente associada à homossexualidade. Esta, contudo, não era mais segredo ou problema para Renato. Ele já tinha se assumido para si mesmo, para a mãe e para os amigos no fim da adolescência. A saída pública do armário viria em 1989, aos 29 anos, por meio de verso de "Meninos e Meninas". A música está no messiânico quarto álbum do Legião Urbana, *As Quatro Estações*, o primeiro gravado sem o baixista Renato Rocha (1961-2015), o Negrete, expulso da banda por Renato por causa de desajustes profissionais, atrasos e faltas no cumprimento da agenda do Legião.

A rigor, Renato Russo gostava mais de meninos do que de meninas. Lia muito sobre a homossexualidade. Certa vez, deixou na portaria da amiga Marina Lima, com quem costumava conversar ao telefone, um exemplar do livro *Jung, Jungians & Homosexuality*, escrito em inglês, e insistiu para que a cantora o lesse. "Ele tinha uma necessidade íntima de compartilhar conhecimento geral com os outros, não por arrogância ou soberba, mas porque aquilo parecia nutri-lo com a vontade de saber mais", interpreta João Augusto, o interlocutor dos longos telefonemas sobre ópera. "Meu pai era compulsivo por informação. Essa compulsão alimentava a arte dele", confirma o filho, Giuliano.

Em 1994, Renato propagou informação sobre o movimento gay ao lançar o primeiro dos dois álbuns da discografia solo (estendida após a morte do cantor com títulos póstumos feitos com sobras de gravações). Ele fez referência explícita, já no título, *The Stonewall Celebration Concert*, à reação gay ocorrida em 28 de junho de 1969 no bar Stonewall-in, em Nova York, Estados Unidos. Naquela noite, a rebelião dos gays contra a cotidiana repressão policial se tornou um marco na luta pelos direitos da população homossexual dos Estados Unidos e do mundo.

"Ele era agregador no sentido de realizar ideias em comunidade. Renato era inteligente e perspicaz, um grande sedutor" Dado Villa-Lobos

A SEDE POR TANTA INFORMAÇÃO, CONSUMIDA E repartida, é exemplificada na sala-escritório do apartamento de Ipanema, para onde Giuliano Manfredini planeja se mudar em um futuro não muito distante. Lá, no apartamento adornado com violetas roxas na janela, livros e discos se misturavam com quadros de artistas plásticos da geração



JOVENS PREDESTINADOS
Legião Urbana em 1985: (*da esq. para a dir.*) Renato Rocha, Dado Villa-Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá

DIVULGAÇÃO

1980, como Luiz Zerbini e Barrão, admirados pelo vocalista do Legião Urbana.

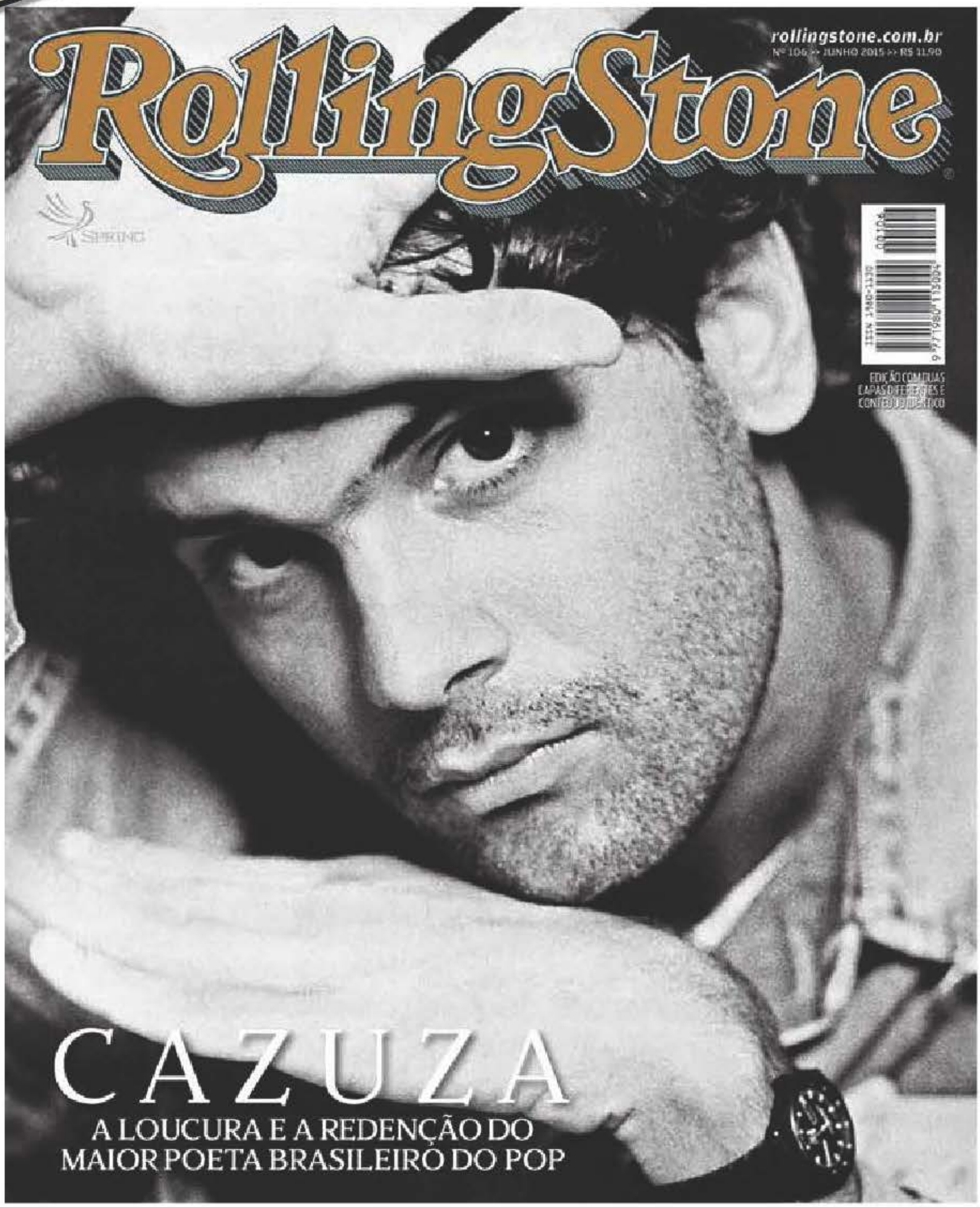
É nesse microcosmo cultural que Renato Manfredini Jr. desenvolveu a obra que começou a esboçar aos 15 anos, paralisado na cama. A partir dali, montou duas bandas, sendo que uma delas se tornou objeto de culto pelo repertório contido em oito álbuns que permanecem relevantes e atuais. O equilíbrio emocional pareceu muitas vezes difícil de alcançar, como o próprio artista explicitou no título do disco solo de 1995 (*Equilíbrio Distante*), no qual cantou sucessos da música italiana, mas sua obra o aproximou do Brasil. Talvez tanto pelas canções de amor quanto pelos valores éticos propagados nas músicas politizadas que falavam do país.

As tormentas pessoais jamais empanaram o brilho de um artista criador, catalisador, voz-guia de geração que teve heróis mortos, não por overdose, mas pela devastação sem trégua provocada na época pelo vírus da aids, atualmente controlado pela medicina com medicamentos que neutralizam sua ação.

"O Renato é a pessoa mais interessante que eu conheci na minha vida e com a qual tive o prazer de conviver por anos durante uma fase muito rica de nossa existência", resume Marcelo Bonfá.

Decorridas mais de duas décadas após a morte do trovador, ele parece ainda maior do que foi nos meros 18 anos que separam a formação do Aborto Elétrico – criado em 1978 em uma Brasília povoada por uma juventude que se alimentava do punk para escapar do tédio – e o fim do Legião Urbana sem o mentor (Dado e Bonfá marcaram 2016 com uma turnê celebratória). Uma banda que parece ter ainda, e sempre, a força dos tempos áureos da vida de Renato Russo, artista que, ao contrário do que imaginou na noite de 23 de julho de 1983, merece, sim, todo o carinho e devoção do público.

ARQUIVO RS


Rolling Stone
rollingstone.com.br
Nº 106 >> JUNHO 2015 >> R$ 11,90
EDIÇÃO COM DUAS CAPAS DIFERENTES E CONTEÚDO IDÊNTICO
CAZUZA
A LOUCURA E A REDENÇÃO DO MAIOR POETA BRASILEIRO DO POP

Edição nº 106 – *Junho de 2015*

Publicada como tributo nos 25 anos da morte de Cazuza, a *RS* analisa a atualidade - e urgência - das letras do compositor, nossa "versão tropical de Arthur Rimbaud".

ETERNAMENTE EXAGERADO

Cazuza cantou as dores do amor, a liberdade e a boemia com uma verve poética que, décadas após sua morte, continua transcendendo a passagem do tempo

POR MAURO FERREIRA

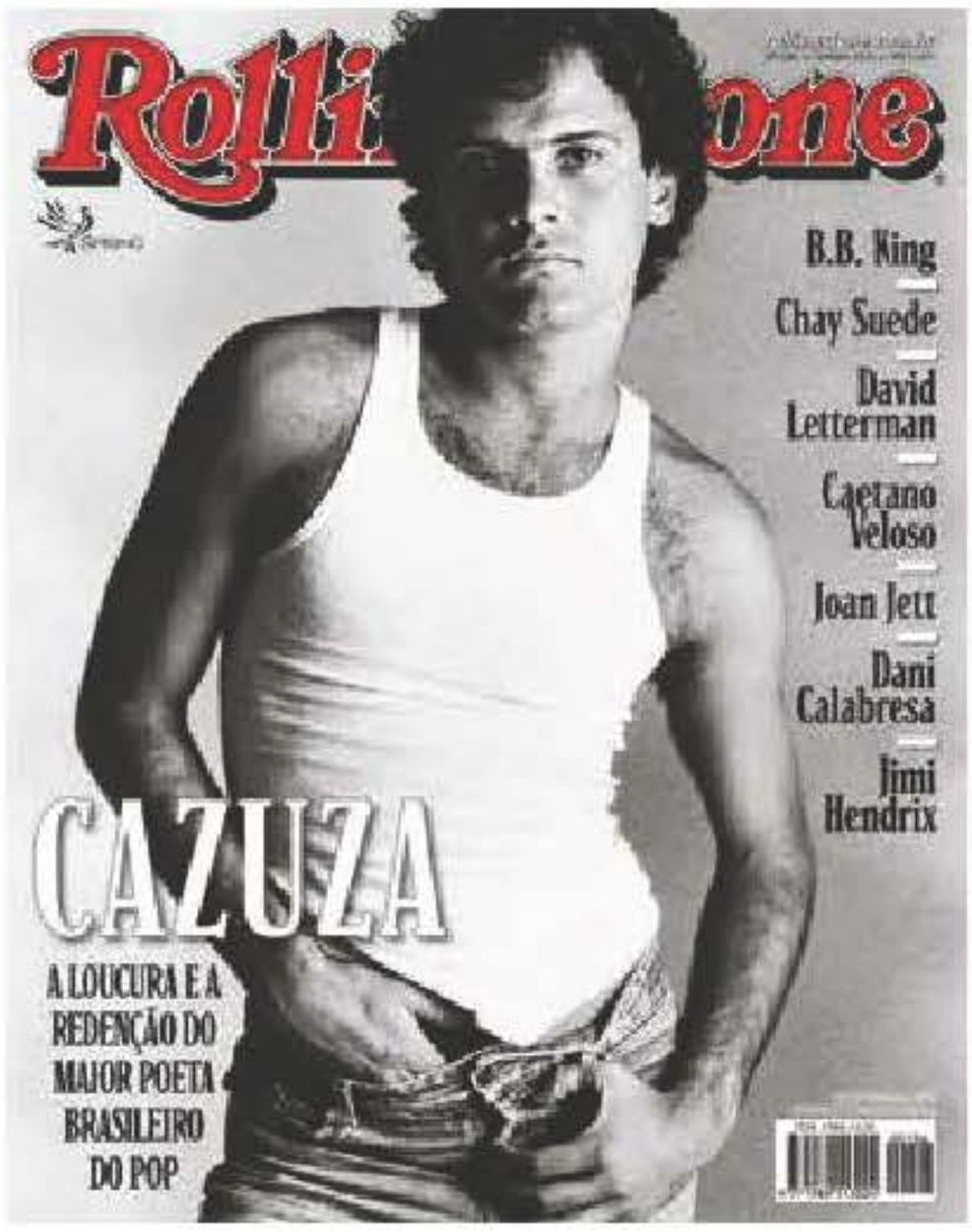
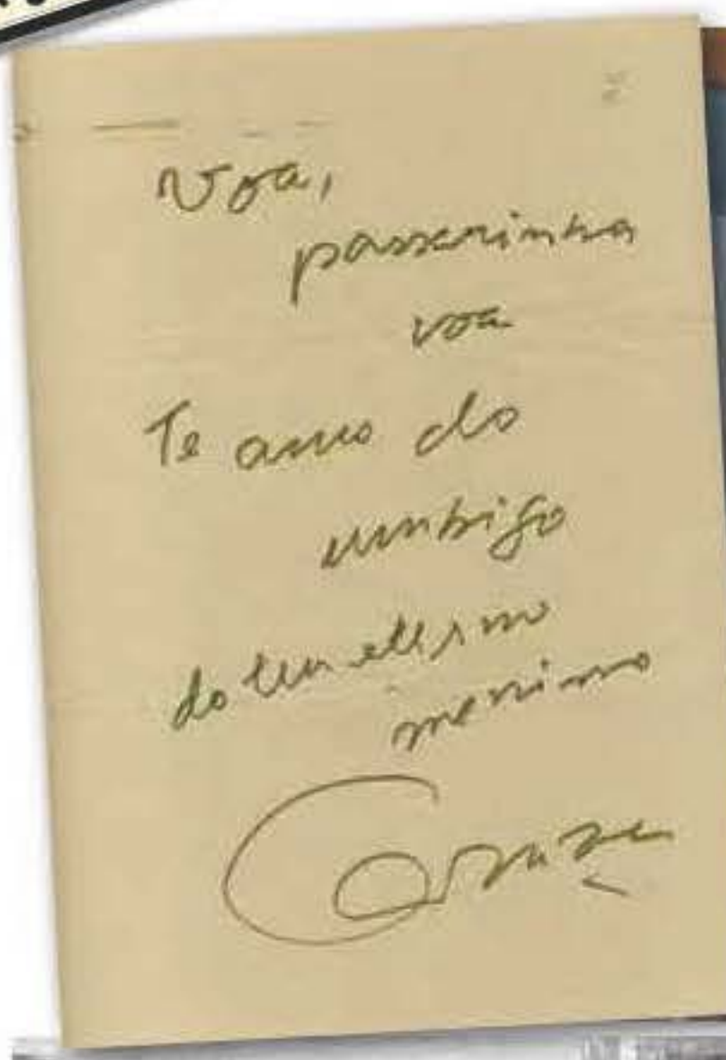
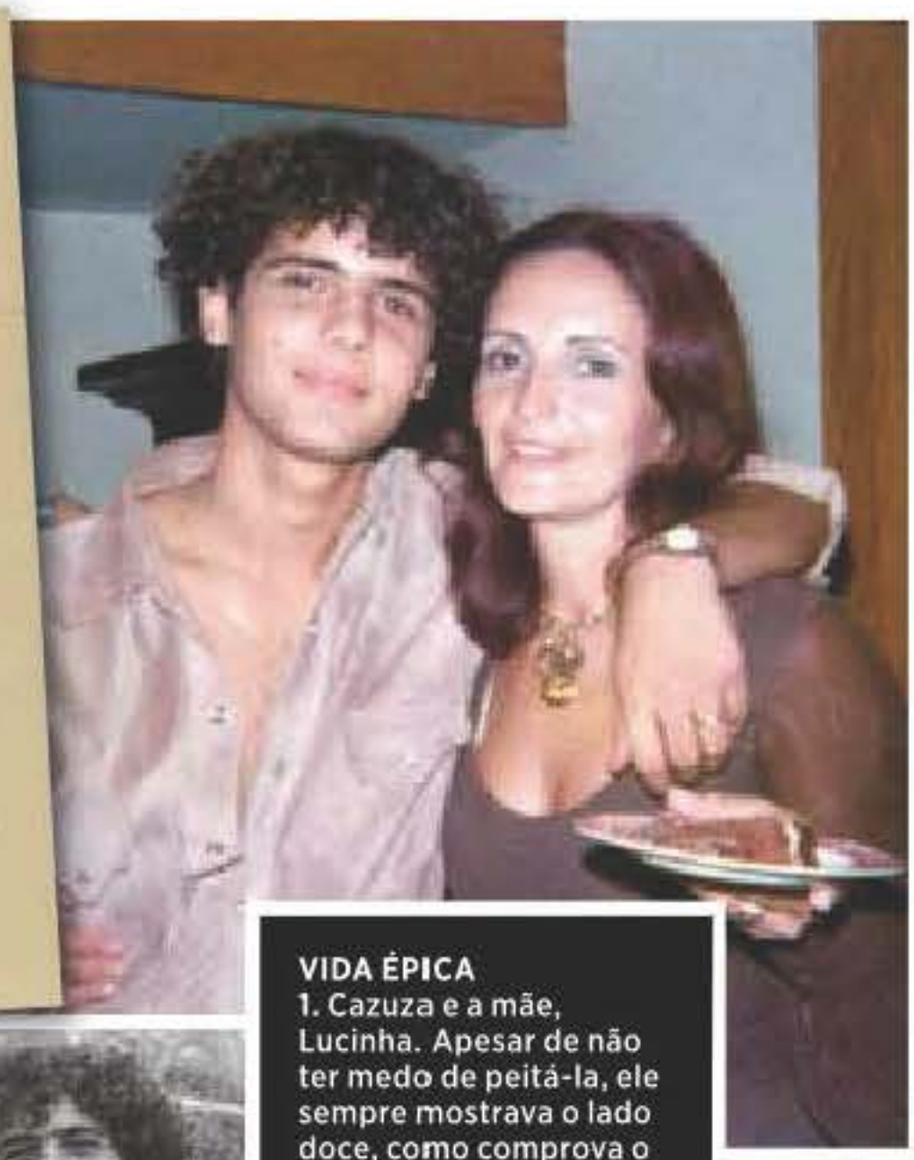


FOTO CAPA 1 FLAVIO COLKER
FOTO CAPA 2 J. R. DURAN

HÁ POUCO TEMPO, MARIA LÚcia da Silva Araújo, de 78 anos, se surpreendeu quando caminhava tranquilamente pelas ruas de Lisboa: por diversas vezes, ela foi parada por desconhecidos na capital de Portugal. A abordagem pouco variava. "A senhora não é a mãe do Cazuza?", perguntavam. Sim, Lucinha Araújo é a mãe do carioca Agenor de Miranda Araújo Neto, o Cazuza, um dos mais relevantes cantores e compositores da geração pop projetada no Brasil ao longo dos anos 1980. Em intensos nove anos de carreira, Cazuza deixou uma obra duradoura, tendo até escapado das fronteiras do país, como atesta o registro em espanhol de "O Tempo Não Para", feito em 1992 pelo grupo argentino Bersuit Vergarabat.





VIDA ÉPICA
1. Cazuza e a mãe, Lucinha. Apesar de não ter medo de peitá-la, ele sempre mostrava o lado doce, como comprova o bilhete (*á esq.*) escrito no Dia das Mães de 1989; **2.** Ainda menino, antes das transgressões; **3.** Com o namorado e amigo Ney Matogrosso; **4.** Ao lado do pai, o executivo musical João Araújo

Cazuza nasceu em 4 de abril de 1958 e morreu em 7 de julho de 1990, após uma árdua luta contra os males causados pelo vírus da aids, e vive na memória da música brasileira entre lendas sobre seu temperamento passional. Mas o que lhe garante a posteridade é a obra que transcende o universo do rock ao se aproximar da MPB com uma poesia sempre cortante no fio da navalha. Uma obra pautada por um desespero paradoxalmente esperançoso – como definiu certa vez Caetano Veloso – e que cruzava referências de Janis Joplin a Lupicínio Rodrigues, deixando por vezes a impressão de que Cazuza era uma espécie de versão tropical do poeta francês Arthur Rimbaud. Agenor – nome que o artista somente assumiu pra valer quando descobriu que seu ídolo Cartola tinha sido batizado como Angenor – viveu sua temporada no inferno, mas alcançou o olimpo reservado apenas aos deuses da música.

O poeta está vivo na mente do vendedor da loja de discos de Lisboa que cantou para Lucinha Araújo "Exagerado", música-emblema por sintetizar a intensidade com que Cazuza viveu seus breves 32 anos. Ciente do poder perene dessa obra, uma empresa de telefonia comprou os direitos de "Exagerado" para usar a música em uma campanha nacional veiculada no Dia dos Namorados. Música, aliás, que ganha nova versão, com Cazuza unido a outros músicos, em edição colocada à venda nas plataformas digitais.

"A obra do Cazuza continua tão forte quanto era nos anos 1980", avalia Ney Matogrosso, que foi namorado, intérprete e confidente de Cazuza. "Ele nos toca até hoje, porque o que disse ali ainda significa muito. O que falou em 'O Tempo Não Para', em 1989, serve para hoje, porque o Brasil não muda. Os princípios tortos do país continuam aí."

Lucinha Araújo foi uma mãe feliz na convivência passional com seu filho único, e hoje cuida com afinco do legado dele. "Renato Russo que me perdoe, mas Cazuza é o artista mais importante da geração dele. Renato era genial, como Cazuza, mas era geneticamente triste. Cazuza era geneticamente alegre", compara. Ela imaginava que Cazuza seria ator, mas o descobriu cantor quando o viu soltar a voz em "Odara" (Caetano Veloso) e "Edelweiss" (Richard Rodgers e

ACERVO PESSOAL/ SOCIEDADE VIVA CAZUZA

Oscar Hammerstein II) em uma montagem transgressora e juvenil do musical *A Noviça Rebelde*. E o cantor de língua presa, admitido em 1981 como vocalista do então nascente grupo carioca Barão Vermelho, se revelou um compositor de versos pungentes, construindo com seu principal parceiro, Roberto Frejat, uma obra que os elevou à condição de Mick Jagger e Keith Richards do universo pop brasileiro.

Frejat se apressa em dar o veredicto sobre a parceria dele com Cazuza. "Nosso trabalho conseguiu manter a relevância. As sugestões que a gente deu naquela época ainda estão valendo. A gente está ali, no primeiro escalão", afirma, sem receio de soar pedante. "Como poeta, o Cazuza construiu um universo de rebeldia, transgressão. Ele misturou informações brasileiras e internacionais com estilo particular, único. Nossa afinidade se constituiu de forma meteórica. Essas coisas são carmáticas. Em nove anos, construí com ele uma amizade que eu tinha somente com meus melhores amigos de infância."

A partir de sua entrada para o Barão Vermelho, indicado por Leo Jaime, que era o primeiro candidato ao posto de vocalista do grupo, Cazuza gravou três álbuns com a banda, da qual saiu de forma intempestiva em 1985, durante as gravações do quarto disco. Foi então que iniciou uma carreira solo que rendeu cinco álbuns, além do póstumo *Por Aí* (1991). Ao se afastar progressivamente do rock à la Rolling Stones do Barão, Cazuza foi se aproximando cada vez mais do universo da MPB e, sem abrir mão da linguagem pop de sua poesia rascante, criou através de músicas como "Brasil" (rock-samba composto em 1988 com George Israel e Nilo Romero) a trilha sonora de um país afundado na lama da inflação e da corrupção. Abriu parceria com Gilberto Gil ("Um Trem para as Estrelas", feita em 1987 para o filme homônimo do cineasta Carlos Diegues), gravou Caetano Veloso ("Esse Cara") e forçou até parceria com Cartola, de quem aproveitou versos de "Autonomia" na letra de "Azul e Amarelo" somente pelo prazer de dividir os créditos de uma música com o sambista carioca.

O que não mudou foi a forma impulsiva com que Cazuza levou sua louca e breve vida. Único baterista de todas as formações do Barão Vermelho, Flávio Augusto Goffi Marquesini, conhecido como Guto Goffi, testemunhou e vivenciou as loucuras de Cazuza. Guto recorda a tarde em que ele e Dé Palmeira, baixista da formação original do Barão, foram visitar Cazuza quando o artista já convivia com os efeitos colaterais do AZT, o primeiro medicamento usado no combate ao vírus da aids. Antes, Goffi e Dé se calibraram tomando um LSD. "Passamos aquela tarde ótima junto ao amigo que ainda não sabia como controlar as reações da forte medicação. Rimos muito, ouvimos música, conversamos à beira da piscina em sua cobertura na Lagoa, que ele havia comprado com o que ganhou como cantor profissional", relembra.

"Nesse dia ele estava, com seu jeito inteligente, sempre nos testando. Com o inseparável copo de uísque na mão, me ofereceu: 'E aí, quer um gole? Ou está com medo de beber no meu copo?'", continua Goffi. "Essas situações eram foda, pela nossa falta de conhecimento, na época, de como se transmitia o vírus. Mas segui em frente e, claro, aceitei: bebi e ele sorriu. Papo vai, papo vem, percebi que a água da piscina estava meio turva, com aquele brilho caleidoscópio de protetor solar misturado a água, e com a ajuda do ácido [*risos*]... Achei que não estavam limpando direito e resolvi entrar na piscina e tirar a tampa para aquela água escorrer." O baterista diz que os empregados adoraram e comentaram que já estava mesmo na hora de limpar a piscina. "Depois de horas e vários baseados, contamos que estávamos viajando de ácido e ele, muito puto, gritou: 'Seus filhos da puta, vieram aqui curtir com a minha cara só porque não posso enlouquecer. Vão embora daqui agora'. E nos empurrou para a porta de saída."

Goffi sempre soube que, por trás de qualquer loucura de Cazuza, havia amor em profusão. "O amor sempre foi o carro-chefe dele. Ele amava a todos e era amado por todos nos lugares por onde andava. Era um príncipe de Ipanema, do Posto 9, com sua turma, sempre em bandos espalhados pela areia. Cazuza era gay e bem resolvido com a sua sexualidade. Era ariano e, às vezes, um pouco careta, como todo ariano é na essência: bem louco e bem careta", caracteriza Goffi.

"RENATO RUSSO QUE ME PERDOE, MAS CAZUZA É O ARTISTA MAIS IMPORTANTE DA GERAÇÃO DELE. RENATO ERA GENETICAMENTE TRISTE; CAZUZA ERA ALEGRE" LUCINHA ARAÚJO

A HOMOSSEXUALIDADE DE CAZUZA NÃO DEMOROU a ser notada em casa. A mãe foi a primeira a perceber, e confrontou o filho diretamente: "Você é viado?", perguntou. O pai, João Araújo, um dos mais importantes executivos da indústria fonográfica brasileira, não tardou a ter ciência da orientação sexual do filho, a quem defendia com as garras de um leão, mesmo indo contra suas convicções. "João era o último machão brasileiro. Deve ter sido uma violência interna para ele defender o Cazuza, mas ele sempre o fez", conta Lucinha. "João e Cazuza tinham uma relação de pai e filho mesmo. Já comigo, era a falta de respeito total. Cazuza me mandava à merda, mas não tinha a audácia de xingar o João. Diante do João, ele botava o rabo entre as pernas."

A questão de ser gay sempre foi bem resolvida na amizade com o parceiro heterossexual Frejat. "A gente nunca teve uma relação sexual, mas trocávamos coisas íntimas, revelações. Cazuza era um livro aberto. Se ele visse um homem que o deixasse interessado, ele ia à luta na hora, na rua, sem se importar com o que iam pensar", conta o vocalista do Barão. Ele

também pondera: "Mas Cazuza tentava ao máximo não dar gênero aos personagens e às coisas. Ele gostava de ir a uma boate gay, mas também de ir a uma boate que não fosse gay".

Com Ney Matogrosso, namorado e depois amigo, a relação também foi geralmente harmoniosa. "Sempre convivi bem com o Cazuza, porque eu não queria mudá-lo. Eu gostava dele justamente como ele era. Quando ele ficava muito bêbado, eu me afastava e ia embora para minha casa", confessa. "Nunca fui de ficar dando conselho. Uma única vez nós tivemos uma conversa mais íntima nesse tom, pois Cazuza me disse que estava transando com todo mundo sem camisinha e eu falei que a hora era errada para ter aquele tipo de comportamento. Mas ele não me ouviu. Foi uma pena", Matogrosso resigna-se.

Mesmo sem rótulos ou gêneros, os amores de Cazuza inspiraram músicas motivadas por paixões por homens. Um pacto de sangue com um namorado de 1986 gerou "Mais Feliz", primeira parceria de Cazuza com Bebel Gilberto e Dé Palmeira. Cazuza e seu namorado, na época, furaram o dedo para jurar fidelidade um ao outro. A jura rendeu a canção gravada por Bebel em EP lançado ainda em 1986 e, 12 anos depois, popularizada por Adriana Calcanhotto no álbum *Maritmo* (1998).

Da mesma safra de "Mais Feliz", e também composta por Cazuza com Dé e Bebel, é "Preciso Dizer Que Te Amo", primeira incursão de Marina Lima pelo cancioneiro de Cazuza. Feita um ano após o registro sem repercussão de Bebel, a gravação de Marina foi lançada no cultuado álbum *Virgem* (1987), ganhou prêmio e expôs um Cazuza mais próximo da canção, trilha seguida com naturalidade por quem sempre se declarou fã das compositoras Dolores Duran e Maysa. "Me alegra pensar que o Brasil tem Tom Jobim, Nelson Cavaquinho e Vinicius de Moraes, mas tem também o Cazuza", pontua Marina.

Ela fala que tinha intimidade com Cazuza para ouvir e dizer tudo o que pensava, embora não tivesse com ele uma convivência diária. "Tínhamos desejos, locais e horários completamente diferentes. Agora, como poeta, ele me ganhou", relata. "Tudo que não me atraía na vida pessoal dele, na poética se realizava esplendorosamente."

Embora Marina não revele histórias de sua intimidade com Cazuza, sabe-se que ela também teve de conviver com as manhas e os exageros de um temperamento já caracterizado como "deliciosamente inesperado" por outra cantora, Joanna, parceira de Cazuza no blues "Nunca Sofri por Amor". A própria gravação de "Preciso Dizer Que Te Amo" foi vítima dos arroubos temperamentais de Cazuza. Marina solicitou uma breve intervenção do cantor na faixa. Na ideia dela, Cazuza faria apenas um contracanto em um verso, entoando "Que amigo..." Mas Cazuza queria cantar toda a música com Marina e fez birra. Resultado: a gravação saiu sem a voz dele. Mas ficou tudo em paz. Quando "Preciso Dizer Que Te Amo" foi eleita a melhor canção na edição de 1988 do Prêmio Sharp, Cazuza, Marina, Bebel e Dé subiram juntos ao palco do Theatro Municipal do Rio de Janeiro para receberem seus respectivos troféus. Nessa mesma premiação, aliás, Cazuza foi eleito o melhor cantor e, no discurso de agradecimento, o dedicou a seus pais, com a ressalva de que nunca havia ganhado uma medalha no colégio.

Pelo talento precoce, Cazuza já merecia uma medalha somente por ter composto a letra e a música de "Down em Mim", aos 18 anos, em 1976, quando ainda nem pensava em ser cantor profissional. Explicitada no título, a inspiração veio quando ele descobriu Janis Joplin, que gravou em 1967 uma música tradicional chamada "Down on Me". "Quando eu ouvi aquela mulher, descobri que ela era genial. Aí eu entendi o que era o blues e, por meio da Janis, descobri a Billie Holiday e a Dalva da Oliveira. Tudo aquilo que eu já curtia, mas que achava cafona. Aliás, sou cafona e assumo. Gosto de palavras como 'ingratidão'. Sou meio Augusto dos Anjos: 'Escarra na boca que te beija'", pontuou certa vez o próprio Cazuza, dando a pista de sua formação musical.

"Para nossa geração, era ousado afirmar que se gostava de Maysa e Dolores. Isso, naquele momento, era ser careta", contextualiza Frejat. "Cazuza se odiava careta. Ele não gostava dele careta. Ele bebia para se transformar no que queria ser e no que gostaria de ser. Era um processo complexo. Cazuza tinha a cabeça bem aberta. Era extremamente malicioso nas relações interpessoais. Ao mesmo tempo, era ingênuo e utópico. Ele acreditava que o mundo poderia se transformar. 'Ideologia' é uma música linda, mas é ingênua. Se tem uma contradição na obra dele, é essa", interpreta Frejat.

"ELE ESTÁ COMIGO TODOS OS DIAS. A GENTE TEVE TANTAS NOITES, TIRADAS E GARGALHADAS, QUE VOLTA E MEIA SINTO ATÉ O CHEIRO DAQUELES MOMENTOS" FREJAT

Entre rebeldias e contradições de um adolescente posto em colégio de padres quando a família descobriu um cigarro de maconha nos seus pertences, pairava o gosto pela leitura e pela poesia. Nesse colégio religioso, Cazuza chegou a formar com colegas, como o jornalista Pedro Bial, uma espécie de "sociedade dos poetas mortos". Nesse clube fechado e clandestino, os rapazes se embriagavam dos versos

de poetas como Fernando Pessoa e do já citado Augusto dos Anjos. O que ajuda a explicar a maturidade precoce com que, aos 22 anos, Cazuza escreveu os versos de "Todo Amor Que Houver Nessa Vida" para uma melodia de Frejat. "A letra é de uma capacidade de articulação impressionante para um rapaz daquela idade. Sempre me emociono quando a canto", ressalta Frejat.

Parceiro de Cazuza em "Exagerado", música que deu o pontapé inicial na carreira solo do cantor e que também se tornou uma espécie de apelido sintomático dele, o compositor Leoni identifica nos versos do ex-Barão um talento mais de poeta do que de letrista. "Cazuza tinha uma postura rock and roll de vida, mas ele não veio do rock; foi jogado no meio dele. De todos os letristas do rock nacional, ele era o mais brasileiro", define. "A gente tinha amigos em comum, mas eu não era do grupo dele que ficava no RÁ [*apelido do bar e restaurante Real Astória, um dos points preferidos da geração que curtia a boemia no circuito carioca identificado como Baixo Leblon*], bebendo e tudo mais. Fora dessa coisa da noite, Cazuza era uma pessoa tímida. Ele perdia a inibição justamente quando bebia ou quando subia ao palco."

A ideia de juntar Cazuza e Leoni na composição de "Exagerado" foi de Ezequiel Neves, jornalista e produtor musical carioca que atuou como espécie de mentor do Barão Vermelho e também da carreira solo de Cazuza. Neves achava que o vocalista precisava de um single forte em seu primeiro disco sem o Barão. Por isso, insatisfeito com uma melodia feita por Frejat, indicou Leoni para compor outras frases melódicas em cima de uma letra longa em que Cazuza citava frases de Neves, creditado como parceiro por causa de tais menções. Leoni, na época, enfileirava hits nas paradas no posto de principal compositor do grupo carioca Kid Abelha. "Ezequiel achava que eu era um hitmaker", recorda o músico. "Na época, eu dividia um apartamento com o Leo Jaime. Cazuza e Ezequiel apareceram lá com um poema grande, que não tinha definido o que era parte A, refrão... Cazuza queria que eu fizesse um bolero, mas eu o convenci de que a gente deveria ficar na praia do rock. Estruturei a letra, fiz a música e cheguei com ela no dia da gravação. 'Exagerado' ficou tão marcada com o Cazuza que, quando eu canto a música nos meus shows, as pessoas pensam que eu estou simplesmente fazendo uma cover dele", conforma-se Leoni.

A FORÇA DE CAZUZA CONTINUA POR AÍ, COMO SENtenciou o título do álbum póstumo lançado em 1991. Idealizador do tributo *Agenor* (2013), álbum em que a música de Cazuza ganhou abordagens de Kassin, Do Amor e Qinho, entre outros nomes da cena pop carioca contemporânea, o DJ Zé Pedro chegou a declarar que sentia que Cazuza iria gostar de se misturar com aquela turma. "Cazuza sempre foi o meu compositor preferido da minha geração porque eu conseguia entender a poesia cotidiana dele", diz.

Sim, Cazuza continua por aí. "Ele está comigo todos os dias. A gente teve tantas noites, tiradas e gargalhadas, que volta e meia sinto até o cheiro daqueles momentos. Isso acontece direto. Cazuza está por aí, continuando a fazer bagunça", acredita Frejat. De uma forma ou de outra, o poeta está vivo.

ACERVO PESSOAL/ SOCIEDADE VIVA CAZUZA

Edição nº 35 – *Agosto de 2009*

Na ocasião dos 20 anos da morte do "pai do rock brasileiro", a *RS* trouxe uma reportagem especial direto da terra natal de Raul, ilustrada por imagens inéditas eternizadas pela fotógrafa Conceição Almeida.

Moleque Maravilhoso

O lendário Raul Seixas é lembrado em depoimentos por seus primeiros colaboradores e amigos de infância como uma alma consagrada ao rock'n'roll

ESTAMOS ONDE, DE FATO, TUDO COMEÇOU – HÁ 64 ANOS ATRÁS (SIC). NO centro antigo de Salvador, capital da Bahia, a Praça da Piedade oculta vicejantes episódios da ancestralidade e da modernidade nacional. Um dos mais antigos logradouros, no período monárquico, a "Piedade" era sítio usado para execuções públicas. No século 20, converteu-se numa espécie de parque de diversões da classe média. E, de outro flanco, no ambiente que agremiava o Centro Popular Comunista (CPC), o qual alistava uma fração da inteligência baiana. Promissores nomes, como Waly Salomão, Tom Zé, Gilberto Gil e Caetano Veloso, labutaram no CPC. A principal avenida que serve a velha Piedade é a Sete de Setembro – primeiro endereço do personagem mais emblemático do rock brasileiro: Raul Santos Seixas, filho de Dona Maria Eugenia e do engenheiro Raul Varella Seixas.

Antes de metamorfosear-se Raul Seixas, ele era Raulzito. "É apelido de família. Meu avô se chamava Raulzão, meu pai Raulzinho. Eu tinha que ser Raulzito, menor ainda. Meu filho vai ser Raulzitinho, no mínimo", contou o próprio em uma gravação do raro LP *Let Me Sing My Rock and Roll*. Aparado nas mãos de uma parteira, Raul Seixas nasceu às 8h da manhã do dia 28 de junho de 1945. Partiu para outra dimensão às 7h da manhã de 21 de agosto de 1989, aos 44 anos. Foi encontrado morto em seu apartamento, na capital paulista, pela empregada Dalva Borges. Causa mortis: pancreatite aguda causada pelo excesso de álcool. A brevidade de sua vida, porém, é abissal contraponto frente à poderosa mitologia que incendiou em volta de si.

Guiado pelo amigo de infância de Raulzito, o infatigável Thildo Gama – no alto de seus 65 anos –, percorremos os principais pontos de Salvador, onde essa história flamejou suas primeiras chamas. Thildo e Raulzito se conheceram em 1959, nos tempos do Colégio Ipiranga. Três anos depois formaram seu primeiro grupo, Os Relâmpagos do Rock, embrião do conjunto Os Panteras. "Lembro-me de Raul matando aula e chegando em minha casa todos os dias, às 7h da manhã. Acordava com ele ao lado da minha cama, com um violão, cantando rocks dos discos importados que ganhava de seus amigos estrangeiros", conta Thildo, enquanto cruzamos a Piedade em direção à Sete de Setembro.

Vou conhecer a casa onde Raul teve suas fraldas trocadas. A residência localizava-se em cima de uma loja de consertos de refrigeradores que pertencera ao tio de Raul – o "Lulu Geladeira". No ponto, hoje funciona uma confecção de roupas. Foi na antiga loja que, brincando de "ver quem demorava mais", o irmão de Raul, Plininho, cinco anos mais novo, deixou Raulzito trancado dentro da *Frigidaire*. Salvou-lhe a

POR CRISTIANO BASTOS | FOTOS: CONCEIÇÃO ALMEIDA

mãe, mas o guri virou claustrofóbico. "Eu suava, todo apertado. De repente, acordei na cama", escreveu no seu diário, aos nove anos. Atravessando a rua, fica o Clube Comercial, onde Os Relâmpagos do Rock embalaram a edição do concurso Miss Bahia de 1961.

Distante dali alguns quilômetros, o Largo de Roma, na Cidade Baixa, abriga os escombros do Cinema Roma – o "Templo do Rock na Bahia". O prédio está interditado para reformas. Desde 1983 não é mais o palco sobre o qual cintilaram estrelas da constelação de Jerry Adriani, Wanderléa e Roberto Carlos – além do próprio Raul. No dia 6 de junho de 1965, Roberto Carlos estreou na Bahia cantando no Cinema Roma acompanhado de Raulzito e Seus Panteras, que se firmava como o melhor conjunto de baile da capital. Thildo tocou nesse dia. Ele aponta a porta de acesso nos fundos do Roma: "Roberto Carlos chegou de táxi. Raul e eu o ajudamos a descer com a guitarra e um amplificador Phelpa. Ficamos com Roberto no camarim até a hora do show". Comandadas por Waldir Serrão, mais tarde conhecido como Big Ben, as sessões de jovem guarda animavam as matinês de domingo em Salvador. Na trincheira inimiga, ficavam os opositores, "beócios, comunistas baratos", segundo Thildo. Era uma guerra: Teatro Vila Velha contra Cinema Roma. "A turma do rock frequentava o Roma e o Vila Velha era o lugar dos intelectuais: Caetano e Gil, meus inimigos", contou Raul a seu diário.

Antes de seguir ao encontro de Big Ben, cruzamos Salvador. Destino: visitar a moradia na qual Raul viveu até seus 15 anos. No quintal do domicílio, localizado na Rua Rio Itapicuru, em 1958, Raul e Serrão posaram para o célebre retrato (cabelo pimpão e trejeitos de bad boy) no qual são enquadrados apertando-se as mãos. Meio século depois, amarelecida pelo tempo, a parede que serviu de fundo à fotografia ficou de pé. Nesta mesma parede, Raul esboçou, aos 15 anos, a ideia de "Metamorfose Ambulante" – originalmente um blues. Em seu diário, reproduzido no livro *O Baú do Raul Revirado* (Ediouro), Raulzito legendou na foto: "Com Waldir Serrão: o primeiro rocker da Bahia. Waldir Serrão era inovador". Sobre si mesmo, traçou: "Tudo era novo pra mim. Ouvia os discos de Elvis e Little Richard até estragar os sulcros (*sic*). O rock era como uma chave que abriria as minhas portas que viviam fechadas".

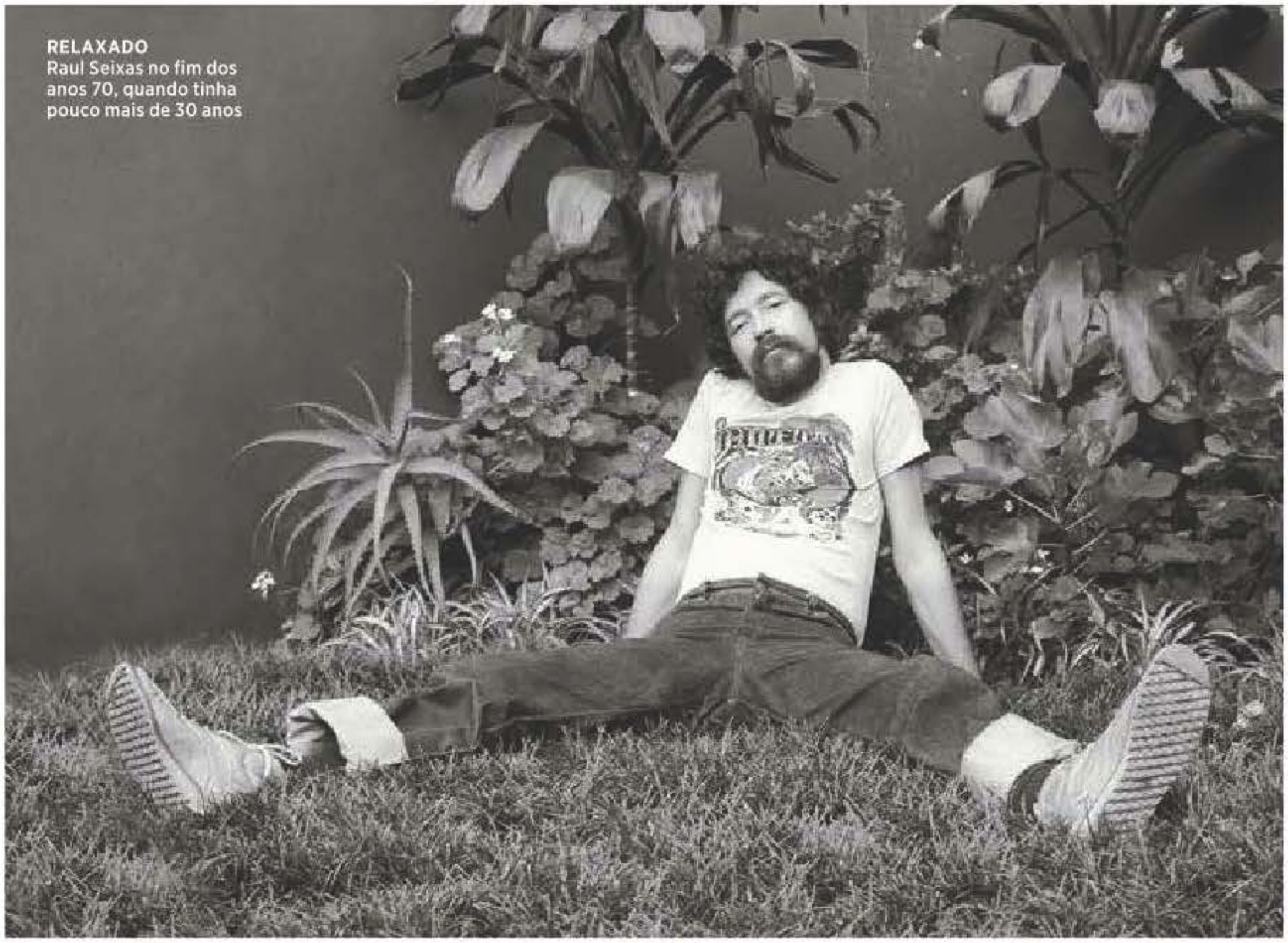
No período da Segunda Guerra Mundial, situa Thildo, os navios-escola da Operação Unitas, da marinha norte-americana, aportavam no cais de Salvador. As embarcações traziam a bordo orquestras, as quais apresentavam os ritmos ianques em praça pública. Os filhos desses estrangeiros estudavam numa escola perto da casa de Raulzito. Ele aprendeu, com eles, a falar inglês, e deles ganhou seus primeiros compactos de rock'n'roll. Entre os gringos, conheceu a primeira de suas quatro esposas: Edith Wisner. Na puberdade, o norte-americano Daniel Dickanson teve aulas de violão com Raulzito. "Eu morava a dois quarteirões da família Santos Seixas. Nossas mães ficaram amigas." Em 1967, no *summer of love*, Daniel retornou a seu país. Os dois passaram a se corresponder trocando LPs por intermédio do correio diplomático. "Enviei para Raul *We're Only in It for the Money*, do Mothers of Invention, que inspirou *Sessão das Dez*. Em junho de 1967, remeti *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, dos Beatles. Provavelmente, a cópia esteve entre as primeiras que chegaram ao Brasil."

No ano em que o *fab four* lançava o mais prestigiado álbum de rock de todos os tempos, o astro Jerry Adriani foi se apresentar em Salvador, acompanhado da cantora Nara Leão e do humorista Chico Anysio. Para acompanhar o trio, o empresário Carlos Silva recrutou o conjunto The Jormans, que tinha dois negros em sua formação. Só que, na última hora, a preconceituosa sociedade baiana barrou-os na entrada. O jeito foi ligar às pressas para Eládio Gilbraz, guitarrista dos Panteras. "Éramos os únicos na Bahia em condições de tocar com qualquer artista sem ensaiar antes", lembra Eládio, "quebramos o maior galho". Raul, mais de uma vez, falou: "O pessoal que vinha do Rio ouvia falar do grupo baiano que mais entendia de rock'n'roll: Raulzito & os Panteras". A imagem de Nara é fotograma vivo na memória de Jerry Adriani: "Ela apoiou-se no violão para nos ver tocar, parece que foi ontem". Intuitiva, após a apresentação ela procurou o cantor: "Chama os Panteras para tocar contigo", recomendou. Jerry ouviu a sugestão e, por meio de Raulzito, intimou os Panteras: "Vão para o Rio". De imediato, a reação do baiano foi titubear: "Mas eu acabei de me casar", disse.

A brevidade da vida de Raul Seixas é abissal contraponto frente à poderosa mitologia que incendiou em volta de si

Dois meses depois, na residência de Chico Anysio, no Rio, Adriani propôs aos Panteras que lhe acompanhassem numa excursão pelo Nordeste do Brasil. Em terreno fluminense, Chico Anysio levou a banda ao seu humorístico na TV. Na gravadora Odeon, o apoio foi dado por Roberto Carlos. Nos bastidores, de acordo com Adriani, sempre que pintava oportunidade, Raulzito mostrava-lhe uns "cadernos muito interessantes". O cantor começou a fazer a cabeça do diretor da gravadora CBS, Evandro Ribeiro, para que o talentoso baiano produzisse *Jerry*, seu álbum de 1970. "No fundo, quem me lançou foi o Raulzito", Adriani faz justiça. E confessa: "Eu tinha muito medo de mudar". A partir de *Jerry* a guinada em sua produção é perceptível – desde a capa (posando de Elvis) às composições menos ingênuas. Nesse LP, dois hits têm autoria de Raulzito: a power pop "Se Pensamento Falasse" e o soul "Seu Táxi Está Esperando".

Lenda do rock brasileiro, Waldir "Big Ben" Serrão sobrevive às duras penas desde que perdeu seu emprego de apresentador na TV Itapoã. Alçou vários artistas locais ao sucesso e, agora, encontra-se esquecido. "Ajudei muita gente



RELAXADO
Raul Seixas no fim dos anos 70, quando tinha pouco mais de 30 anos

com meu programa, nos anos 70, mas ninguém quer saber", lastima. Ele mora num conjunto habitacional na periferia do bairro São Cristóvão. Aos 67 anos, enfrentando problemas de saúde, ainda devota sua fidelidade à divindade máxima: Elvis Aaron Presley. Sentado em frente a um pôster do Rei norte-americano, a cabeça do velho homem funciona perfeitamente. Ao admirar a fotografia cinquentenária feita na casa da Rua Rio Itapicuru, Serrão recorda: "O Raulzito tinha mania de fazer pose de James Dean; e eu de Elvis". Big Ben mantém vívido o dia em que o conheceu: "Quem nos apresentou foi Tití, um amigo em comum, que marcou encontro no Largo da Boa Viagem. De cara, um perguntou ao outro: 'Quem tem mais discos? Você ou eu?' E eu ganhei porque tinha mais álbuns de coleção: Pat Boone, Little Richard, Buddy Holly. Falei pra ele: 'Quero ver a sua discoteca'. Raul, então, levou-me à sua casa e mostrou seu acervo. Nossa amizade nasceu assim. Durou até quando ele se foi".

Conforme descreveu Raulzito em seu diário – Raul, diz-se, anotava tudo em diários para não perder momento algum de sua vida, o encontro com Waldir foi fantástico: "Me preparei todo. Gola para cima, topete, engomei o cabelo. Fiquei esperando ele, mascando chiclete". Raulzito ficou perplexo ao ver que a coleção de discos de Serrão era maior que a dele: "Ele começou a me visitar no Elvis Rock Clube, cuja sede era na minha casa. Lá se juntavam os fanáticos por Elvis. Raul foi o nono associado; Edy Star foi o 17º. Ele me chamava de Rei do Rock. E eu sempre retrucava: 'Rei do Rock é você!'" Em 1970, na CBS, o primeiro compacto que Raul produziu foi de Serrão: as faixas "Pare e Pense" e "A Qualquer Hora". O pioneiro gravou, também, a antitabagista "O Crivo" – uma das primeiras letras de Raulzito. Ao cantá-la para mim, em sua casa, os diminutos olhos de Big Ben marejam: "Deixa o miserável/ Acaba com o pulmão/ Se eu não parar agora/ Vou acabar num buracão/ O crivo / Vou deixar de fumar".

Entre 1970 e 1972, assinando com a rubrica Raulzito, o baiano escreveu, compôs e produziu 51 canções para o cast da CBS. O ano de 1970 assinalou temporada de intensa criatividade. Seu nome começou a ser impresso nos LPs e, cada vez mais, cantores começaram a gravar suas composições. Nesse ano, produziu artistas do naipe de Tony & Frankye, Edy Star e Diana. O jovem Márcio Greyck vivia no apartamento de Jerry Adriani, onde conheceu Raul Seixas: "Éramos uma turma que curtia junto", afirma. Foi emocionante, para o cantor, ter gravado "Foi Você". Greyck adorou a canção por causa da letra "nada água-com-açúcar". "É a mais bela do álbum *Sentimento*. Meu repertório primava por letras densas e maduras que falavam de amor". "Raul Seixas", Greyck coteja, "era um compositor romântico de mão-cheia; como Lennon antes do *Sgt. Peppers*".

Em 1995, o jornalista Marcelo Froes arregimentou, nos arquivos da Sony&BMG, pesquisa para reunir fitas originais das sessões de gravação da fase "Raul produtor". Froes deparou-se com o baú pré-raul-seixístico. Há décadas, os fonogramas assinados por Raulzito jaziam cochilando na velha CBS. "Estou Completamente Apaixonada" (Diana), "São Coisas da Vida" (José Ricardo), "Shala-la – Quanto Eu Te Adoro" (Leno) são três

amostras dessas relíquias. Assim como "Tudo que É Bom Dura Pouco", feita sob medida para Jerry Adriani – e um dos grandes êxitos do cantor. Embora não se tratasse de cancioneiro inédito, ressalta Froes, "a maior parte das faixas seria editada em estéreo pela primeira vez". A operação rendeu *Deixa Eu Cantar*, trilogia de álbuns, que chegou a ser masterizada e prensada, contendo os 51 registros. Entretanto, de última hora, Froes viu seu projeto, literalmente, ser quebrado. Em 1997, 3 mil cópias entraram para o catálogo de vendas da Sony. Apelando para o chamado "direito de imagem", às vésperas do lançamento, a major foi ameaçada de processo judicial. Segundo o jornalista, o acordo seria firmado apenas mediante pagamento de alto valor. "Puxaram esse coelho da cartola e a gravadora se assustou. Por sorte, separei meus exemplares. Creio que sejam os únicos", estima. Restou o sentimento de frustração: "A sensação é que há desejo de abafar as origens jovem-guardistas – nada bregas – de Raulzito". Procurada para falar a respeito, Kika Seixas, viúva de Raul e procuradora legal de sua filha, a herdeira Vivian Seixas, preferiu não se pronunciar.

Fundador do conjunto Renato & Seus Blue Caps, Renato Barros fez amizade com Raulzito, ao se associar ao quinteto de produtores na linha de montagem da CBS, escuderia que se completava com Rossini Pinto, Walter D'Ávilla Filho e Mauro Motta. Raulzito o chamava de José – "E eu nunca soube o porquê. Se houver vida após a morte vou perguntar a ele", avisa Barros. A convivência entre os produtores era diária. Um ajudava o outro: "A guitarra de 'Playboy', por exemplo, foi ideia dele", revela. Raul noticiou para Barros que haviam sido contratados pela CBS. "Todas as quartas-feiras jogávamos futebol society no Riviera Country Club. Raulzito era ruim de bola. No intervalo do jogo, ele me contou: 'Agora somos produtores contratados. O salário é fantástico'."

> *"Vivemos a infância dos meninos travessos", relembra Plínio, irmão mais novo de Raul Seixas*

Renato e Raul cometeram das suas travessuras poéticas. O álbum dos Blue Caps, de 1970, trazia na contracapa o texto maluco "A Lei da Insequapibilidade" – redigido por Renato Barros e (anonimamente) Raulzito. "A gente tinha mania de criar palavras que não existiam", explica Renato. Na época, além da direção musical, os produtores eram encarregados de bolar o design gráfico das bolachas. "Criei a capa e, no verso, tinha que pôr qualquer coisa. Senão, se corria o risco de enfiarem um catálogo horroroso no lugar". Raulzito entrou na sala de Barros e sugeriu: "Coloca um texto doido aí, bicho". Formularam, então, a Lei da Insequapibilidade, cuja chave é "clilófricamente simples": "A lei da insequapibilidade pode ser explicada baseando-se no método do Diafragma de Aquiles. Tomando-se por base os crepúsculos de diferentes dimensões, alia-se ao pentagrama diluvial pela quinta lei de Newton, referente à gravitação das histórias em quadrinhos em torno dos velocípedes (...) Insequapíveis? Sim, porém insequapóveis em certos aspectos, quando examinados pelo oblíquo lado da patinete".

Em 1994, Marcelo Froes deu de cara com as matrizes de outra gema extraviada do rock verde-amarelo: o conceitual *Vida & Obra de Johnny McCartney*, álbum do potiguar Gileno de Azevedo, melhor reconhecido como o Leno da dupla Leno & Lilian. *Johnny McCartney* foi o primeiro e único projeto bem-fadado de resgate que Froes conseguiu consumar com uma obra de Raul. Nesse disco, Raulzito divide cinco composições. Em 1970, Leno estava prestes a lançar seu terceiro solo pela CBS – *Johnny McCartney*, o primeiro LP gravado em oito canais no Brasil. Criado em estúdio desde os 16 anos, Leno encorajou Raul a aventurar-se em sua própria "obra maldita". A instigação, no ano seguinte, resultou em *Sessão das 10*. "Muita coisa que Raul aprendeu sobre estúdio foi participando de *Johnny McCartney*. Por exemplo, como se gravava bateria com mais peso." Sérgio Sampaio pôs mais pilha: "Deixa desse negócio de ser produtor", aconselhou a Raul. No álbum *Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua*, frisson de 1973, Sampaio dedicou a canção "Raulzito Seixas" ao produtor de sua estreia: "Meu nome é Raulzito Seixas / Vim da Bahia modificar isso aqui / Toco samba e rock, morena / Balada e baioque". Segundo o produtor Mauro Motta, pouco antes do "levante" da Sociedade da Grã-Ordem Kavernista – a denominação escolhida por esse quarteto, pressupondo, ainda que ludicamente, um movimento –, Raul teria lhe confessado sua "inveja" de Sérgio Sampaio: "Esse sou eu. Não sou produtor porra nenhuma!; sou artista".

Somavam-se ao quarteto kavernista o glitter rocker Edy Star e a sambista paulista Miriam Batucada. Não há dúvida: *Sessão das 10* é o mais inextricável dos álbuns concebidos por Raul Seixas. A obra apregoa valores da sociedade de consumo, destilando inteligência e fina autoironia. Durante 40 anos, acreditou-se na fábula segundo a qual as 11 faixas de *Sessão das 10* foram oficiadas às escondidas da direção da gravadora. Conforme Edy Star, único kavernista sobrevivente, não rolou nada disso. O trabalho, desmistifica, foi profissional e consentido. "A gravação levou 15 dias, com hora marcada no estúdio e anuência do diretor artístico."

Outra inverdade seria a de que, por causa da suposta traquinagem armada em *Sessão das 10*, Raulzito fora demitido. Na CBS, em 1972, ele ainda produziu o compacto *Diabo no Corpo*, de Miriam Batucada. Edy define o quarentão álbum como atualíssimo: "O disco é muito inventivo e divertido. Sérgio, Raul e eu éramos nordestinos unidos no deboche e nas críticas". Radicado em Madri, na Espanha, onde dirige uma casa noturna com "35 mulheres internacionais", Star conta que ele e Raulzito se cruzaram, pela primeira vez, em meados dos anos 60, na Rádio Sociedade da Bahia. A relação não era das melhores. Raul teria se enciumado, certa vez, por causa do frêmito que Edy ocasionara com sua inter-

GALÃ DE CINEMA
"O Raulzito tinha mania de fazer pose de James Dean", diz o amigo de infância Big Ben

pretação de "La Bamba", de Ritchie Valens. Edy contradiz: "Raul estava era puto por ter que acompanhar uma bicha louca como eu pondo fogo no auditório", debocha.

Antes de virarem colegas de CBS, Raul Seixas e o pianista Mauro Motta foram apresentados em condições adversas: tocando ao relento. Algumas noites, o conjunto de Motta, Os Blue Jeans, se apresentava ao ar livre com Os Panteras, no Largo do Pacificador, em Duque de Caxias. O empresário responsável pelos shows era um avarento: "Tocávamos a noite toda. De café-da-manhã, o cara nos dava uma Caracu com um único ovo". Desiludidos, em 1969 os baianos arrumariam as malas de volta a Salvador. Mauro e Raul cruzaram-se, novamente, na CBS, onde se tornaram parceiros em "Ainda Queima a Esperança" (Diana) e "Vê se Dá um Jeito Nisso" (Trio Esperança). De acordo com Motta, a gravação de Diana foi um "sucesso absurdo". "Comprei um fusca zero", sintetiza.

cesso em bailes, clubes, programas de musicais e festas no interior da Bahia e chegamos até o distante Rio de Janeiro", pontua o baterista. A estada fluminense foi dura e infeliz e, em 1969, o conjunto se desfez. "A gravadora não ajudava. As condições eram muito adversas", analisa Carleba. Sobre o fato de Raul Seixas não ser um artista muito popular na sua própria Salvador, a exemplo de outros conterrâneos, ele critica: "Salvador é uma cidade atípica. Tem música, cultura, linguagem e culinária próprias. Apesar do respeito que impõe, na Bahia, Raul não tem a mesma aprovação", reconhece Carleba. O produtor Marco Mazzola diz que Raul sempre se lamentava: "Não consigo entender; sou baiano, mas ninguém me dá mole na Bahia".

Carleba divide tragicômica passagem, envolvendo o bonachão Carlos Imperial. Após muita insistência, a Odeon arranjou um encontro com Imperial em sua cobertura: "Viemos da Bahia tentar a sorte no Rio", disseram. Imperial foi curto e grosso: "Mostra aí". "Mostramos uma, duas, três canções do nosso LP. Imperial quieto; o Raul, nervoso. Na quarta, Imperial falou: 'Pode parar. Entrem no primeiro ônibus de volta para a Bahia. Esse tipo de música tem 14 mil conjuntos fazendo igual. Raulzito, ainda por cima, é nome de cantor de bolero'." Raul ficou mal depois disso, segundo Carleba. Mas anos depois se desforrou: "Não peguei aquele ônibus", jogou na cara de Imperial.

Autor do livro *A Paixão Segundo Raul Seixas*, Toninho Buda conta que seu primeiro encontro com Raul Seixas deu-se numa sexta-feira 13 de lua cheia de agosto de 1983. Os dois fizeram "um ritual de banimento" entoando o hino "Sociedade Alternativa", no palco do I Festival de Rock de Juiz de Fora. Somente mal-intencionados ou supersticiosos, julga Buda, o associam com satanismo. "Ele fez uma música chamada 'Rock do Diabo', realmente. E ele próprio disse: 'Existem dois diabos. Um deles é o 'do toque' e o outro é aquele de *O Exorcista*". Para Buda, Raul, estava associado ao primeiro – que é o da inteligência, Lúcifer, aquele que entregou a luz do conhecimento aos homens. Raul não tinha nada a ver com o diabo da igreja. "Os evangélicos sempre disseram que ele era filho do capeta. Montavam piquetes na porta de seus shows, tentando impedir que as fãs entrassem na sua 'Panela do Diabo'."

Raul havia escrito os diálogos do seu filme até a cena 33 – encerrada com a frase: "Jesus morreu com 33 anos. Assim também este script"

UM DOS MAIORES MIMOS que os seguidores de Raul Seixas, em breve, terão a alegria de vivenciar é a volta de Os Panteras. O estúdio Casa das Máquinas, encostado na orla de Salvador, é o próximo destino de meu roteiro. Na solar tarde de sábado, sinto-me privilegiado por presenciar um ensaio dos felinos remanescentes – Eládio Gilbraz (guitarra), Mariano Lanat (baixo) e Carleba (bateria). O trio conservou as garras bem afiadas. Com sexagenária mocidade, atacam de joias do repertório de *Raulzito & Os Panteras*, álbum de 1968 gravado no selo Odeon. A decisão do retorno, explica Eládio, foi tomada após a reunião da banda, que abriu e fechou o palco Toca Raul! na Virada Cultural de São Paulo. Segundo ele, existe chance de gravarem um volume de inéditas. Composições como "Questão de Tempo", por exemplo, ficaram guardadas desde os tempos de Raulzito.

A formação clássica dos Panteras raiou ao acaso, em 1962. Por meio de Olival, amigo em comum, Mariano costumava emprestar o seu violão para um desconhecido. A demora na devolução do instrumento, certa vez, fez com que o dono fosse cobrá-lo de volta. Mariano bateu, então, à porta da casa do jovem Raul Seixas, que morava no bairro Canela, perto da residência do baixista. Motivada pela admiração compartilhada por Elvis Presley, a cobrança virou conversa de tarde inteira: "Disse a Raulzito que eu tinha visto o filme de Elvis 36 vezes. Daí ele me falou: 'Eu assisti 92. Vamos montar uma banda'", conta Mariano, que aceitou o convite na hora. Raul faria vocais e guitarra e Mariano, que era violonista, assumiria o baixo. O grupo firmou-se de verdade em 1963, com a entrada de Carleba e Eládio.

O que se seguiu é de conhecimento público: "Fomos su-

DA PANELA DO DIABO SALTAMOS PARA A REPÚBLICA das Filipinas. Endereçado de Manila, capital do arquipélago, recebo, em Salvador, um pacote enviado pelo velejador Jay Vaquer. Mais conhecido como "o cara que tocou guitarra" em *Krig-há Bandolo*, nos anos 70 ele assinava Gay Vaquer. Trata-se do copião do roteiro de *O Triângulo do Diabo – Opus 666*, *road movie* que Raulzito roteirizou, mas não chegou a realizar. No filme, os

personagens de Raul e sua então esposa, Gloria Vaquer (irmã de Jay) encontram-se com misterioso ser, o "Homem Novo" – espécie de filósofo que lhes indica o portal que leva ao Triângulo do Diabo, situado no magnético Triângulo das Bermudas. Gloria, Jay e Raul chegaram a viajar os Estados Unidos à caça de locações.

Raul Seixas era apaixonado por cinema. Em 1975, Gloria e ele foram visitar Jay, na Georgia. O guitarrista estava cursando a escola de cinema. Quando viu que o cunhado tinha todos os equipamentos, Raul quis rodar um filme. Jay conta: "Falei: 'Precisamos de um roteiro'". O orçamento seria nos moldes de *Easy Rider – Sem Destino*, de Dennis Hopper, ou seja, baixo. Raul começou a escrever os diálogos. "Enquanto ele redigia, procurávamos locações. Eu aproveitava para filmar em 16 mm." De acordo com Jay, a obra que Raul considerava mais importante de sua vida nunca foi vista pelos fãs: "Está guardada na minha gaveta", afirma. Raul minutou no seu diário: "Tô saindo para o Triângulo do Diabo, rodar meu primeiro filme. Escrevi todos os diálogos. Meu trabalho de todos os LPs lançados e não lançados está condensado numa fita de duas horas de projeção. Quero o Oscar".

CONSELHO FURADO
"Entrem no primeiro ônibus de volta para a Bahia", aconselhou Carlos Imperial a Raul e companheiros

Durante as pré-locações, Raul recebeu a notícia: o disco *Novo Aeon* estava com fraca vendagem. Precisaria retornar ao Brasil para promovê-lo. Jay lançou a ideia de montar clipes com as imagens capturadas. Dessa forma, ajudaria o cunhado a levantar uma grana para bancar a produção. No vídeo de "A Maçã", Gloria dança no que parece ser um pentagrama satânico (na verdade, um hexagrama). Outros trechos da filmagem foram editados nos clipes de "Morning Train" e "Caminhos". Raul voou ao Brasil em posse dos videotapes, conta Jay. "Ele disse que terminaria os diálogos e, depois, voltaria com grana para filmarmos de verdade." Mas Raul não voltou. Começou, porém, a telefonar para Jay pedindo que ele viesse ao Brasil arranjar as guitarras do disco *Há Dez Mil Anos Atrás*. "[*Roberto*] Menescal [*na época diretor artístico da Philips/Phonogram*] ofereceu-me cinco mil dólares para eu tocar nesse disco. Ele também comprou fotos que tirei de Raul nas filmagens de New Orleans", conta Jay. Raul havia escrito diálogos até a cena 33 – encerrada com a frase: "Jesus morreu com 33 anos. Assim também este script".

Na última escala da viagem à Bahia, encaro o asfalto trêmulo da rodovia BA 93 rumo a Dias D'Ávilla, município a 70 quilômetros de Salvador, onde a família de Raul passava férias. O caminho é paralelo ao da Estrada Real, donde repousam as ruínas do Castelo da Torre, única fortaleza (edificada em 1545) em estilo medieval da América do Sul. O trajeto conduz, também, a Juazeiro, Jacobina, Rio Real e Feira de Santana. À margem da estrada, conheço outros escombros: do Sítio de Caboatã (soerguido pelos braços de Seu Raulzão, avô de Raulzito). Na infância, Thildo Gama também veraneou no recanto. Espantado, ele recobra a atmosfera de garoto. Pensamos em Raulzito rolando arteiro sobre a campina verdejante ou indo nadar no cristalino Embassai, rio onde os moleques reuniam-se para beber pinga injetada num fruto de caju e fumar cigarros. Em Dias D'Ávilla, belvedere de águas minerais e lamas medicinais, o "turista" mais ilustre virou nome de avenida. Também ganhou sua face (dos tempos de *Gita*) esculpida em bronze no centro da praça principal. A estação férrea inspiradora da canção "Trem das Sete" risca ao meio o lugar: "Meu pai era engenheiro de estrada de ferro. Eu conheço o sertão inteiro da Bahia. Trem era meu fascínio", anotou Raul. É aqui que Plínio Seixas – único irmão de Raul Seixas – manifesta-se. É ele quem me procura, surpreendentemente. Conta-me que o mano comprou-lhe um contrabaixo e o incentivou a montar o próprio conjunto: Os Eles Quatro. "Vivemos a infância dos meninos travessos. James Dean foi nosso herói; *Juventude Transviada*, nossa escola." Ainda recordamos que era Plínio o excepcional comprador das revistinhas desenhadas por Raulzito, as quais ele vendia – sem jamais finalizá-las: "O sacana não terminava os gibis. Deixava-me agoniado sem saber o final das histórias". A voz de Plininho soa idêntica há 50 anos, quando, na introdução de *Krig-há, Bandolo!*, apresentou Raul Santos Seixas bradando "Good rockin' tonight": "Dá uma saudade danada."

ARQUIVO RS

RAUL SEIXAS

Um Maluco na Contramão

Apesar de os hits serem bastante presentes, a obra de Raul Seixas merece um olhar mais aprofundado Por Paulo Cavalcanti

Em 1974, Raul Seixas vivia o seu melhor momento artístico e comercial com o estouro do álbum *Gita* e da música homônima. Seu primeiro sucesso nacional foi "Ouro de Tolo", parceria com o escritor e letrista Paulo Coelho lançada um ano antes, mas com "Gita", o cantor baiano foi elevado ao posto de guru e herói da contracultura. A figura de Raul ainda hoje tem um verniz folclórico, mas o espectro de sua música vai muito além de interpretações trôpegas de "Maluco Beleza" em rodas de violão. Raul era um dos raros artistas brasileiros que entendiam as raízes do rock norte-americano; regurgitava a música brega e nordestina sem ranço irônico e, como um fiel pós-tropicalista, bagunçou o legado do movimento criado em 1968. Ferino, anárquico, ocasionalmente romântico e roqueiro até a medula, Raul ainda cintila.

CLÁSSICOS

Krig-Ha, Bandolo! ★★★★★

1973 Philips

O primeiro álbum solo de Raul já tinha canções escritas junto a Paulo Coelho. A sarcástica "Ouro de Tolo" foi o maior hit, mas o disco trouxe outros clássicos, como o ponto de macumba "Mosca na Sopa", "Al Capone" e "Metamorfose Ambulante", uma declaração pessoal de Raul sobre sua arte e persona sempre mutantes.

Gita ★★★★★

1974 Philips

Aqui, Raul criou a aura que até hoje persegue sua figura, a do místico malucão que pregava ideias alternativas. A faixa-título (baseada no texto sagrado hindu Bhagavad Gita) e "Sociedade Alternativa" (inspirada nos pensamentos do guru Aleister Crowley) puxaram o álbum. "Medo da Chuva" e "O Trem das 7" também se destacaram

EM TODAS AS VIAS
Raul foi roqueiro, místico, brega e romântico, entre outras coisas

ESSENCIAIS

Novo Aeon ★★★★

1975 Philips

Comparado ao sucesso de *Gita*, *Novo Aeon* foi considerado uma decepção. Apesar de não ter vendido tão bem, o trabalho junta canções que se tornaram populares, como "É Fim de Mês", "Tente Outra Vez", "Rock do Diabo" e "A Maçã", uma das mais sensuais criações de Raul.

O Dia em que a Terra Parou ★★★½

1977 WEA

Aqui, Raul voltou à forma, desta vez ao lado do novo parceiro, Claudio Roberto. A faixa-título fez sucesso, mas nada se equiparou à repercussão causada por "Maluco Beleza", que deu ao cantor o codinome definitivo. Ele fez experimentações com a música negra em "Tapanacara" (com a Banda Black Rio) e recebeu Gilberto Gil em "Que Luz É Essa?".

Abre-te Sésamo ★★★

1980 CBS

Raul havia trabalhado na CBS como produtor sem nunca ter lançado nenhum álbum solo por lá. Quando foi contratado pela gravadora, voltou revigorado e disposto a retomar o som básico do rock and roll. Duas músicas de *Abre-Te Sésamo* viraram hits: a sacana (e censurada) "Rock das 'Aranha'" e a crítica "AlugaSe".

Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum! ★★★

1987 Copacabana

Depois do fracasso de *Metrô Linha 743*, o deprimido Raul ficou três anos sem gravar. Finalmente ele veio com *Uah-Bap-Lu-BapLah-Béin-Bum!*, que teve boa aceitação comercial, principalmente graças às autocelebratórias "Quando Acabar o Maluco Sou Eu" e "Cowboy Fora da Lei", parcerias com Claudio Roberto.

DIVULGAÇÃO

SUBESTIMADOS

Raulzito e Os Panteras ★★★
1968 Odeon

No único álbum com Os Panteras, o então Raulzito fazia tributo à jovem guarda. Parte do repertório foi escrito por Raul, como "Dê-Me Tua Mão" e "Trem 103". Há ainda uma versão de "Lucy in the Sky with Diamonds" (Beatles), batizada "Você Ainda Pode Sonhar".

Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das 10 ★★★½
1971 CBS

Raul trabalhava como produtor da CBS quando gravou este álbum coletivo com Sérgio Sampaio, Edy Star e Miriam Batucada, que soa como uma versão esculachada de *Tropicália ou Panis et Circencis*. O bolero "Sessão das 10" apresentou Raul ao grande público.

Há 10 Mil Anos Atrás ★★★
1976 Philips

Em "Eu Também Vou Reclamar", Raul manda um recado aos clones que imitavam o estilo dele. Já a faixa-título é uma adaptação de um tema do folclore norte-americano. Na capa, ele parodiava sua fama de profeta.

ORLANDO ABRUNHOSA/DIVULGAÇÃO

SEMPRE LIGADO
O cantor no melhor período da carreira, na metade da década de 1970

Raul Rock Seixas ★★½
1977 Philips

O último disco de Raul pela Philips é uma reciclagem da proposta de *Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock*, segundo álbum solo do cantor. A faixa mais interessante é o medley que junta "Asa Branca" e "Blue Moon of Kentucky", mostrando possíveis similaridades entre a música nordestina e o rock da década de 1950.

Por Quem Os Sinos Dobram ★★½
1979 WEA

O nono álbum de Raul Seixas não foi bem divulgado e fez pouco sucesso. Com composições feitas ao lado do argentino Oscar Rasmussen, o LP tem boas canções, como "Diamante de Mendigo", que retomava o estilo crítico, discursivo e anticlasse média de "Ouro de Tolo".

Raul Seixas ★★★
1983 Eldorado

Sem que ninguém esperasse, Raul estourou com "Carimbador Maluco", canção que ele apresentou no especial infantil *Plunct, Plact, Zuuum*, da Rede Globo. A faixa foi incluída neste álbum razoável que levou apenas o nome do cantor. Outras faixas também foram bem recebidas, como o forró "Quero Mais", com participação de Wanderléa.

Metrô Linha 743 ★★½
1984 Som Livre

No momento em que o rock brasileiro dos anos 1980 explodia, Raul, que enfrentava problemas de saúde, apareceu com um disco melancólico, anticomercial e com pouca pegada de rock. Em "Mamãe Eu Não Queria" o cantor fazia propaganda contra o serviço militar (a faixa foi censurada).

VALE OUVIR

Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock ★★½
1973 Philips

Raul registrou aqui suas versões de hits dos pioneiros do rock norte-americano e brasileiro. Mas o LP saiu inicialmente sem o nome de Raul – o crédito na capa ficou para uma banda chamada Rock Generation.

O Rebu ★★★
1974 Som Livre

A trilha sonora da versão original da novela *O Rebu*, exibida pela Rede Globo entre 1974 e 1975, tinha em sua maioria faixas compostas por Raul Seixas e Paulo Coelho. Raul cantou algumas das músicas, entre elas "Água Viva" e "Como Vovó Já Dizia". Outras ficaram com nomes como Fábio e Alcione.

Mata Virgem ★★½
1978 WEA

Raul retomou a parceria criativa com Paulo Coelho em *Mata Virgem*, mas acabou criando pastiches pseudomísticos, como "Judas" e "As Profecias". O álbum acabou ignorado por público e crítica, e a dobradinha de composição que mudou o rock nacional se desfez para sempre.

A Pedra do Gênesis ★★½
1988 Copacabana

Adoentado, Raul parecia perceber que o fim estava se aproximando. Em *A Pedra do Gênesis*, ele resgatou a temática alegórica de *Gita* e *Novo Aeon*, particularmente em "Senhora Dona Persona" e "Areia da Ampulheta". A canção antidrogas "Não Quero Mais Andar na Contramão" é uma versão de "No No Song", de Ringo Starr.

A Panela do Diabo ★★★
1989 WEA

Lançado dois dias antes da morte de Raul, *A Panela do Diabo* foi dividido com Marcelo Nova, outro roqueiro baiano discípulo do Maluco Beleza. Apesar da voz enfraquecida, ele e Nova mandaram bala em "Carpinteiro do Universo" e "Pastor João e a Igreja Invisível".

ARQUIVO RS

ERA UM GAROTO QUE COMO EU AMAVA OS BEATLES E A ROLLING STONE

Um leitor relembra a saga da célebre edição dos anos 70 da *Rolling Stone* brasileira, que revolucionou a imprensa cultural do país em 36 edições

POR ANTÔNIO DO AMARAL ROCHA

O TEMPO ERA OUTRO. EXATAMENTE HÁ 35 ANOS*, A PRIMEIRA versão da *Rolling Stone* era lançada no Brasil. Durou dois verões, 36 edições. Apesar da ditadura em que vivíamos, a revista divulgava assuntos que "faziam a nossa cabeça". Seus 30 mil leitores, se tanto (eu entre eles), sentiam-se vingados da gorilada que queria fazer o Brasil marchar em ordem unida. Não vivíamos apenas de sexo, drogas e rock'n'roll, pode crer.

Naqueles tempos, a *Rolling Stone* ensinava uma nova maneira de falar, escrever, de pensar e se relacionar com tudo. Essa é uma memória daquele tempo, apesar dos pesares, feliz. Afinal, "eu já estou com o pé nessa estrada..."

A década de 1970 começou em 68 ou em 69? Imprecisão histórica? Talvez a imprecisão seja a tônica deste texto, pois ele caminha num fio de navalha. E nada mais traiçoeiro que registro embaçado feito a partir da lembrança.

Maio de 68, as barricadas de Paris: a juventude estudantil e o operariado saem às ruas enfrentando o poder estabelecido. No Brasil: barra-pesada, ditadura. Como numa onda, a juventude pensa criticamente. Passeata dos cem mil, congressos estudantis, prisões de estudantes e trabalhadores. Em 1969, nada será como antes. Se até 1968 a busca de um novo modo de viver considerava a mudança na forma de se fazer política, em 1969 isso já não estava no horizonte. A arte passou a moldar o comportamento. Buscou-se um modo de viver mais simples, mais próximo da natureza, longe da máquina avassaladora da tecnologia, que naquela época ainda engatinhava.

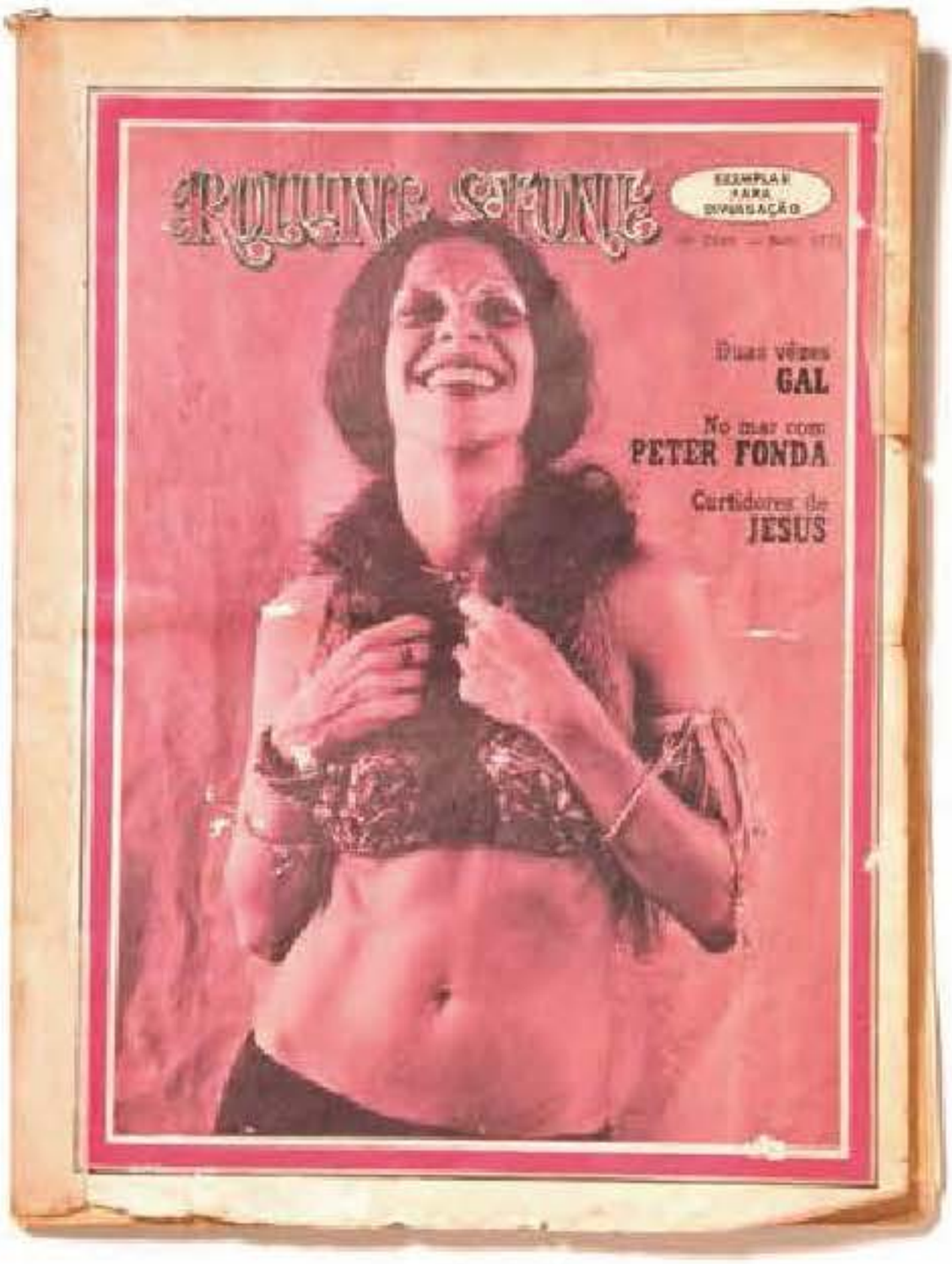
Naquele ano, Peter Fonda e Dennis Hopper filmaram *Easy Rider - Sem Destino*, aventura de dois jovens americanos que, em suas motocicletas, saem em busca da liberdade. Apesar do final deprimente (os dois servem de alvo para a pontaria de rancheiros), ganhou ovação em Cannes e recebeu indicações para o Oscar, nas categorias de Melhor Ator Coadjuvante (Jack Nicholson) e Melhor Roteiro Original. O

*REPORTAGEM ORIGINALMENTE PUBLICADA NA *RS BRASIL* #1, DE OUTUBRO DE 2006.

filme fazia o elogio da liberdade, com trilha sonora da pesada, como dizíamos na época: Steppenwolf, Jimi Hendrix, The Birds, The Band, Bob Dylan. Em *Sem Destino*, assim como na sociedade americana, a violência já se fazia presente: cocaína e armas. Muitos de nós, meninos ingênuos, talvez não quiséssemos enxergar.

Em Bethel, perto de Nova York, numa fazenda, aconteceu o festival de Woodstock, de 15 a 17 de agosto. Público esperado: 50 mil pessoas. Comparecimento: 500 mil. Foi filmado e lançado em 1970, como *Woodstock – Three Days of Peace & Music*. O festival foi um big evento comercial (mas ninguém queria saber), com a presença de 20 bandas e artistas, entre eles, Jimi Hendrix, The Who, Creedence Clearwater Revival, Joe Cocker, Richie Havens, Santana, Joan Baez.

Em 6 de dezembro, os Rolling Stones vão a Altamont (Califórnia) para uma apresentação ao ar livre. Antes de subirem ao palco, já havia problemas. A "segurança" do show estava sob a responsabilidade dos Hell's Angels de São Francisco, uma gangue de motoqueiros anti-*flower power*, armados com tacos de beisebol. Qualquer maluquinho que tentasse subir ao palco era agredido. Durante a apresentação do Jefferson Airplane, que antecedeu os Stones, muitos já haviam sido carregados para atendimento nos postos da Cruz Vermelha, em bem maior número do que os médicos podiam dar conta. Quando os Stones entraram, a multidão ficou histérica, e os Hell's Angels entraram em ação. Durante a execução de "Under My Thumb", um jovem negro, Meredith Hunter, foi assassinado com uma punhalada nas costas.Mick Jagger percebeu alguma coisa estranha acontecendo, mas não sabia exatamente o quê. No dia seguinte, os Stones descobriram que quatro pessoas haviam morrido. Há versões de que Meredith foi agredido pelosAngels por estar acompanhado de uma loira, mas soube-se depois que ele portava um revólver. O assassino, Alan Bird, foi julgado e inocentado por legítima defesa. O emblemático acontecimento está registrado no filme *Gimme Shelter*. Convenhamos, havia algo de podre naquele reino: armas num concerto de rock? Em plena era *flower power*! "The Rolling Stones, Disaster at Altamont: Let It Bleed", dizia a capa da edição 50 da *Rolling Stone* norte-americana, datada de 21 de janeiro de 1970. Fazer um paralelo entre a violência em *Sem Destino* e o concerto de Altamont não é nenhum exagero, apesar do rock. Talvez nossa ingenuidade não permitisse.



GAL NA FRENTE
A capa da edição zero da primeira versão da *RS*, lançada em novembro de 1971

EM 1968, A VIDA NO INTERIOR DE SÃO PAULO ERA uma modorra. Nada de mais acontecia. Música, só pelo rádio, com seus chiados AM. Beatles, muito Beatles, The Mamas & The Papas e sucessos comerciais. E tome jovem guarda. "Menina linda, eu te adoro, oh! Menina pura como a flor, sua bo- neca vai quebrar, mas viverá o nosso amor" (versão de "I Should Have Known Better", de Lennon e McCartney), e TV na casa do vizinho, aqueles programas de sábado à tarde. Ecos da violência política, não sei como, ficávamos sabendo. "Se o Marighella aparecer por aqui pedindo ajuda, eu o escondo, nem que seja no paiol dos cabritos", eu pensava. Mas ele nunca apareceu. Colegial, teatro amador, viagens pelas cidades da redondeza, paqueras, papos, gamação, sexo (mas como fazê-lo?). Ninguém dava pra gente, só prostituta em *rendez-vous*. Namorada? Nem pensar, só mão-boba e olha lá. Perigava a menina querer fazer você prometer casamento. Comigo aconteceu e o namoro acabou.

Não sei como, em junho de 1969, apareceu nas mãos do meu irmão Abel um exemplar do número 15 de *O Pasquim*. Trazia uma entrevista com Elis Regina. Senti alguma coisa diferente naquelas páginas. Humor tipicamente carioca-ipanemense, se bem que eu nem sabia o que era Ipanema naquela época. Em novembro, na edição 22, apareceu a famosa entrevista "asteriscada" com a nossa musa Leila Diniz. Bonita, gostosa, linguaruda, Leila falou sobre homens, sexo, comportamento, censura... Entre outras coisas, ela dizia que "trepava de manhã, de tarde e de noite". Não tinha como não amar uma mulher daquelas. Todos os palavrões, em mais um lance de humor, mas nem tanto, foram substituídos por asteriscos. Apesar de alguns trechos ilegíveis, a entrevista motivou a criação da Lei de Censura Prévia, apelidada de Decreto Leila Diniz. Quando Leila morreu num desastre de avião, (em 14 de julho de 1972), aos 27 anos, no auge da fama e beleza, ao saber da notícia, me tranquei no fétido banheiro da gráfica onde trabalhava e chorei.

De *O Pasquim*, o importante é destacar um jornalista em especial: Luiz Carlos Maciel, também dramaturgo, roteirista de cinema, filósofo, poeta e escritor. "Em 1969 estávamos

REPRODUÇÃO

mais ou menos ao deus-dará. O sonho havia acabado, não se tinha o que fazer ou para onde ir, formava-se o vazio histórico e existencial onde medraram a luta clandestina e o desbunde...", disse ele em seu livro *Os Anos 60*. O sonho duraria mais dois anos, tempo suficiente para Maciel nos pôr em contato com assuntos e temas inéditos. Sua coluna "Underground", de 1969 a 1971, divulgou movimentos alternativos que eclodiam no mundo e a importância que isso tinha. Com formação de filósofo, Maciel podia entender e justificar as razões daquelas manifestações. Temas como Romantismo, Surrealismo, marxismo, existencialismo sartreano eram usados para explicar hinduísmo, embate Oriente-Ocidente, *flower power*, vida em comunidade, revolução sexual, desbunde hippie, metafísica, shows de rock, contestação, antipsiquiatria, antipsicanálise, ideias antenadas com pensamentos de uma "nova era", nova percepção da realidade por meio das drogas (maconha, peiote, mescalina e LSD), bruxaria, a era de Aquarius (que parece, ainda não chegou) e literatura da geração beat (Allen Ginsberg, Jack Kerouac, Gregory Corso, William Burroughs). Ideias de pensadores "sérios" como Reich, Allan Watts, Timothy Leary, Norman O'Brown, Marcuse eram constantes na sua coluna de assuntos denominados genericamente de "contracultura". Maciel devia se sentir muito só naquele ambiente, já que contracultura no Brasil soava como algo exótico, uma curiosidade americana, subjetiva e individualista para os ideólogos da esquerda tradicional.

PARA A ETERNIDADE
Enviada por Antônio do Amaral Rocha para a redação da *RS*, a foto acima jamais foi publicada

Diz Maciel: "A coluna 'Underground' sumiu do *Pasquim* quando Tarso de Castro foi alijado do cargo de editor-chefe e substituído por seu desafeto Millôr Fernandes. Millôr detestava essa história toda de contracultura, cabeludos, rock e, principalmente, baianos tropicalistas. A 'Underground' foi descartada e eles fizeram até uma campanha contra os 'baihunos', que era como chamavam Caetano e Gil. Os caras do *Pasquim* eram muito conservadores, embora desaforados. O único sensível à nova visão era o Tarso de Castro. Foi ele aliás quem inventou a coluna 'Underground', porque sabia que eu me interessava pelo assunto". Reflexão: se 1968 foi o clímax do pensamento crítico, 1969 inaugura o desbunde, uma negação dessa rigidez.

FAZER 17 ANOS EM 1970, NAQUELE INTERIOR PERDIDO no mapa, não era mole. Imagino que aquela urbe só existisse porque por lá passa uma estrada importante. E as cidades crescem à beira de uma estrada. E a estrada virou uma fixação. "Adeus, vou pra não voltar." Já que não dava pra sair, ficava. "Caminhando contra o vento sem lenço, sem documento..."

Até o dia em que um cinema de uma cidade próxima anunciou a projeção de *Woodstock*. Perco o trem, volto a pé, mas não posso deixar de ver. E o que vi naquelas três horas foi veneração, missa leiga, ritual orgiástico, revelação, pura epifania! O cinema vazio era pequeno para tanta felicidade. Fiz uma coisa boba: anotei a seqüência das bandas, querendo segurar aquele momento para sempre, sem me dar conta de que poderia rever o quanto quisesse. Não tinha consciência de que aquilo já era História. O rock, o *flower power* se manifestavam na minha cara, sem meias tintas. O rock existia, não era mais citação em jornal. Estava ali em som estéreo e em cores.

Se a coluna "Underground" deixou de existir, criou-se outro espaço de maior tamanho e com dedicação exclusiva. Nasce *Flor do Mal*, mais uma de Maciel, agora com Rogério Duarte, Tite de Lemos e Torquato Mendonça. Todo "composto" à mão, trazia na capa, emoldurada com vinheta simulando espinhos, texto de Baudelaire sobre a imprensa. No centro, a imagem de uma garota negra sorrindo. Maciel declarou que "na *Flor* podia se fazer o que desse na veneta". Foi o primeiro jornal totalmente contracultural brasileiro e o mais lembrado. Durou cinco números.

Mas em novembro de 1971, um sabiá me cantou que Luiz Carlos Maciel iria liderar uma nova aventura: a *Rolling Stone* americana seria publicada por aqui.

A aventura no Brasil começou com um físico nuclear inglês, Mick Killingbeck, que após visitar o país a trabalho, juntou alguns amigos (Stephen Banks, Stephane Gilles Escate e Theodore George), adquiriu os direitos de publicação da *Rolling Stone* por aqui e convidou Maciel a entrar no barco. "Mick Killingbeck foi quem inventou aquela *Rolling Stone* brasileira. Foi ele quem negociou os direitos da *RS* americana e, depois de sondar o mercado, me escolheu pra editar a versão brasileira por causa de minha coluna no *Pasquim*", lembra Maciel.

Os verões de 1971 e 1972 foram tempos de muita alegria para todos nós. E a *Rolling Stone* esteve presente neles durante 14 meses. "Ser o editor de uma revista era um sonho meu que realizei. Acho até que tinha jeito pra coisa e lamento que não tenha tido a oportunidade de repetir a dose. Foi uma das experiências melhores e mais úteis, um dos períodos mais felizes da minha vida", disse Maciel. A edição zero da *Rolling Stone* foi lançada em novembro de 1971. Entre os destaques, Gal Costa na capa e no miolo e uma matéria sobre uma onda de *new religion* que acontecia em São Francisco. Trinta e seis edições foram publicadas em menos de um ano, de 10 de fevereiro de 1972 a 5 de janeiro de 1973. Desde "Caetano Está entre Nós" até "Brasil 73: Nova Consciência". Treze meses, foram dois verões de contracultura, rock, toque e notas ligadas. Nesse período, ficamos sabendo de tudo o que acontecia no mundo underground: comportamento, lançamentos de discos, concertos, bandas novas, teatro, literatura, cinema, o que iria ou não dar certo. Aprendemos uma forma mais descontraída de pensar, escrever e falar. Transávamos tudo, sendo que nesse tempo transar signifi-

ARQUIVO PESSOAL

TUDO O QUE IMPORTA
Eclética, a primeira RS Brasil cobria de Beatles e Bob Dylan a Luiz Gonzaga e Tom Jobim

cava fazer tudo, relacionar-se com tudo, não tinha apenas o sentido sexual. Ler a *Rolling Stone* era estar antenado com o mundo, não importava onde você estivesse. Aliás, quanto mais longe do centro cosmopolita, melhor. Você podia olhar para o céu e ver as estrelas, sentir o cheiro do sereno, e se tivesse uma ajuda alucinógena, viajar. E essa viagem poderia se dar sem sair do lugar. Hoje o racionalismo não permite entender aquela proposta, mas naquele verão não havia dúvidas. A cena musical que começou com o fantástico disco de Gal Costa (*A Todo Vapor*) terminou com o lançamento de um encontro antológico registrado ao vivo: Chico Buarque e Caetano Veloso juntos. Nada poderia ser melhor. "1972 acabou sendo um ano de total redenção da música brasileira", dizia um dos editoriais da *Rolling Stone*. Mas desde o número 34, algo de estranho estava acontecendo.

"A *RS* americana cobrava royalties que nunca foram pagos. Depois de não sei quantos meses, eles pararam de nos mandar material – fotos e textos que vinham todas as quinzenas. A partir daí, tínhamos que simplesmente roubar – o que não nos incomodava, pois éramos alternativos e acreditávamos na propriedade coletiva de tudo. Por idéia do Lapi [*ilustrador e editor de arte*] ou do Joel Macedo ou de ambos, a confissão 'Pirata' passou a aparecer abaixo do logotipo. A pirataria era um valor positivo na contracultura", diz Maciel.

Os editores pediam aos leitores que tivessem paciência, como dizia a nota "Rolling rolando", publicada na edição 36: "Mais uma vez fomos obrigados a mudar o dia da saída da *RS* nas bancas. Vamos ver se dá pra segurar. Se não der, vocês – *please, please,* – segurem por nós mais uma vez". No mesmo número, um comunicado da Phonogram, assinado por André Midani, dizia: "A quem interessar possa. Declaramos que temos o maior interesse em que o trabalho desenvolvido pela revista *Rolling Stone* no ano de 1972 prossiga, com a mesma ênfase durante o ano de 1973. Sendo a única revista especializada na rock music e na pop music, consideramos indispensável que as companhias gravadoras e as indústrias eletrônicas dêem o devido apoio a esse empreendimento".

Parecia um réquiem. Seria o fim? Renovei minha assinatura e escrevi uma carta, não me lembro bem o conteúdo, tentando dar uma força: "Oi, amizades, a revista não pode deixar de exis- tir, estou aqui, não vivo sem ela, sou leitor, gosto, divulgo". Esta carta, acompanhada de uma foto minha, na beira de uma estrada, com mochila nas costas, nunca foi publicada. Foi mesmo o último número daquela *Rolling Stone* no Brasil. Felizmente, a pedra continuou rolando até hoje.

O JORNALISTA ANTÔNIO DO AMARAL ROCHA ESCREVEU SOBRE MÚSICA BRASILEIRA NA *RS BRASIL* DE 2006 A 2017.

REPRODUÇÃO

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
Jay Penske, **CHAIRMAN AND CEO**
George Grobar, **CHIEF OPERATING OFFICER**
Debashish Ghosh, **MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS**
Gurjeet Chima, **ASSOCIATE VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS**
Francesca Lawrence, **ASSOCIATE DIRECTOR, INTERNATIONAL BRAND & PARTNERSHIP OPERATIONS**

ROLLING STONE USA

Gus Wenner, **PRESIDENT AND CHIEF OPERATING OFFICER**
Noah Shachtman, **EDITOR IN CHIEF**
Sean Woods, **EXECUTIVE EDITOR**
Lisa Tozzi, **DIGITAL DIRECTOR**
Joseph Hutchinson, **CREATIVE DIRECTOR**
Catriona Ni Aolain, **DIRECTOR OF CREATIVE CONTENT**

Jann S. Wenner, **FOUNDER AND EDITORIAL DIRECTOR**

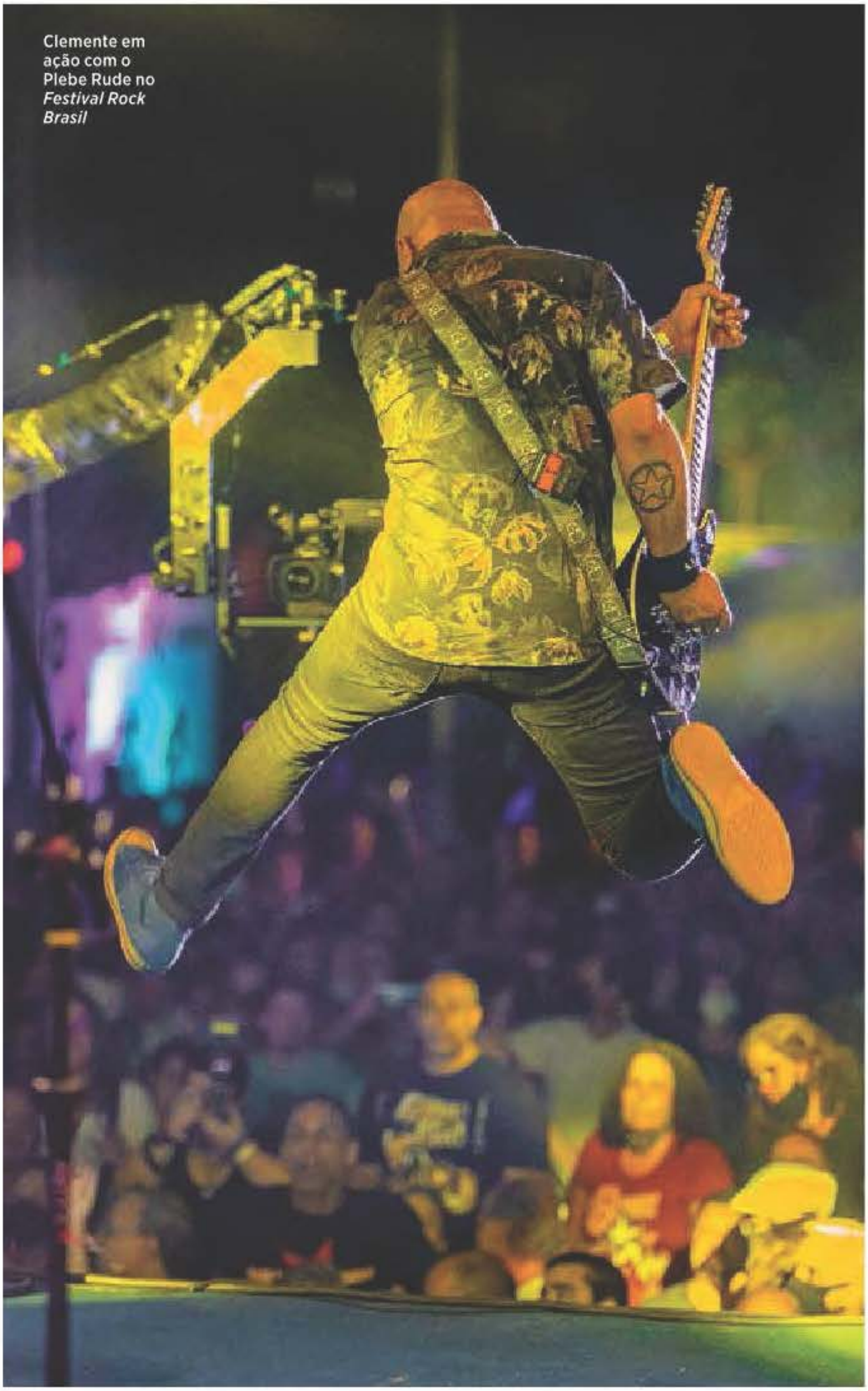
RollingStone
BRASIL

PUBLISHER: Luis Fernando Maluf

DIRETOR DE CONTEÚDO:
Ademir Correa
EDITOR CONVIDADO:
Pablo Miyazawa
DIRETOR DE ARTE:
Daniel S. B. Mangione
DIRETOR COMERCIAL: Márcio Maffei
DIRETOR DE PUBLICIDADE:
Willian Hagopian
EXECUTIVOS DE CONTAS: Conceição Augusto, Mari Angela Reis, Mariana Denani, Michele Brito, Francisco Netto e Wagner Santos
PRODUÇÃO GRÁFICA: Valter Santos

SPRING

Copyright © 2022 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.



Clemente em ação com o Plebe Rude no *Festival Rock Brasil*

DIEGO PADILHA

Playlist

Acesse o QR Code acima para experimentar a nossa playlist completa no Spotify (e tente aproveitá-la no modo Shuffle!).

Acompanhe nossas redes sociais.

www.vikingbrand.com.br
@viking.brand

AUTHENTIC MAN
VIKING

ROUTE 66
Feel the Freedom™

ELEITO E PREMIADO
O MELHOR PERFUME MASCULINO
DA AMÉRICA LATINA

VENCEDOR DO PRÊMIO DE ATUALIDADE COSMÉTICA

A MAIOR MARCA DE PRODUTOS PARA O HOMEM
BARBA | CABELO | BARBEAR | TATTOO | KITS PRESENTE

COM LICENCIAMENTOS INTERNACIONAIS

EDIÇÃO 3 >> R$ 29,90
9 788562 921063

IF YOU NEED

GLOWSHINE